

INSTITUTO SUPERIOR ANÍSIO TEIXEIRA

Alana Ariadne dos Santos Oliveira

**O INGLÊS VERNACULAR AFRO-AMERICANO  
NA TRADUÇÃO DO LIVRO *PUSH* PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO**

São Gonçalo – RJ  
2018

Alana Ariadne dos Santos Oliveira

**O INGLÊS VERNACULAR AFRO-AMERICANO  
NA TRADUÇÃO DO LIVRO *PUSH* PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Letras Tradução Português-Inglês do Instituto Superior Anísio Teixeira – ISAT como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras Português-Inglês.

Orientador: Prof. M.<sup>e</sup> José Manuel da Silva

São Gonçalo – RJ  
2018

Alana Ariadne dos Santos Oliveira

**O INGLÊS VERNACULAR AFRO-AMERICANO  
NA TRADUÇÃO DO LIVRO *PUSH* PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Letras Tradução Português- Inglês do Instituto Superior Anísio Teixeira – ISAT como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras Português-Inglês.

Orientador: Prof. M.<sup>e</sup> José Manuel da Silva

---

Prof. M.<sup>e</sup> José Manuel da Silva – ISAT

---

---

São Gonçalo, RJ, 13 de julho de 2018.

## DEDICATÓRIA

À minha filha, Aurora Oliveira Ramalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. M.<sup>e</sup> José Manuel da Silva pela orientação, pelas correções e pela compreensão, que tornou este trabalho possível. Aos meus pais, Eliseu de Oliveira Filho e Nádia Maria dos Santos Oliveira, pelo carinho, apoio incondicional e incentivo. À minha irmã, Aline dos Santos Oliveira, pelo apoio emocional e companheirismo. Ao meu avô, Eliseu de Oliveira, por todo o suporte que contribuiu para que eu alcançasse esta etapa.

*Without translation, we would be living in provinces bordering on silence.*  
George Steiner

## RESUMO

A tradução literária exige conhecimento aprofundado da língua original e de procedimentos técnicos por parte do tradutor. Em se tratando de variedades não padrão, este processo pode, ainda, envolver obstáculos adicionais. Este trabalho tem por objetivo analisar a tradução do Inglês Vernacular Afro-Americano, variedade não padrão do inglês americano presente no livro *Push*, da autora Sapphire, para a edição brasileira, *Preciosa*. Serão analisadas traduções de trechos da obra que contenham características específicas desta variedade, buscando determinar de que forma tais características foram traduzidas na língua de chegada.

**Palavras-chave:** inglês vernacular afro-americano. português brasileiro. tradução literária. *Push*. *Preciosa*. Sapphire.

## **ABSTRACT**

Literary translation requires thorough knowledge of the source language and the technical procedures it involves. As regards non-standard varieties, this process may also involve additional barriers. This work aims to analyze the translation of African American Vernacular English, a non-standard variety of American English in the book *Push* by Sapphire, in the Brazilian edition. Passages of the book containing specific characteristics of this variety will be analyzed in order to determine how such characteristics were translated in the target language.

**Key words:** African American Vernacular English. Brazilian Portuguese. literary translation. *Push*. Sapphire.



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Diferença entre os dialetos sociais .....38

FIGURA 2 – Diferença entre os níveis de fala .....39

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Descrições articulatórias de /t/, /d/, /f/ e /v/.....	47
QUADRO 2 – Descrições articulatórias dos sons de <u>th</u> .....	48
QUADRO 3 – Palavras com som de <u>th</u> .....	48
QUADRO 4 – Sufixo -ing como <u>n</u> .....	51
QUADRO 5 – Auxiliary/copular verb <i>be</i> .....	53
QUADRO 6 – <i>Simple present</i> no IVAA.....	55
QUADRO 7 – Uso de características de variedades não padrão.....	112

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – População do Brasil por etnia do século XVI ao século XIX.....	66
---	----

## **LISTA DE SIGLAS**

IVAA – Inglês Vernacular Afro-Americano

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	13
2 AUTORA E OBRA .....	15
2.1 Sapphire .....	15
2.2 Push .....	16
3 TRADUÇÃO .....	19
3.1 História, teoria e função .....	19
3.2 Tradução literária: os desafios e o papel do tradutor .....	21
4 LÍNGUA E VARIAÇÃO .....	31
4.1 Língua, fala e linguagem .....	31
4.2 Sociolinguística e variação .....	33
4.2.1 <i>Variedades geográficas e variedades socioculturais</i> .....	36
4.2.1.1 <u>Variação, preconceito linguístico e poder</u> .....	39
4.2.1.2 <u>Variação, preconceito linguístico e representatividade na literatura</u> ..	41
5 AFRODESCENDÊNCIA NA LÍNGUA .....	44
5.1 Inglês vernacular afro-americano .....	44
5.1.1 <i>Características fonéticas e fonológicas</i> .....	46
5.1.2 <i>Características morfossintáticas</i> .....	52
5.2 Variedades do português brasileiro .....	63
5.2.1 <i>Crioulização e transmissão irregular</i> .....	65
6 A TRADUÇÃO DO INGLÊS VERNACULAR AFRO-AMERICANO .....	69
6.1 Características fonéticas e fonológicas .....	70
6.2 Características morfossintáticas .....	85
7 CONCLUSÃO .....	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	114

## 1 INTRODUÇÃO

A tradução literária é uma atividade que envolve vários processos e na qual o tradutor pode vir a enfrentar alguns desafios. Segundo Brito (2012), o tradutor precisa levar em consideração inúmeros fatores, como sintaxe, possíveis conotações, vocabulário, nível de formalidade, entre outros aspectos da obra original, para conseguir produzir um bom trabalho. Ainda segundo Brito (2012, p. 51), “a tradução é, por definição, a operação de leitura mais cuidadosa que se pode imaginar”. Dessa forma, para fazer um bom trabalho, o tradutor deve conhecer profundamente a língua de partida, para que seja capaz de compreender os possíveis recursos literários presentes na obra a ser traduzida. Além disso, dependendo das diferenças entre a língua de partida e a língua de chegada, o processo pode ser ainda mais complexo.

O livro *Push – Preciosa*, na edição brasileira –, obra analisada neste trabalho, apresenta características que podem ser desafiadoras para um tradutor literário. A obra tem como uma de suas características mais marcantes o uso de uma variedade não padrão, o Inglês Vernacular Afro-Americano (IVAA), o que pode apresentar obstáculos durante o processo tradutório, caso o tradutor não compreenda suas particularidades.

O Inglês Vernacular Afro-Americano é uma variedade linguística bastante conhecida pelo mundo anglófono e tem um papel importante na representatividade da cultura e da história afro-americana. Popularmente conhecido como *Black English*, o IVAA faz-se presente em diferentes produções artísticas e literárias e se diferencia do inglês americano padrão devido a inúmeras características. De acordo com Green (2002), há controvérsias quanto às origens do IVAA: alguns linguistas acreditam que essa variante tem origens nas línguas crioulas e outros que ela tem raízes na língua inglesa. De acordo com Rickford (2003), quando se trata do IVAA, muitas pessoas pensam que a variedade envolve apenas gírias populares entre adolescentes e jovens americanos, principalmente entre os admiradores de estilos musicais como o rap e o hip hop; este trabalho mostrará que o IVAA possui várias características que vão muito além do léxico, desmitificando a noção de que esse dialeto se resume a gírias.

Este trabalho tem como objetivo analisar a tradução das características do IVAA no livro *Push*, de forma a comparar a tradução com variedades de baixo

prestígio no português brasileiro. Por se tratar da análise de uma variedade não padrão, faz-se necessário discutir conceitos relacionados à língua e suas variações, principalmente de acordo com as considerações da Sociolinguística, bem como examinar alguns conceitos que envolvem o trabalho de tradução literária. Este trabalho utiliza como base principal os textos de GREEN (2002), que aborda as principais características do IVAA, Britto (2012), que analisa a tradução literária e o papel do tradutor literário, e Preti (1997), que faz importantes considerações acerca de variedades linguísticas.

O capítulo 2 deste trabalho apresenta informações pertinentes sobre Ramona Lofton, conhecida como Sapphire e autora do romance *Push*, bem como aponta as características principais da obra.

O capítulo 3 traz considerações acerca da tradução literária, dos desafios enfrentados pelo tradutor e de procedimentos técnicos de tradução.

O capítulo 4 apresenta conceitos relacionados à língua, linguística e variação, tendo como foco as proposições da Sociolinguística.

O capítulo 5 deste trabalho abordará alguns conceitos sobre origem e características do IVAA, além de sua relação com o inglês americano padrão e sua definição como variante linguística. O capítulo 5 também apresentará algumas considerações relativas ao português brasileiro, contendo um breve histórico sobre sua formação e variedades.

O capítulo 6 apresenta a análise da tradução do livro *Push* para a edição brasileira, com o objetivo de discutir as escolhas do tradutor e os recursos utilizados, de forma a verificar se o tradutor utilizou elementos característicos de uma variedade não padrão na obra traduzida.

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa, pois apresenta fatos e análises. Segundo seus objetivos, este trabalho configura uma pesquisa exploratória, pois, de acordo com Gil (2002), "tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. [...] tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições". Segundo os procedimentos técnicos utilizados, é uma pesquisa bibliográfica, visto que é "desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". (GIL, 2002).

## 2 AUTORA E OBRA

O romance *Push* (*Preciosa*, na edição brasileira) já foi traduzido para 11 línguas e adaptado para peças de teatro nos Estados Unidos e na Europa (SAPPHIRE, 1997). No entanto, apenas em 2009, após o lançamento de *Precious* (*Preciosa: Uma História de Esperança*, lançado em 2010 no Brasil), adaptação cinematográfica do romance, a obra ficou popularmente conhecida pelo mundo. Produzido por Oprah Winfrey e dirigido por Lee Daniels, o filme venceu o Oscar de melhor roteiro adaptado em 2010 (IMBD, 2010). Este capítulo tem como objetivo apresentar alguns detalhes sobre a autora e sua obra.

### 2.1 Sapphire

Sapphire, pseudônimo de Ramona Lofton, é uma escritora, poeta e artista performática nascida em 4 de agosto de 1950, no estado da Califórnia, nos Estados Unidos. Sua mãe era enfermeira do exército americano e seu pai era sargento do exército, o que levou Sapphire a morar em bases militares de várias cidades do mundo durante sua infância. Quando criança, Sapphire foi abusada pelo pai e, quando adolescente, abandonada pela mãe. Em 1977, mudou-se para Nova York, onde trabalhou como mediadora familiar na Children's Aid Society e como dançarina de clubes noturnos. Em 1983, Sapphire obteve sua graduação em dança moderna pelo City College of New York. Entre 1987 e 1993, trabalhou como professora em um programa de alfabetização de adultos no Harlem, Nova York, o que a inspirou a escrever *Push*, seu primeiro romance, lançado em 1996 nos Estados Unidos. Sapphire começou a escrever a obra após abandonar o emprego de professora para cursar o Mestrado em Escrita Criativa no Brooklyn College (COHEN, 2010; MARVEL, 1996; SUMMERS, 2009).

Antes de ser aclamada por *Push*, Sapphire lançou duas coleções de poesias: *Meditations on the Rainbow*, em 1987, e *American Dreams*, em 1994; esta última foi reconhecida pela *Publishers Weekly* como uma das obras mais fortes dos anos 1990 (SAPPHIRE, 1997; SUMMERS, 2009). Em 1999, três anos após o lançamento de *Push*, a autora lançou outra coleção de poesias, com o título *Black Wings & Bling Angels* (SUMMERS, 2009). Em 2011, Sapphire lançou *The Kid* (*O Garoto*, na edição



brasileira, lançada em 2015), romance que conta a história de vida de Abdul, filho mais novo da personagem Precious, protagonista de *Push* (COLE, 2015).

## 2.2 Push

O romance é protagonizado por Claireece Precious Jones, uma adolescente negra que vive no bairro do Harlem, em Nova York. O livro é narrado em primeira pessoa e os acontecimentos têm início em 1987. Precious, como gosta de ser chamada, tem 16 anos e está cursando o nono ano em uma escola pública do Harlem. A adolescente tem uma filha com Síndrome de Down e está grávida do segundo filho, ambos resultado dos abusos sexuais por parte do próprio pai de Precious. Além disso, a mãe de Precious também comete atos de violência contra a adolescente, como abusos sexuais, físicos e psicológicos.

Quando a professora e assistente social da escola, Sra. Lichenstein, descobre que Precious está grávida novamente, decide suspendê-la e recomenda que a adolescente se matricule em uma escola alternativa. Precious, então, começa a frequentar a escola Cada Um Ensina a Um, onde conhece a Srta. Rain, a professora que mudará sua vida ao ensiná-la a ler e escrever, além de outras alunas que também já passaram por situações de violência.

Após dar à luz o seu filho Abdul, Precious finalmente sai de casa e, com a ajuda da Srta. Rain, encontra um abrigo para morar com seu filho. Alguns meses depois, a mãe de Precious a visita para lhe contar que Carl, seu pai, morreu de AIDS. Apesar de ficar feliz com a notícia do falecimento de seu algoz, Precious e seus filhos agora precisam fazer o teste de HIV. Precious, então, descobre que é soropositiva.

O livro recebeu muita atenção da crítica por abordar vários aspectos sociais. Além disso, o romance contém diversos gêneros e tipos textuais, bem como características linguísticas singulares. Alguns desses elementos da obra estão listados a seguir.

- **Aspectos sociais**

**Educação.** O livro aborda o problema da educação de jovens negros no bairro do Harlem. No início da narrativa, Precious estuda em uma escola pública e,

apesar de ter 16 anos, ainda está no nono ano e é analfabeta funcional. A adolescente só consegue aprender a ler e escrever depois que sai da sala de aula lotada de alunos da escola pública comum e passa a frequentar a escola alternativa. Por ter uma quantidade menor de alunos em sala de aula e um objetivo diferente da escola pública, a nova escola, especificamente a Srta. Rain, consegue dar a devida atenção que Precious precisava.

**Racismo.** Ao contar a história de vida de Precious, o romance aponta, de forma clara, o problema do racismo estrutural e como ele impõe obstáculos na vida de pessoas negras, principalmente pobres, na sociedade americana.

**Abuso sexual e incesto.** Precious começou a ser abusada pelo pai aos três anos de idade. Além da protagonista, o livro também contém a história de Rhonda Patrice Johnson, colega de classe de Precious, que foi abusada pelo irmão quando adolescente.

**Maternidade na adolescência.** Precious teve sua primeira filha aos 12 anos e, com 16, engravidou do segundo filho.

**Homofobia.** Em um trecho do livro, Sapphire apresenta ao leitor as reflexões preconceituosas da própria protagonista ao desconfiar que uma das colegas de classe, Jermaine Hicks, é lésbica: "Epa! Ela é esquisitona mesmo. Vou um pouquinho pra longe dela. Não quero ninguém fazendo ideia errada sobre *mim*". (SAPPHIRE, 2014, p. 61). Precious posteriormente descobre que a Srta. Rain, sua professora, também é lésbica.

**Violência doméstica.** A mãe da adolescente, além de abusar sexualmente dela, insulta e bate na filha constantemente.

#### • Gêneros e tipos textuais

**Narrativa.** O livro, em sua maior parte, é construído por uma narrativa em primeira pessoa.

**Diário.** Precious e as outras alunas da escola alternativa, a pedido da Srta. Rain, usam seus cadernos como diário e escrevem todo dia.

**Carta.** Quando está internada no hospital, após dar à luz seu filho, Abdul, Precious escreve cartas para a Srta. Rain em seu caderno. A Srta. Rain também responde as cartas de Precious no caderno da aluna.

**Relatos.** Ao final do livro, Sapphire apresenta o livro de classe da turma de Precious, que contém as histórias de vida de suas colegas de classe, Rita Romero, Rhonda Patrice Johnson e Jermaine Hicks, escritas em prosa, em primeira pessoa.

#### • Características linguísticas

**Erros de ortografia.** Precious apresenta vários erros de ortografia quando escreve em seu caderno. Os erros são corrigidos pela Srta. Rain. Exemplo: "Ms. Rain tell me to koncentrate on my story." (SAPPHIRE, 1997, p. 98), trecho traduzido na edição brasileira como "A Srta. Rain diz pra eu me cocentrar na minha história". (SAPPHIRE, 2014, p. 113).

**Malapropismo.** De acordo com Fay e Cutler (1977, p. 505-520, apud ILIOVITZ, 2001, p. 28):

[...] malapropismo é um lapso da língua caracterizado por substituições de palavras foneticamente semelhantes com significados diferentes. A seleção errônea é uma palavra existente no léxico que não tem nenhuma relação semântica com a palavra-alvo, mas sim uma pronúncia semelhante a ela.

Um exemplo de malapropismo no romance é quando Precious usa a palavra *insect* para se referir a *incest* (SAPPHIRE, 1997, p. 123) – traduzidas na edição brasileira por "inseto" e "incesto", respectivamente (SAPPHIRE, 2014, p. 141).

**Inglês Vernacular Afro-Americano (IVAA).** Ao longo da narrativa, o IVAA está presente na linguagem de Precious e de outros personagens. A variedade também está presente nas falas de personagens não negros, como sua colega Rita Romero, que é porto-riquenha, mas nasceu no Harlem. De acordo com Paakkinen (2013, p. 55), é possível que Rita tenha adquirido essa variedade linguística por ter crescido em um ambiente em que outras pessoas falam a variedade.

Para fins deste trabalho, que tem como objetivo analisar a tradução de elementos específicos do IVAA no livro *Push*, serão consideradas apenas as características linguísticas, com foco no IVAA. O capítulo 5 aborda detalhadamente as propriedades particulares dessa variação.

O próximo capítulo aborda alguns conceitos relativos à tradução, especificamente a tradução literária.

### 3 TRADUÇÃO

A palavra tradução (*traductione*, no latim), em sua etimologia, tem como significado “ato de conduzir além, de transferir”. (ARROJO, 2007). O verbo traduzir, do latim *traducere*, por sua vez, tem como definição “conduzir ou fazer passar de um lado para o outro”. (CAMPOS, 1986, p. 7). Isoladamente, tais acepções podem parecer corretas, principalmente para um leigo. No entanto, quando se levam em consideração todas as complexidades que envolvem o processo tradutório e as divergências teóricas entre os estudiosos de tradução, tais definições não podem ser consideradas apropriadas ou suficientes. Neste capítulo, serão elucidados alguns conceitos relativos à tradução, sua teoria e o papel do tradutor, além de aspectos inerentes à tradução literária.

#### 3.1 História, teoria e função

Antes mesmo da invenção da escrita, os povos que falavam línguas diferentes se comunicavam por meio de intérpretes (BRITTO, 2012). Em 1799, foi descoberto o primeiro registro da tradução escrita: a Pedra de Rosetta, um fragmento de basalto encontrado no rio Nilo. No fragmento, havia três versões de um mesmo texto: na forma hieroglífica do antigo Egito, na variante popular egípcia da época e em grego antigo (CAMPOS, 1986). Apenas no período romano, no entanto, começaram a surgir teorias sobre tradução, visto que os romanos dedicavam-se a traduzir textos do grego para o latim. A partir desse momento, muito se discutiu sobre essa atividade, mas somente em 1970 a tradução tornou-se uma área de estudos. A tradução literária era estudada no campo dos estudos literários e a tradução técnica, por sua vez, no campo da linguística. Em 1980, o campo de estudos da tradução ganhou mais autonomia à medida que surgiram novas teorias que questionavam algumas crenças e preconceitos disseminados sobre a tradução e reconheciam a relevância das obras traduzidas (BRITTO, 2012).

Uma crença ainda muito disseminada entre escritores e poetas é a ideia de tradução como “traição”. De acordo com essa visão da atividade, uma língua pode ser transposta com exatidão para outra língua, como uma operação mecânica de equivalência entre as palavras, desconsiderando qualquer influência temporal ou cultural. Dessa forma, haveria uma tradução exata, ideal, perfeita. Uma vez que as

traduções, na prática, não satisfazem tais exigências, o resultado é classificado como imperfeição ou “traição” (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2013).

Dentro do campo de estudos da tradução, a atividade é definida de diversas formas, por diferentes teóricos. John Cunnison Catford, um teórico e ensaísta inglês, defende que a tradução é “a substituição de material textual de uma língua por material textual equivalente em outra”. (CATFORD, 1980, p. 22 apud ARROJO, 2007, p. 12). Eugene Nida, outro teórico importante dos estudos de tradução, reforça essa visão objetiva da atividade. Segundo Arrojo (2007), Nida compara as palavras de um texto às cargas dos vagões de um trem: não importa como estão distribuídas as cargas entre os vagões, nem as sequências dos vagões, mas sim que as cargas cheguem a seu destino. De acordo com essa analogia, o que importa no processo tradutório é que “os componentes significativos do original alcancem a língua-alvo, de tal forma que possam ser usados pelos receptores”. (ARROJO, 2007, p. 12). Arrojo (2007) confronta essa visão, a qual chama de tradicionalista, sobre o processo tradutório e explica:

[...] traduzir não pode ser meramente o transporte, ou a transferência, de significados estáveis de uma língua para a outra, porque o próprio significado de uma palavra, ou de um texto, somente poderá ser determinado, provisoriamente, através de uma leitura. (ARROJO, 2007, p. 23).

De acordo com Arrojo (2007, p. 23), o texto não é um objeto estável e sim “uma máquina de significados em potencial”. Além disso, por se tratar de uma leitura, a atividade da tradução é produtora de significados, e não protetora dos significados “originais” de um texto, uma vez que seria impossível protegê-los (ARROJO, 2007, p. 24). Arrojo (2007) defende que é impossível resgatar o sentido “original” de um texto e acrescenta:

[...] mesmo que considerássemos o autor o “pai absoluto” do texto que lemos ou traduzimos, ele será irremediavelmente nosso “convidado” nessa empresa; sua atuação, sua própria “presença” nesse projeto, dependerá sempre do papel que, explícita ou implicitamente, lhe outorgarmos. (ARROJO, 2007, p. 41).

Britto (2012), por sua vez, confronta alguns conceitos defendidos por Rosemary Arrojo e outros teóricos contemporâneos, como a “noção aberta de ‘textualidade’, em que autores-tradutores-adaptadores produzem textos que são apenas textos, com graus variáveis de autonomia e distinção em relação a outros

textos”. (BRITTO, 2012, p. 22). Além disso, o autor argumenta que, se não há como manter o sentido “original” de um texto, “a própria ideia de fidelidade ao original cai por terra”. (BRITTO, 2012, p. 24). O conceito de fidelidade na tradução será discutido mais detalhadamente na seção 2.2.

Britto, por outro lado, não concorda com a visão tradicionalista da tradução e justifica:

Traduzir – principalmente traduzir um texto de valor literário – nada tem de mecânico: é um trabalho criativo. O tradutor não é necessariamente um traidor; e não é verdade que as traduções ou bem são belas ou bem são fiéis; beleza e fidelidade são perfeitamente compatíveis. (BRITTO, 2012, p. 19).

De acordo com Delisle (2016), a função principal da tradução é dar acesso às obras estrangeiras, pois, independentemente da língua, sempre haverá menos leitores aptos a compreender a língua de uma obra original do que os leitores potenciais da obra. Além disso, a tradução pode ter uma função estilística, pois os tradutores introduzem novas estruturas sintáticas, influenciadas pela língua da produção original, colaborando, assim, com o enriquecimento da língua-alvo. A tradução também tem uma função literária, pois as obras traduzidas importam gêneros estrangeiros na literatura receptora. Delisle (2016) destaca outras funções da tradução:

**Exploradora.** Revelar as possibilidades encobertas de uma língua-alvo.  
**Reatualizadora.** Modernizar obras antigas retraduzidas tornando-as novamente pertinentes.  
**Analítica.** Tornar manifestas as estruturas ocultas de um texto submetido à crítica literária.  
**Estética.** Renovar as formas de expressão.  
**Cultural.** Enriquecer uma cultura de aportes estrangeiros diversos.  
**Recuperadora.** Conservar obras cujos originais se perderam.  
**Importadora.** Revelar a uma sociedade produções textuais estrangeiras.  
 [...]  
**Sociopolítica.** Estabelecer um equilíbrio linguístico, graças ao colinguismo, em países compostos de vários grupos linguísticos. (DELISLE, 2016, p. 18).

### 3.2 Tradução literária: os desafios e o papel do tradutor

De acordo com Britto (2012, p. 45-46), estabelecer os limites de classificação entre o literário e o não literário é uma tarefa difícil, e raramente será feita com perfeição, mas é necessária. Britto (2012) acrescenta que é possível imaginar um contínuo, no qual estão todos os tipos de textos existentes e, assim, visualizar seus dois extremos: de um lado, os poemas, os contos e os romances, que seriam

certamente classificados como literários; de outro, os manuais de instrução, os regulamentos, as bulas de remédio e as leis, que ninguém classificaria como literários. No entanto, o autor faz algumas ressalvas: na antiguidade, era comum usar linguagem poética para redigir textos considerados científicos. Os relatórios de Kafka, produzidos no tempo em que trabalhava em uma empresa de seguros, são consumidos por seu público como literatura. Além disso, os textos filosóficos seriam difíceis de ser classificados. Kant, por exemplo, escrevia textos com termos técnicos considerados rigorosos. Nietzsche, por outro lado, tinha um estilo mais sofisticado. Freud foi contemplado com um prêmio literário. Essas limitações, no entanto, como defende Britto (2012), não são suficientes para descartar as classificações entre literário e não literário.

Para definir precisamente o que é tradução literária, é preciso definir primeiro o que é literariedade. Britto (2012, p. 47) propõe o conceito adotado por Jakobson, no artigo *Linguística e poética*:

[...] chamemos de “função poética” – deixando claro que “poética” aqui tem um sentido mais amplo, que abrange toda a literatura, e não só os textos em versos – aquele aspecto da comunicação verbal que enfatiza não o conteúdo do que se diz, nem os pensamentos de quem fala, nem o efeito sobre aquele com quem falamos, nem nenhum dos outros componentes da comunicação, mas sim a própria mensagem em si. (BRITTO, 2012, p. 47).

Assim sendo, o texto literário é aquele que, mesmo que tenha outras funções, tem como função principal o seu valor estético. A tradução literária é, portanto, “a tradução que visa recriar em outro idioma um texto literário de tal modo que sua literariedade seja, na medida do possível, preservada”. (BRITTO, 2012, p. 47). Isso significa que um tradutor literário, ao traduzir um romance, deve ter como resultado do seu trabalho um romance. Da mesma forma, o resultado da tradução de um poema deve ser um poema, com efeitos análogos das características particulares do poema, como rima e efeitos musicais. Se o texto original tem como objetivo fazer o público leitor rir, a tradução literária desse texto deve surtir o mesmo efeito. Por fim, se uma obra é conhecida por ser complexa, peculiar ou causar estranhamento em sua cultura de origem, a tradução dessa obra deve causar o mesmo efeito no leitor da tradução (BRITTO, 2012). Ainda de acordo com Britto (2012, p. 49):

[...] o tradutor de uma obra literária não pode se contentar em transportar para o idioma-meta a teia de significados do original: há que levar em conta também a sintaxe, o vocabulário, o grau de formalidade, as conotações e muitas outras coisas.

Diante desse contexto, o tradutor enfrenta alguns desafios para produzir uma tradução que satisfaça tais exigências. Assim sendo, é preciso definir alguns desses desafios para melhor compreender o papel do tradutor na tradução literária.

Um desafio comum encontrado pelos tradutores literários é a questão da intraduzibilidade. De acordo com Britto (2012), os casos de intraduzibilidade de uma língua se dão de diversas maneiras, tanto no campo do léxico, quanto da gramática. Campos (1986) usa as ideias de John Cunnison Catford, ensaísta inglês citado no início deste capítulo, para explicar os conceitos de intraduzibilidade linguística e intraduzibilidade não linguística ou cultural. Como exemplo de intraduzibilidade linguística, tem-se a palavra “saudade”. Apesar de ser perfeitamente possível recriar em outra língua uma construção que defina esse sentimento, essa tarefa não será possível utilizando apenas uma palavra que corresponda exatamente ao sentido de “saudade”. Britto (2012) exemplifica a intraduzibilidade linguística no campo do léxico com a palavra inglesa *gossamer*, fragmentos das teias de aranha que são quase imperceptíveis, exceto quando refletem a luz do sol. Não existe uma palavra correspondente em português, embora as teias de aranha do Brasil e de todos os lugares do mundo também produzam tais fragmentos.

No campo da gramática, Britto (2012, p. 77) observa que muitas vezes a língua-fonte possui apenas uma forma verbal, enquanto a língua de chegada possui mais de uma. Como exemplo, o autor aponta o verbo *be*, da língua inglesa. Em português, esse verbo pode ser traduzido como “ser” ou “estar”. “O inglês, como quase todas as línguas, não tem verbos específicos que correspondam a esses dois conceitos que para nós, falantes do português e do espanhol, contrastam de maneiras tão evidentes.” (BRITTO, 2012, p. 77). Além disso, “[...] um verbo inglês no passado simples ora se traduz pelo perfeito, ora pelo imperfeito; [...]”. (BRITTO, 2012, p. 79).

Em relação à intraduzibilidade não linguística, resultante das diferenças culturais entre os idiomas, Britto (2012) argumenta que a dificuldade pode ir além do objeto concreto, material, e exemplifica com a palavra “desconfiômetro”, na frase “Fulano não usa desconfiômetro”. Não existe na língua inglesa uma palavra que corresponda exatamente ao sentido de “desconfiômetro”. Neste caso, o tradutor estaria diante de duas opções: traduzir o sentido geral da frase ou explicar o significado de “desconfiômetro”.



Outro desafio que os tradutores literários precisam enfrentar é em relação à questão da fidelidade ao original. Segundo Rónai (2012, p. 150), “a fidelidade é outra das falácias da tradução”. Neste contexto, Rónai discute sobre o conceito de fidelidade como algo excepcional e descreve o processo como algo quase impossível de ser realizado. Rónai defende que:

O tradutor mais fiel, já disse, seria aquele que, graças a uma capacidade excepcional, estivesse em condições de esquecer as palavras da mensagem original e, logo depois, de lembrar-se de seu conteúdo, para reformulá-la na sua própria língua, da maneira mais completa. Claro, sua mente recortaria a mensagem em parcelas curtas para poder fixá-las, parcelas desiguais que seriam ora uma palavra só, ora uma frase, ora um parágrafo. E para a mensagem ser compreendida, ele trataria de conformá-la o mais possível aos usos, hábitos e regras de sua própria língua. (RÓNAI, 2012, p. 152).

Britto (2012), por sua vez, alega que a ideia de fidelidade é indispensável para a tradução. Apesar de concordar que uma tradução não pode ser inteiramente fiel ao texto original e que, como afirmam outros tradutólogos, uma mesma obra pode possibilitar leituras diferentes por pessoas diferentes, isso não deve ser usado como justificativa para descartar a meta de uma tradução fiel ao idioma estrangeiro. Britto (2012) defende que a meta de fidelidade absoluta é perfeitamente válida, mesmo que o tradutor saiba que ela nunca poderá ser atingida, e adverte:

[...] o que o tradutor literário precisa fazer é relativizar essa meta, e pensar: já que não posso recriar todas as características do original, tenho que ser seletivo e me fazer duas perguntas. A primeira é: quais as características mais importantes do texto, que devo tentar recriar de algum modo? E a segunda: quais as características do texto original não podem de algum modo ser recriadas? (BRITTO, 2012, p. 50).

A questão da visibilidade do tradutor também é um conceito bastante discutido entre os teóricos dos estudos de tradução. Lawrence Venuti, teórico norte-americano, defende que o tradutor deve se fazer visível em suas traduções, introduzindo, no texto, elementos que não estão na obra original e que causem estranhamento no leitor, de forma proposital, para que o leitor constate que não está lendo a obra original, mas sim uma tradução (BRITTO, 2012). Britto (2012) contrapõe-se a essa ideia, argumentando que essa atitude é antiética, e aponta:

Ele [o tradutor] tem todo o direito de se tornar visível, mas as maneiras apropriadas de fazê-lo são outras: exigir que seu nome apareça com destaque na folha de rosto, ou até mesmo na capa do livro; escrever e assinar um prefácio, ou um posfácio [...]. Mas ele não tem o direito de se tornar visível intervindo de modo ostensivo no texto do autor, para chamar a atenção do leitor que o que ele está lendo é uma tradução; ao agir assim, ele está violando o seu compromisso básico, que é o de se esforçar ao máximo para que, após ter lido sua tradução, o leitor possa afirmar, sem mentir, que leu o original. (BRITTO, 2012, p. 38).

Em relação aos métodos de tradução, Britto (2012) comenta sobre uma dicotomia cunhada pelo filósofo alemão Friedrich Schleiermacher. Segundo o filósofo, o tradutor tende a ser puxado por duas forças extremas, que fazem com que ele precise escolher entre duas estratégias opostas: de um lado, a estratégia que hoje em dia é chamada de domesticadora, e do outro, a estratégia que hoje em dia é chamada de estrangeirizadora. Supondo que precise traduzir para o português brasileiro uma obra inglesa do século XVIII, um tradutor teria duas opções: (1) domesticar, isto é, trazer o texto para o leitor brasileiro de hoje, utilizando um português contemporâneo e omitindo todas as marcas de linguagem características da obra original; ou (2) estrangeirizar, levando o leitor brasileiro de hoje à obra original, utilizando as marcas de linguagem características do inglês da antiguidade. Britto (2012, p. 62) confronta os argumentos de Schleiermacher e argumenta que o tradutor, na prática, tende a optar por uma posição intermediária entre essas duas estratégias.

Pois uma tradução radicalmente estrangeirizadora, que mantivesse a sintaxe do idioma-fonte e cunhasse um termo novo cada vez que não fosse encontrada uma palavra que traduzisse com exatidão um termo do original, provavelmente se tornaria ilegível, como essas traduções automáticas que fazemos através de sites da internet. Por outro lado, uma tradução que levasse a domesticação às últimas consequências também deixaria de ser uma tradução; se na minha tradução de um romance inglês do século XVIII eu transplantar a ação para o Brasil de agora, serei obrigado a fazer tantas mudanças que o texto resultante será uma outra obra, uma adaptação. (BRITTO, 2012, p. 62).

Nos últimos anos, entretanto, há uma tendência de tornar as traduções mais estrangeirizadoras, devido, dentre outros fatores, a uma preocupação com o conceito de autenticidade cultural: o leitor da atualidade quer ter a impressão de estar em contato com a cultura estrangeira ao ler uma obra traduzida, mesmo tendo a consciência de que está lendo uma tradução, não a obra original. Consequentemente, o tradutor literário contemporâneo procura produzir uma

tradução mais estrangeirizadora, honrando as escolhas do autor e as características particulares da obra original (BRITTO, 2012, p. 66).

Neste contexto, Britto (2012) ainda comenta sobre os desafios que o tradutor contemporâneo enfrenta ao tentar honrar as características da obra original, ou seja, o desafio de compreender até que ponto é viável reproduzir essas características da obra original na língua de chegada, considerando as restrições e particularidades dessa língua. Segundo o autor, o tradutor deve levar em conta os conceitos de “marcado” e “não marcado”, introduzidos por Roman Jakobson. De acordo com essa visão, uma obra pode conter um conjunto de elementos convencionais – o que é chamado de “não marcado” – da língua original, considerados normais pelos leitores nativos da obra. Esses elementos devem ser traduzidos de forma que causem o mesmo efeito na língua de chegada, ou seja, de modo a não causar estranhamento no leitor da tradução. Em contrapartida, se o autor da obra original usa artifícios que podem ser considerados incomuns, peculiares – o que é chamado de “marcado” –, causando, assim, estranhamento no leitor nativo, o tradutor da obra deve buscar reproduzir esses elementos, de maneira a provocar o mesmo efeito no leitor da língua de chegada (BRITTO, 2012, p. 67).

Dessa maneira, o tradutor precisa sempre estar atento às possíveis divergências entre a língua original e a língua de chegada para conseguir efetuar o seu trabalho de maneira satisfatória. Essas divergências, como visto anteriormente, podem ocorrer tanto no campo linguístico quanto no extralinguístico, ou até mesmo no estilo do texto original. Baseando-se em obras de outros teóricos da tradução e objetivando facilitar o trabalho do tradutor, Barbosa (1990) propõe a caracterização de procedimentos técnicos de tradução, organizados de acordo com as possíveis divergências e convergências entre as línguas trabalhadas em uma tradução. Tais procedimentos estão listados a seguir.

- **Quando há convergência linguística, extralinguística e de estilo**

**Tradução palavra-por-palavra:** consiste em traduzir cada vocábulo de forma a manter, na tradução, vocábulos semanticamente idênticos ao original, preservando, também, a ordem sintática.

Exemplo: *She wrote a letter to the teacher.* [Ela escreveu uma carta para a professora.]

Como pode ser observado, cada vocábulo da tradução corresponde a um vocábulo do original, e a ordem dos elementos sintáticos foi mantida.

**Tradução literal:** preserva a fidelidade semântica, mas altera a morfossintaxe de acordo com as normas gramaticais da língua de chegada.

Exemplo: *It is a known fact.* [É fato conhecido.]

No exemplo, manteve-se a fidelidade semântica; no entanto, a morfossintaxe foi alterada na tradução com a omissão do pronome *it* e do artigo indefinido *a* do inglês, visto que é desnecessário reproduzi-los na tradução.

- **Divergência no sistema linguístico**

**Transposição:** “consiste na mudança de categoria gramatical de elementos que constituem o segmento a traduzir”. (BARBOSA, 1990, p. 66). É um procedimento facultativo, usado muitas vezes por questões de estilo.

Exemplo: *She said apologetically.* [Ela disse desculpando-se.]

advérbio

verbo reflexivo

(ou)

[Ela disse como justificativa.]

adjunto adverbial

Na primeira proposta de tradução apresentada no exemplo, o advérbio *apologetically* do original foi traduzido por um verbo reflexivo (desculpando-se); na segunda proposta, foi traduzido como um adjunto adverbial (como justificativa).

**Modulação:** procedimento que busca reproduzir a mensagem do texto original, mas sob um ponto de vista diferente, levando em conta a percepção de realidade da língua de chegada.

Exemplo: *Like the back of my hand.* [Como a palma da minha mão.]

Neste exemplo, este procedimento é obrigatório, visto que a tradução literal não soaria natural em português, mas há casos em que este procedimento é facultativo (BARBOSA, 1990).

**Equivalência:** consiste em substituir um segmento textual da língua original por outro segmento na língua de chegada que, embora não o traduza literalmente,

tem função equivalente. Este procedimento é bastante utilizado em expressões idiomáticas, ditados populares e provérbios.

Exemplo: *God bless you!* [Saúde!]

*Truly yours.* [Atenciosamente]

- **Divergência de estilo**

**Omissão versus explicitação:** a omissão consiste em suprimir elementos da língua original na língua de chegada, enquanto a explicitação consiste no procedimento inverso. A omissão é bastante utilizada na tradução do inglês para o português, por exemplo, quando se trata dos pronomes pessoais (BARBOSA, 1990).

Exemplo: *It is raining.* [Está chovendo.]

Estou cansado. [*I am tired.*]

Como pode ser visto no exemplo, em inglês, os pronomes precisam ser usados com muito mais frequência, enquanto em português os pronomes podem, muitas vezes, ser omitidos. No processo inverso, ou seja, na tradução do português para o inglês, é necessário explicitar os pronomes, visto que são obrigatórios no inglês (BARBOSA, 1990).

**Compensação:** bastante usado na tradução de trocadilhos, este procedimento pode ser efetuado quando um recurso estilístico utilizado em um ponto do texto original não pode ser reproduzido no mesmo ponto na tradução. O tradutor, então, pode compensar essa perda de conteúdo introduzindo outro recurso estilístico em outro ponto do texto, de forma a produzir um efeito equivalente (BARBOSA, 1990).

**Reconstrução:** procedimento que consiste em reconstruir os períodos ou orações do original ao traduzi-los para a língua de chegada. “Na tradução do português para o inglês é muitas vezes necessário distribuir as orações complexas do português em períodos mais curtos em inglês.” (BARBOSA, 1990, p. 70).

**Melhoria:** consiste simplesmente em não reproduzir na tradução os erros existentes no texto original.

Exemplo: *This article are divided in four chapters The first chapter is about translation studies.* [Este artigo é dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo é sobre estudos da tradução.]

No exemplo, o texto original contém um erro de concordância verbal (*are* em vez de *is* para o sujeito *article*) e um erro de pontuação (falta de pontuação após *chapter*). A tradução, no entanto, não reproduz esses erros.

- **Divergência extralinguística**

**Transferência:** consiste em inserir material textual da língua original na língua de chegada. Este procedimento pode ser efetuado de quatro formas: (1) copiar uma palavra da língua original na tradução, caso em que se devem utilizar aspas, itálico ou sublinhado para destacar a palavra estrangeira (estrangeirismo ou empréstimo); (2) substituir uma convenção gráfica por outra, quando as línguas possuem alfabetos diferentes (transliteração); (3) adaptar o empréstimo à fonologia e à estrutura morfológica da língua de chegada (aclimatação); e (4) acrescentar ao estrangeirismo uma explicação, que pode seguir inserida no texto ou em forma de notas de rodapé, notas de fim de texto ou glossários (estrangeirismo + explicação) (BARBOSA, 1990).

**Explicação:** consiste em eliminar o estrangeirismo e substituí-lo pela explicação. Exemplo: em vez de *SAT*, utilizar “exame de avaliação a que se submetem estudantes norte-americanos ao final do segundo grau como requisito para a entrada nas universidades”. (BARBOSA, 1990, p. 75).

**Decalque:** consiste na tradução literal de sintagmas ou tipos frasais da língua original.

Exemplo: *task force* [força tarefa]

*textbook* [livro texto]

No exemplo, os tipos frasais são traduzidos literalmente do inglês para o português.

**Adaptação:** consiste em adaptar o texto da língua original quando este se refere a alguma situação que não faz parte da realidade extralinguística dos falantes da língua de chegada. Uma editora, por exemplo, pode exigir que o tradutor de um livro adapte nomes de cidades, personagens, tipos de alimentos, horários de refeições (que costumam mudar de uma cultura para outra) e esportes praticados para nomes mais comuns na realidade da língua de chegada (BARBOSA, 1990).

Dessa forma, é notável que o trabalho do tradutor envolva inúmeros fatores, que precisam ser levados em consideração durante o processo tradutório. Alguns desses fatores dizem respeito às características particulares das línguas envolvidas na tradução. O capítulo 4 aborda conteúdos relacionados à língua e à linguagem, bem como conceitos fundamentais da área da linguística, necessários para o melhor entendimento da variação analisada neste trabalho: o IVA.

## 4 LÍNGUA E VARIAÇÃO

Visto que este trabalho pretende analisar a tradução de uma variedade linguística – o Inglês Vernacular Afro-Americano (IVAA) –, é fundamental abordar os conceitos de variação e variedades linguísticas, de acordo com o ponto de vista da Sociolinguística. Antes, porém, é de extrema relevância apresentar os conceitos de língua, fala e linguagem pela perspectiva da linguística. Além disso, o final deste capítulo apresenta uma breve abordagem sobre a relação entre variações linguísticas e literatura.

### 4.1 Língua, fala e linguagem

De acordo com Costa et al. (2011, p. 20):

[...] a linguística tem um objeto de estudo próprio: a capacidade da linguagem, que é observada a partir dos enunciados falados e escritos. Esses enunciados são investigados e descritos à luz de princípios teóricos e de acordo com uma terminologia específica e apropriada. A universalidade desses princípios teóricos é testada através da análise de enunciados em várias línguas.

Dessa forma, o linguista procura observar a linguagem e, então, relacionar suas observações com uma teoria linguística. Com base nessa teoria, ele usa de métodos científicos para descrever a língua.

A língua é um instrumento de comunicação utilizado por membros de uma mesma comunidade. Em uma determinada comunidade linguística – a dos falantes do português, por exemplo – todos os membros conseguem se comunicar e se compreender graças à língua, um sistema abstrato de regras e relações presente em todo o ato da fala (DUBOIS, 2001, p. 378). Uma definição mais específica de língua é dada por Saussure, que trata a língua como “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. (SAUSSURE, 2007, p. 17). Ainda de acordo com Saussure (2007), a língua é um objeto de natureza homogênea e concreta.

No entanto, a língua também é definida por outros linguistas como um sistema heterogêneo, ao invés de homogêneo, pois é um fenômeno inerentemente



variável. Os linguistas que adotam esta última definição de língua são chamados de sociolinguistas. É importante ressaltar que uma definição não necessariamente exclui a outra, apenas significa que, sob o ponto de vista científico dos sociolinguistas, a variação ocupa um lugar central na língua, enquanto que, para a visão Saussuriana, a variação ocupa um lugar não central na língua (BELINE, 2003 apud FIORIN, 2003). Para fins deste trabalho, será considerada a visão de língua como um sistema heterogêneo e variável, ou seja, com foco no ponto de vista da sociolinguística, subárea da linguística que será abordada com mais detalhes no item 4.2.

Ainda sobre a língua, é possível dizer que toda a vida em sociedade depende da comunicação, que se dá essencialmente pela língua. O homem moderno comunica-se através de mensagens de toda ordem, transmitidas por diversos canais, como a música, a literatura e a televisão. A língua, portanto, “funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua” (PRETI, 1997, p. 12), e sua importância revela-se tanto na sua forma oral, ou seja, na fala, quanto no seu código substitutivo escrito (PRETI, 1997).

Para fins de esclarecimento, faz-se necessário também abordar o conceito de fala e sua relação com a língua. Saussure (2007) define a fala como um ato individual, resultante das combinações dos códigos da língua por parte do falante, e se dá através de atos de fonação, fundamentais para a produção dessas combinações. Sobre a relação entre língua e fala, Lyons (1987, p. 18) comenta:

[...] há uma estreita ligação entre língua e fala. Logicamente, esta pressupõe aquela: não se pode falar sem usar a língua (isto é, sem falar uma determinada língua), mas é possível usar a língua sem falar. No entanto, dado que a língua é logicamente independente da fala, há boas razões para se dizer que, nas línguas naturais tais como as conhecemos, a fala é historicamente, e talvez biologicamente, anterior à escrita. E esta é a posição da maior parte dos linguistas.

Além de língua e fala, é preciso esclarecer o que é linguagem, pois este conceito também é frequentemente confundido com os conceitos de língua e fala. Segundo Costa et al. (2011), o termo linguagem pode possuir mais de uma definição, podendo ser atribuído aos diversos processos de comunicação, como a linguagem corporal, a linguagem dos animais, a linguagem da arte, entre outras. De acordo com essa aceção, as línguas naturais, como o inglês e o português, seriam uma forma de linguagem, visto que podem ser utilizadas no processo de

comunicação dentro de uma comunidade de fala. No entanto, Costa et al. (2011, p. 16) esclarecem que, para a linguística, a linguagem é “a capacidade que apenas os seres humanos possuem de se comunicar por meio de línguas”.

De acordo com Costa et al. (2011), o fenômeno da linguagem, em termos de capacidade humana, envolve um conjunto de características: (a) uma técnica articulatória complexa, que envolve movimentos corporais fundamentais para a produção de sons da fala; (b) a estrutura neurobiológica humana necessária para a comunicação verbal; (c) uma base cognitiva, ou seja, a capacidade humana de compreender o mundo, armazenar informações compreendidas na memória e transmitir essas informações por meio da comunicação; (d) uma base sociocultural, pois a linguagem é essencial para a vida em sociedade e varia conforme o tempo e o espaço; e (e) uma base comunicativa, pois regula a interação entre os falantes de uma língua.

Compreendidos os conceitos abordados até aqui, é possível, então, aprofundar o estudo da língua e suas variações sob o ponto de vista da sociolinguística. O item 4.2 aborda com mais detalhes alguns dos problemas estudados pela sociolinguística e que serão relevantes para o conhecimento das variedades analisadas neste trabalho.

#### **4.2 Sociolinguística e variação**

Por se tratar de uma manifestação da vida em sociedade, a língua pode ser estudada em conjunto com a sociologia, resultando em novas áreas de pesquisa, especialmente a da sociolinguística. Segundo Sumpf (1968 apud PRETI, 1997, p. 15), a sociolinguística surge como uma via contra a linguística descritiva e retoma diversas oposições, como língua/fala, fala/ato de fala, função/uso, linguagem/situação e uniformidade/diversidade. Para William Bright, um sociolinguista norte-americano, a sociolinguística vai além da relação língua/sociedade, pois “sua finalidade seria a comparação da estrutura linguística com a estrutura social”. (PRETI, 1997, p. 15).

De acordo com Cezario e Votre (2011, p. 141 apud MARTELOTTA, 2011), “a sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”. Dessa forma, para os sociolinguistas, a língua é

um instrumento social e deve ser estudada em conjunto com o contexto situacional dos falantes da língua. Além disso, é preciso levar em consideração a cultura e a história de uma língua ao fazer uma análise linguística (CEZARIO; VOTRE, 2011 apud MARTELOTTA, 2011).

A sociolinguística fortaleceu-se nos Estados Unidos na década de 1960, por influência de William Labov, que cunhou a “sociolinguística variacionista” ou “teoria da variação”. De acordo com esse campo de estudo, a variação é intrínseca à língua, logo, a sociolinguística também tem como objetivo estudar os fatores que influenciam a variação linguística, bem como a estabilidade de um fenômeno de variação, buscando analisar se este fenômeno está em fase inicial ou em fase de completar uma trajetória de mudança linguística. Além disso, essa abordagem tem como objetivo analisar como uma variante se comporta na língua, ou seja, como ela se estabelece ou desaparece (CEZARIO; VOTRE, 2011 apud MARTELOTTA, 2011). Sobre o conceito de variante, Cezario e Votre (2011, p. 142 apud MARTELOTTA, 2011) explicam:

O termo "variante" é utilizado para identificar uma forma que é usada ao lado de outra na língua sem que se verifique mudança no significado básico. Tomemos, por exemplo, a variação nos pronomes pessoais na primeira pessoa do plural ilustrada com o verbo "falar". Temos as formas "nós falamos" e "a gente fala" como variantes do presente do indicativo. Ambas as expressões são aceitas pelas pessoas em geral, mas a estrutura "nós falamos" é considerada mais formal, enquanto "a gente fala" soa mais coloquial.

Além desses exemplos, é possível observar outras variantes, que são “nós fala” e “a gente falamos”, variantes estas bastante recriminadas pela sociedade. A um conjunto de variantes, como a dos pronomes pessoais na primeira pessoa do plural, dá-se o nome de “grupo de fatores” ou “variável linguística”. Outro exemplo de variável é o “r” final em palavras como “cantar”, “for” e “melhor”. Em diferentes regiões do Brasil, existem diferentes variantes fonéticas para a variável /r/: a pronúncia do interior de São Paulo, que é retroflexa (com a língua voltada para trás); a pronúncia velar do Rio de Janeiro ou, ainda, a ausência de som em algumas localidades (CEZARIO; VOTRE, 2011 apud MARTELOTTA, 2011).

Diante dessas constatações, a sociolinguística procura investigar as possíveis influências sofridas pelo falante que usa tais variantes, como o contexto social em que o falante está inserido, a localidade do falante, a situação em que o falante se

encontra e o grau de escolaridade do falante, de forma a estipular a sistematicidade no uso das variantes de uma língua, descartando, assim, a ideia de que existe caos por trás da variação (CEZARIO; VOTRE, 2011 apud MARTELOTTA, 2011).

Sendo assim, “a variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos (também conhecidos como fatores estruturais) e por fatores extralinguísticos de vários tipos”. (CEZARIO; VOTRE, 2011, p. 141 apud MARTELOTTA, 2011). Dentre os fatores extralinguísticos, podem-se citar a região geográfica do falante, o contexto social e a situação contextual da fala (PRETI, 1997). As variações linguísticas, portanto, podem ser de três tipos:

- (a) variação regional, associada a distâncias espaciais entre cidades, estados, regiões ou países diferentes; a variável geográfica permite opor, por exemplo, Brasil e Portugal;
- (b) variação social: associada a diferenças entre grupos socioeconômicos, compreende variáveis já citadas, como faixa etária, grau de escolaridade, procedência, etc.;
- (c) variação de registro: tem como variantes o grau de formalidade do contexto interacional ou do meio usado para a comunicação, como a própria fala, o e-mail, o jornal, a carta, etc. (CEZARIO; VOTRE, 2011, p. 146 apud MARTELOTTA, 2011).

Essas variações são representadas na língua em forma de variedades linguísticas. As variedades podem ser divididas de acordo com o plano temporal em que ocorrem, podendo ser classificadas como: (1) variedades sincrônicas, ou seja, que ocorrem no mesmo plano temporal, compreendendo as variações geográficas (dialetos de influência regional), socioculturais (influenciadas por fatores como família, classe e padrão cultural) e estilísticas (influenciadas pelo momento da atividade linguística, traduzindo-se na escolha das formas utilizadas pelo falante); (2) variedades diacrônicas, ou seja, aquelas que ocorrem em diferentes planos temporais de uma tradição histórica (PRETI, 1997).

Dentro do contexto deste trabalho, serão consideradas principalmente as variações geográficas e socioculturais, e as variedades que as representam serão desenvolvidas com mais detalhe no item 4.2.1.

#### 4.2.1 *Variedades geográficas e variedades socioculturais*

De acordo com Preti (1997), o estudo da variedade linguística pode ser dividido em dois campos principais, em que o primeiro engloba o segundo: variedades geográficas (ou diatópicas) e variedades socioculturais (ou diastráticas).

As variedades geográficas “são aquelas que ocorrem num plano horizontal da língua, na concorrência das comunidades linguísticas [...]”. (PRETI, 1997, p. 24). Essas variedades são responsáveis pelos regionalismos, resultantes de dialetos ou falares locais. Segundo Dubois (2001), dialeto é uma forma da língua que possui sua própria sintaxe, fonética e léxico. Comumente denominado dialeto regional, o dialeto “é um sistema de signos e regras combinatórias da mesma origem que outro sistema considerado como a língua, mas que se desenvolveu, apesar de não ter adquirido o *status* cultural e social dessa língua [...]”. (DUBOIS, 2001, p. 184).

As variedades geográficas levam à relação fundamental de oposição entre a linguagem urbana e a linguagem rural. A linguagem urbana recebe influência de fatores culturais, como a escola, a literatura e os meios de comunicação. A linguagem rural, por sua vez, é mais isolada, não recebe muita influência externa, o que resulta em sua extinção gradual com a chegada da civilização (PRETI, 1997). Nos limites das variedades geográficas, ocorrem outros tipos de variações, influenciadas pelas características do falante (ou do grupo a que pertence) ou pela situação no ato da fala, que são as chamadas variedades socioculturais.

As variedades socioculturais “ocorrem no plano vertical, isto é, dentro da linguagem de uma comunidade específica (urbana ou rural)”. (PRETI, 1997, p. 25). Preti (1997) defende que essas variedades podem ser influenciadas por diversos fatores, alguns desses listados a seguir.

- **Variedades relacionadas ao falante (ou ao grupo a que pertence)**

**Idade.** Esse fator costuma se limitar principalmente ao vocabulário. Fala-se, portanto, em “linguagem jovem”, por exemplo, que contém muitas gírias, ou linguagem infantil, que possui um vocabulário bastante restrito.

**Sexo.** As diferenças entre a linguagem do homem e a linguagem da mulher também predominam principalmente no campo do vocabulário, como resultado de limites impostos por tabus morais. No entanto, essas diferenças vêm diminuindo

gradativamente, em especial no meio urbano, devido a fatores como os meios de comunicação de massa, o crescente questionamento desses tabus por movimentos feministas e o crescimento das mulheres no mercado de trabalho.

**Raça.** São as variações influenciadas por fatores etnológicos. Como exemplo, pode-se citar as influências recebidas por falantes de locais de imigração negra.

**Profissão.** Atua no campo da linguagem técnica própria da atividade do falante, como o vocabulário dos médicos, dos advogados e engenheiros.

**Grau de escolaridade.** A frequência à escola ou à universidade influencia no domínio da gramática culta e nas escolhas linguísticas do falante.

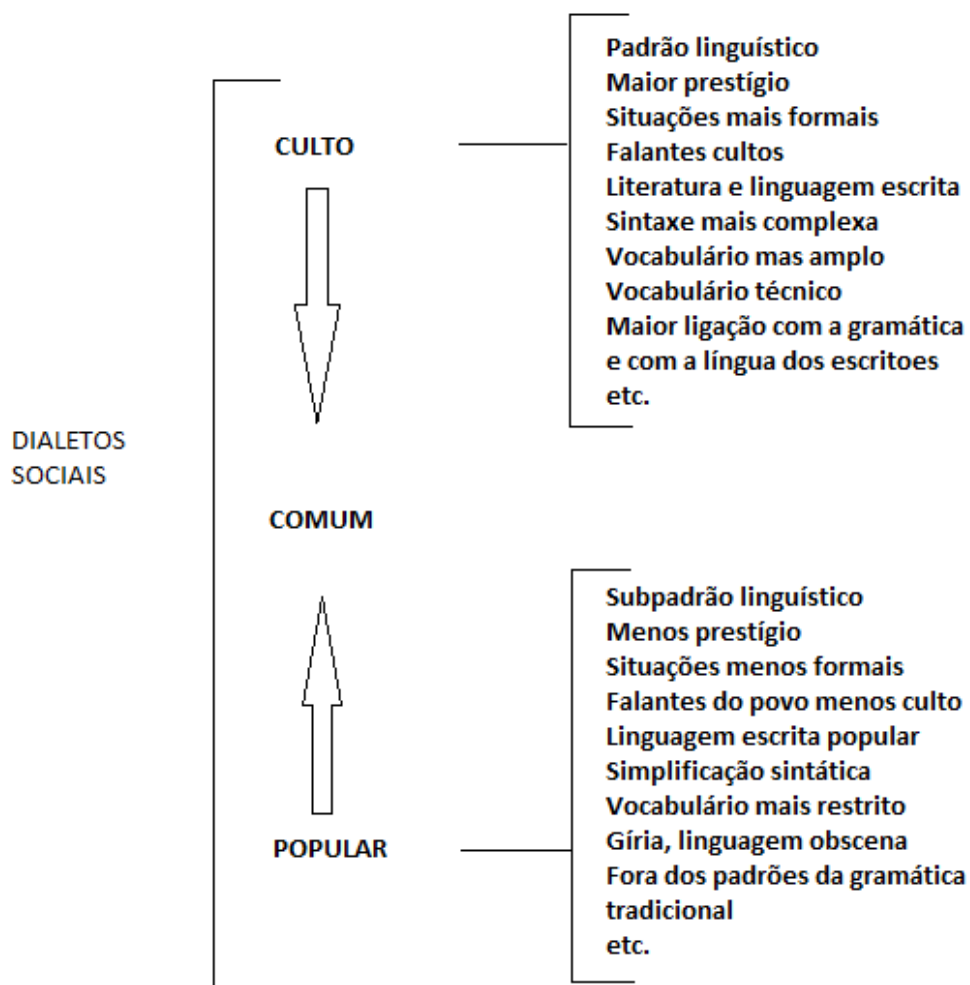
**Local em que reside na comunidade.** São as variantes de hábitos dentro de uma comunidade, muitas vezes determinadas por diferenças de áreas urbanas (bairros).

Todos esses fatores linguísticos, em geral, possuem uma influência “acentuada no vocabulário, expressiva na fonologia e diminuta na morfossintaxe”. (PRETI, 1997, p. 29). Além disso, teoricamente, em qualquer área geográfica, pode-se “identificar e descrever um sistema de variedades socioculturais a que denominaríamos de dialetos sociais”. (PRETI, 1997, p. 29). Embora não sejam nitidamente distintos como os dialetos geográficos, os dialetos sociais podem ser divididos em pelo menos duas variedades: a linguagem culta ou padrão, de maior prestígio e comumente utilizada em situações formais, e a linguagem popular ou subpadrão, considerada a de menor prestígio e utilizada em situações mais coloquiais, menos formais (PRETI, 1997).

Além disso, entre o dialeto social culto e o dialeto social popular, existe o dialeto social comum, um meio-termo entre as duas variedades opostas, com grande aceitação nas camadas da classe média escolarizada, nos meios de comunicação e até mesmo na escola.

A figura 1 mostra as principais diferenças entre o dialeto social culto e o dialeto social popular.

**Figura 1: Diferenças entre os dialetos sociais**



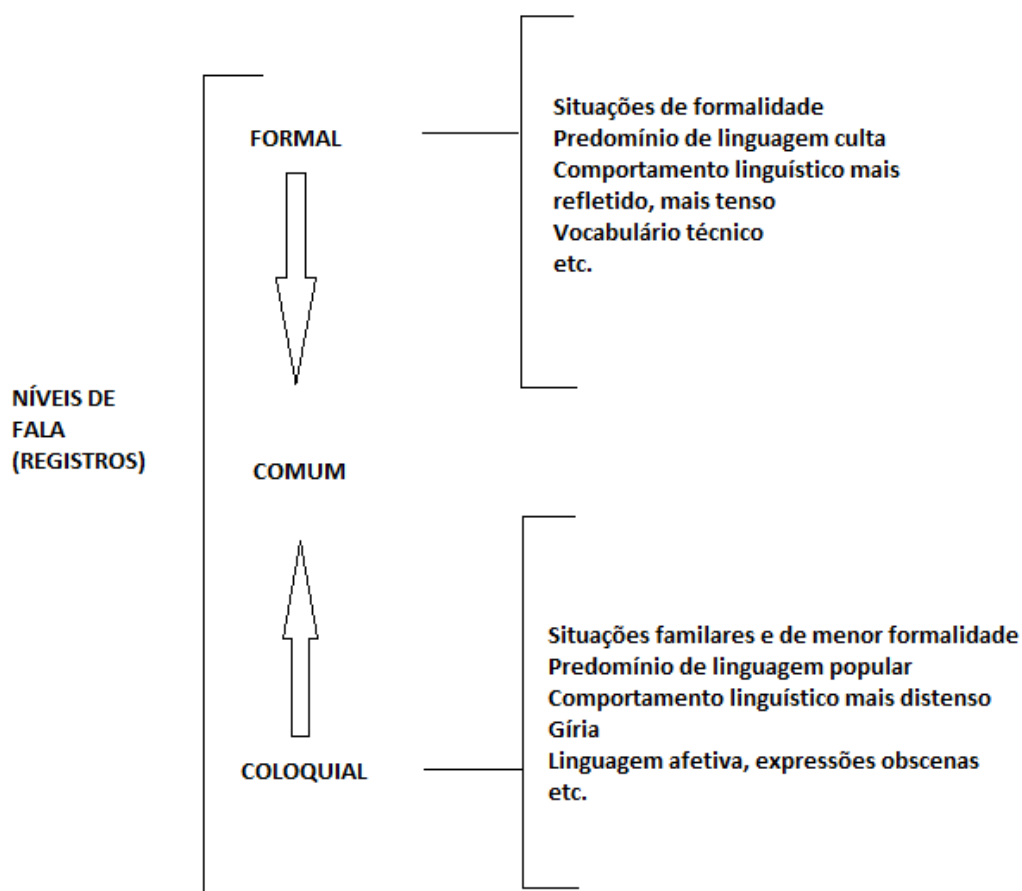
Fonte: Adaptado de Preti (1997, p. 36).

### • Variedades relacionadas à situação

O uso da língua e suas variedades pode ser influenciado por fatores extralinguísticos relacionados à situação em que se encontra o falante. O ambiente em que ocorre o diálogo, fatores emocionais e tema do diálogo são exemplos desses fatores. Segundo Preti (1997, p. 38), “dá-se o nome de níveis de fala (ou níveis de linguagem) ou registros às variações determinadas pelo uso da língua pelo falante, em situações diferentes”. Essas variações de situação ainda podem ser divididas em dois tipos: nível de fala ou registro formal e nível de fala ou registro coloquial.

Assim como o caso dos dialetos sociais, é difícil definir os limites precisos entre o registro formal e o coloquial. No entanto, é possível, assim como nos dialetos sociais, determinar um nível de fala ou registro intermediário, igualmente hipotético, que ocorre entre o formal e o coloquial e recebe influências de ambos. A figura 2 exemplifica as diferenças entre esses níveis.

**Figura 2: Diferenças entre os níveis de fala**



Fonte: Adaptado de Preti (1997, p. 39).

#### 4.2.1.1 Variação, preconceito linguístico e poder

Dentro do contexto de culto *versus* popular, faz-se necessário abordar os conceitos relativos à norma e ao preconceito linguístico. De acordo com Preti (1997), os falantes de uma mesma comunidade linguística falam da mesma maneira, por gerações, como se houvesse “leis” que determinam a melhor forma de se comunicar dentro de sua comunidade de fala. Essas “leis” constituem o uso ou a norma



linguística de uma sociedade. A norma, de acordo com Preti (1997, p. 49), tem “caráter social, visando aos interesses da comunicação em grupo”.

A norma culta é a norma-padrão ensinada nas escolas, usada por pessoas cultas, e representa o ideal linguístico de uma comunidade. A norma popular ou subpadrão regula a linguagem dos falantes menos cultos ou que utilizam uma linguagem mais simples em situações menos formais (PRETI, 1997). Segundo Bagno (2007), existe uma visão preconceituosa na sociedade, que classifica qualquer manifestação linguística diferente da norma-padrão como errada.

Nesse sentido, Bagno (2007, p. 16-17) defende:

[...] se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder – são os sem-língua. É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão ou mesmo daqueles que, não falando o português-padrão, o tomam como referência ideal – por isso podemos chamá-los de sem-língua.

Bagno (2003, p. 16) afirma que o que existe, de fato, não é um preconceito linguístico, e sim um preconceito social. O autor argumenta que discriminar alguém por ser negro, mulher, nordestino ou pobre é considerado, nos dias de hoje, algo publicamente inaceitável. Por outro lado, discriminar pelo modo de falar da pessoa, acusando-a de “falar tudo errado”, é aceito com bastante naturalidade pela sociedade. Bagno (2003) propõe designar a norma culta como uma variedade prestigiada, resultado de uma construção ideológica na qual a classe social dominante, por motivos históricos, políticos e econômicos, atribui poder a si mesma, obtendo prestígio social. A norma popular, por outro lado, é designada como a variedade estigmatizada. De acordo com Bagno (2003, p. 67):

O estigma, em termos sociológicos, é um julgamento extremamente negativo lançado pelos grupos sociais dominantes sobre os grupos subalternos e oprimidos e, por extensão, sobre tudo o que caracteriza seu modo de ser, sua cultura e, obviamente, sua língua.

Dessa forma, pode-se dizer que existe uma relação entre língua e poder, que pesa no prestígio ou na falta de prestígio social de um falante (BAGNO, 2003). Para Xavier (2007), a língua pode servir tanto como instrumento de subjugação quanto de

liberação, tendo um papel fundamental na representação de identidades dos falantes, além de envolver uma complexa dinâmica entre o social e o cultural, determinada pela forma como os falantes se percebem como sujeitos sociais. Alguns fatores como raça, classe e gênero podem ditar as relações de poder em uma sociedade, relações estas que são refletidas na hierarquização linguística.

#### 4.2.1.2 **Variação, preconceito e representatividade na literatura**

A sociolinguística, por estudar as relações entre as variações na linguagem e as variações sociológicas, não pode desconsiderar o papel da língua escrita, muito menos da língua literária e sua influência nos hábitos linguísticos da sociedade. Os escritores normalmente escrevem dentro dos padrões da norma culta; no entanto, como recriadora da realidade social, a literatura funciona também como uma recriação da realidade linguística de uma sociedade em um plano temporal. Dessa maneira, a representação da linguagem moderna na literatura também é realizada de forma a aproximar a língua literária da língua falada, apresentando seu complexo problema de variação linguística (PRETI, 1997). Neste contexto, Preti (1997) afirma:

O dialeto social culto é quase sempre usado pela literatura e por outras espécies de linguagem escrita, exceto as cartas familiares, a literatura dita popular (o cordel, por exemplo), os diálogos mais realistas dos romances, os versos das músicas populares etc., em que predomina, em geral, o dialeto social popular. (PRETI, 1997, p. 31).

Segundo Paganine e Fonseca (2015), uma análise da variação linguística na literatura pode partir das diferenças entre a língua falada e a língua escrita. Na fala, o falante pode usar alguns recursos, como gestos e expressões faciais, evitando que haja qualquer perda de compreensão por parte do ouvinte, que está presente no ato da fala. Na língua escrita, por outro lado, não é possível utilizar esses recursos. Neste caso, o escritor tem a liberdade de reescrever e revisar seu texto várias vezes, até que consiga chegar a um texto preciso e coeso, tendendo a chegar mais próximo da norma-padrão. Dessa forma, a variação linguística se mostra muito mais presente na língua falada do que na escrita, embora ainda esteja bastante presente nesta última.

Sendo assim, os escritores – e, conseqüentemente, os tradutores – lidam com vários desafios na reprodução da língua falada e dos dialetos no texto escrito. Um

dos desafios é a oposição entre língua falada e língua escrita, pois a primeira é mais passível de mudanças e a segunda, teoricamente, é mais conservadora (PAGANINE; FONSECA, 2015). Dessa forma, a transcrição fonética dos sons da fala torna-se um problema, visto que a fala evolui constantemente e as reformas ortográficas demoram a ocorrer em todas as línguas, resultando em algumas discrepâncias entre a língua falada e a língua escrita. O escritor, então, tende a usar uma ortografia fonética “individual”, nem sempre uniforme e frequentemente rejeitada pelo leitor, pois essas transcrições fonéticas individuais da fala “dificultam a compreensão, induzem ao erro, atrapalham a aprendizagem da ortografia oficial e, enfim, cumprem mal a função conservadora e tradicionalizante que, em geral, a sociedade atribui à língua literária”. (PRETI, 1997, p. 65).

Outro desafio do escritor ao representar a língua falada na escrita está relacionado às respostas do leitor diante de uma determinada variação linguística representada no texto literário. Segundo Paganine e Fonseca (2015, p. 72):

Tais respostas variam de acordo com as concepções dos leitores determinadas por seus perfis sociais, geracionais e individuais; se o leitor conhece ou não aquele dialeto – ou reconhece determinada representação como idiossincrática; e, por último, a visão da fala dialetal como sendo marca de um status inferior.

Dessa forma, a relação socialmente estabelecida entre norma-padrão *versus* “desvio da norma” também se dá na escrita literária. Neste contexto, é possível, então, afirmar que existe uma relação entre variação e preconceito linguístico (ou social, como visto no item 4.2.1.1) na literatura. Por também representar a língua falada, a literatura moderna exerce um papel fundamental na representação do preconceito e das relações de poder e hierarquia que envolvem as variedades linguísticas dentro de uma sociedade (PRETI, 1997).

No entanto, a língua também “é enriquecida pelo seu uso na representação de uma dada cultura, assim como pelo modo de produzir sentidos sociais e culturais onde a realidade é construída [...]”. A cultura afro-americana, por exemplo, tem a língua como um dos seus representantes fundamentais. De acordo com Xavier (2007, p. 3), “a língua, como instrumento de liberação e resistência, cria novas formas de pensar e conceber a cultura que se diferencia do padrão imposto pela suposta supremacia branca, para dar lugar a novos discursos”. Neste contexto, o texto literário, como representante da língua em uso e recriador da realidade social,

além de ser analisado sob o ponto de vista do preconceito em relação às variedades consideradas “desvios da norma” ou variedades “inferiores”, também pode ser compreendido sob o ponto de vista da importância representativa para as comunidades de fala, tanto em relação à variação utilizada pela comunidade, quanto em relação à realidade social, econômica e cultural vivida pelos falantes.

Dessa maneira, faz-se necessário representar, na literatura, as variações linguísticas consideradas de menor prestígio, como o Inglês Vernacular Afro-Americano (IVAA), objeto de estudo deste trabalho. Silva (2008) argumenta que o escritor afro-americano, através da literatura, pode expressar experiências como o racismo e as opressões sofridas pelas mulheres negras, exercendo um papel extremamente importante na construção da identidade cultural dos negros. Os escritores, então, são capazes de subverter não só a norma-padrão, mas também a “ordem do discurso cultural de um povo” (SILVA, 2008, p. 96). Este é o caso de Sapphire, que, na obra analisada neste trabalho, utiliza uma variação de menor prestígio (IVAA) e expõe as experiências e opressões de uma adolescente negra na sociedade americana através da literatura.

Os conceitos relativos à língua, variação, variedades linguísticas, bem como as relações entre variação e literatura, desenvolvidos neste capítulo, serão de extrema relevância para os capítulos 5 e 6 deste trabalho. No capítulo 5, serão desenvolvidas as definições e características das variedades linguísticas que serão analisadas no capítulo 6 deste trabalho.

## 5 AFRODESCENDÊNCIA NA LÍNGUA

Visto que este trabalho tem como objetivo a análise de uma tradução, torna-se necessário explorar as particularidades da língua original e da língua de chegada. Ambas as línguas examinadas – o Inglês Vernacular Afro-Americano (IVAA) e o português brasileiro – neste trabalho possuem influência de línguas africanas, em maior ou menor grau, caracterizadas pelo processo de escravidão de negros africanos.

O item 5.1 aborda as particularidades do IVAA, apresentando sua definição e hipóteses sobre sua origem, bem como a descrição de algumas de suas características que serão relevantes para a análise do *corpus* deste trabalho. O item 5.2 explora as origens do português brasileiro, bem como a influência do processo de transmissão irregular nas variações do português popular brasileiro, além de argumentar contra a possível existência de um português afro-brasileiro fundamentado em padrões étnicos, como ocorre no IVAA.

### 5.1 Inglês vernacular afro-americano

O Inglês Vernacular Afro-Americano é uma variedade não padrão do inglês americano. De acordo com Green (2002), as definições mais gerais do IVAA descrevem a variedade como um dialeto social e étnico falado por pessoas negras nos Estados Unidos. Nem todas as pessoas negras americanas falam esta variedade; algumas, inclusive, são incapazes de falar em IVAA (HURD, 2006 apud PAAKKINEM, 2013). No entanto, é possível observar uma enorme consistência entre as pessoas que falam essa variedade, apesar de haver diferenças regionais na fala de pessoas de lugares diferentes dos Estados Unidos (GREEN, 2002).

A origem do IVAA é, ainda nos dias de hoje, bastante discutida, e os pesquisadores desta variedade se mostram divididos. De acordo com Green (2002), na tentativa de desvendar a origem do IVAA, pesquisadores fazem comparações entre as características encontradas na variedade e os dados de pesquisas sobre outras variedades não padrão do inglês, sobre o inglês na diáspora africana e sobre o crioulo caribenho para desenvolver suas hipóteses.

Green (2002) destaca que algumas explicações sobre o desenvolvimento do IVAA consideram que os padrões distintivos desta variedade são aqueles que

também ocorrem nas línguas nigero-congolesas. Esta hipótese argumenta, então, que o IVAA tem raízes estruturais nas línguas da África Ocidental e possui apenas semelhanças superficiais com o inglês.

Ainda segundo Green (2002), existe uma teoria bastante discutida sobre a origem do IVAA que leva em consideração a possibilidade dessa variedade ter raízes em uma língua crioula, como o crioulo jamaicano ou o *gullah*, língua crioula com influência da África Ocidental e Central. Um crioulo é uma língua derivada do *pidgin*, forma de comunicação simplificada entre pessoas que falam línguas diferentes (GREEN, 2002). De acordo com Dillard (1972, p. 22 apud PAAKKINEN, 2013), os traficantes de escravos escolhiam escravos que falavam línguas diferentes, para que eles não conseguissem se comunicar e, assim, evitavam rebeliões. Como resultado, os escravos passaram a desenvolver uma variedade *pidgin* do inglês.

Outra hipótese, chamada de anglicista, considera que o IVAA compartilha muitas características com o inglês e, portanto, provavelmente tem origem na língua inglesa. De acordo com essa hipótese, embora os escravos tenham trazido com eles outras línguas, como crioulos e línguas de origem africana, essas variedades foram se perdendo conforme as gerações posteriores foram adotando o inglês como primeira língua (PAAKKINEN, 2013).

Desde o início dos anos 1960, muitos nomes foram usados para se referir ao Inglês Vernacular Afro-Americano. Green (2002) lista os nomes mais comuns utilizados para essa variedade desde então. Os quatro últimos nomes são os mais comuns nos dias de hoje, embora ainda seja possível encontrar os nomes que começam com *Black*:

*Negro dialect*  
*Nonstandard Negro English*  
*Negro English*  
*American Negro speech*  
*Black communications*  
*Black dialect*  
*Black folk speech*  
*Black street speech*  
*Black English*  
*Black English Vernacular*  
*Black Vernacular English*  
***Afro American English***  
***African American English***  
***African American Language***  
***African American Vernacular English (AAVE).***  
 (GREEN, 2002, p. 6)

Segundo Green (2002), muitos pesquisadores diferenciam o *Black English* e o *African American English* do *Black Vernacular English* e do *African American Vernacular English*, respectivamente. De acordo com Labov (1972, p. 13 apud GREEN, 2002, p. 7), o termo *Black Vernacular English* refere-se ao padrão gramatical encontrado “no discurso de jovens negros entre 8 e 19 anos que participam ativamente da cultura de rua em distritos de baixa renda”.<sup>1</sup> Green (2002) argumenta que, embora hoje em dia alguns pesquisadores escolham usar *African American English*, enquanto outros preferem *African American Vernacular English*, todos estão falando da mesma variedade, referida neste trabalho como Inglês Vernacular Afro-Americano (IVAA), tradução para *African American Vernacular English* (AAVE). Green (2002) ressalta que utiliza o termo *African American English*, mas não limita o uso da língua de acordo com grupos específicos de falantes, de forma que as características apresentadas pela autora podem ser utilizadas neste trabalho para descrever o Inglês Vernacular Afro-Americano.

De acordo com Green (2002), o Inglês Vernacular Afro-Americano possui padrões lexicais, fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. Logo, quando um falante conhece o IVAA, ele conhece “um sistema de sons, estrutura de palavras e orações, significado e organização estrutural de itens lexicais e outras informações”.<sup>2</sup> (GREEN, 2002, p. 1). Neste trabalho, serão discutidas as características fonéticas, fonológicas e morfossintáticas do Inglês Vernacular Afro-Americano, conforme os itens 5.1.1 e 5.1.2. Os termos relacionados à sintaxe da língua inglesa serão mantidos em inglês.

### 5.1.1 **Características fonéticas e fonológicas**

Algumas palavras do IVAA e do inglês americano que possuem o mesmo significado podem ter pronúncias diferentes devido a restrições sonoras. Por exemplo, o som de th da palavra *bath* do inglês americano é produzido como o som de f, ou seja, como *baf*, no IVAA. O som de th da palavra *bathe*, por sua vez, é produzido como o som de v, ou seja, *bav*, no IVAA. Além disso, estudos sobre os

<sup>1</sup> [...] in the speech of black youth from 8 to 19 years old who participate fully in the street culture of the inner cities. (LABOV, 1972, p. 13 apud GREEN, 2002, p. 7)

<sup>2</sup> [...] a system of sounds, word and sentence structure, meaning and structural organization of vocabulary items and other information. (GREEN, 2002, p. 1)

padrões fonéticos e fonológicos do IVAA mostram que o som de encontros consonantais como nd e st, quando localizados no final da palavra, são reduzidos a uma só consoante (n e s, respectivamente) (GREEN, 2002). Esta seção do capítulo 5 tem como objetivo abordar essas e outras características fonéticas e fonológicas presentes no IVAA.

- **Padrões sonoros de th**

No IVAA, existe um padrão de som comum em que os falantes reproduzem os sons /t/, /d/, /f/ e /v/ em casos em que ocorreriam os sons de th no inglês americano. Esses padrões ocorrem de forma sistemática, visto que os sons não são escolhidos aleatoriamente, e sim com base em propriedades fonéticas, como será visto a seguir.

Para compreender esses padrões sonoros, é preciso, primeiramente, definir as descrições articulatórias desses sons, ou seja, é necessário avaliar: (1) o estado da glote, que determina se um som é sonoro ou surdo; (2) o lugar de articulação, que determina em que lugar da boca o som é produzido; e (3) a maneira de articulação, que determina o modo como o som é produzido (GREEN, 2002). O Quadro 1 mostra as descrições articulatórias de /t/, /d/, /f/ e /v/.

Quadro 1 – Descrições articulatórias de /t/, /d/, /f/ e /v/.

Som	Estado da glote	Lugar de articulação	Maneira de articulação
/t/	surdo	alveolar	Oclusiva
/d/	sonoro	alveolar	Oclusiva
/f/	surdo	labiodental	Fricativa
/v/	sonoro	labiodental	Fricativa

Fonte: Adaptado de Green (2002, p. 117)

Os sons /t/ e /d/ são alveolares, pois são produzidos ao encostar a ponta de língua nos alvéolos dentários. Além disso, são oclusivos, pois, durante a articulação do som, “os articuladores produzem uma obstrução completa da passagem da corrente de ar através da boca. O véu palatino está levantado e o ar que vem dos pulmões encaminha-se para a cavidade oral” (SILVA, 2003). Os sons /f/ e /v/ são labiodentais porque a articulação se dá no encontro entre o lábio inferior e os dentes incisivos superiores. São fricativos, pois os articuladores produzem uma fricção durante a passagem da corrente de ar. O Quadro 1 mostra que /t/ e /d/, assim como



/f/ e /v/, diferenciam-se apenas no estado da glote. O /t/ é surdo, enquanto o /d/ é sonoro. Da mesma forma, o /θ/ é surdo, enquanto /ð/ é sonoro.

Existem dois sons de th no inglês americano: um é representado pelo símbolo fonético /θ/, como na palavra *thin*, e o outro é representado pelo símbolo /ð/, como na palavra *then*. O Quadro 2 a seguir destaca as descrições articulatórias dos sons de th do inglês americano.

Quadro 2 – Descrições articulatórias dos sons de th

Som	Estado da glote	Lugar de articulação	Maneira de articulação
/θ/ (thin)	surdo	interdental	fricativa
/ð/ (then)	sonoro	interdental	fricativa

Fonte: Adaptado de Green (2002, p. 118)

Os sons de th são interdentalis, pois são produzidos quando a língua se encontra entre os dentes, e são fricativos, pois produzem fricção durante a passagem de ar. Eles diferenciam-se, no entanto, no estado da glote: o som de th representado por /θ/ é surdo, enquanto o som de th representado por /ð/ é sonoro.

O Quadro 3 mostra alguns exemplos de palavras do inglês americano que contêm sons de th, suas transcrições fonéticas e as respectivas formas ortográficas e transcrições fonéticas para o IVAA.

Quadro 3 – Palavras com sons de th

inglês americano	Transcrição fonética (inglês americano)	IVAA	Transcrição fonética (IVAA)
thing	/θɪŋ/	thing	/θɪŋ/
think	/θɪŋk/	think	/θɪŋk/
these	/ðiːz/	dese	/diz/
that	/ðæt/	dat	/dæt/
bath	/bæθ/	baf	/bæf/
with	/wɪθ/	wif, wit	/wif/, /wit/
month	/mʌnθ/	mont, monf	/mʌnt/, /mʌnf/
Bethlehem	/bɛθlɛhɪm/	Beflehem	/bɛflɛhɪm/
bathe	/beɪð/	bave	/beiv/
smooth	/smuð/	smoove	/smuv/
mother	/mʌðər/	mova	/mʌvə/

Fonte: adaptado de Green (2002, p. 118)

O Quadro 3 proporciona uma visão geral sobre as regras dos sons de th no IVAA. De acordo com Green (2002), uma primeira conclusão geral que se pode tirar do Quadro 3 é que os sons /t/, /d/, /f/ e /v/ ocorrem no IVAA em posições em que

ocorrem os sons de th no inglês americano. A segunda conclusão que se pode extrair é que os sons /t/ e /f/ ocorrem no IVAA em posições intermediária e final de palavras em que o som de th surdo (/θ/) ocorre no inglês americano, por exemplo, *Bethlehem/Beflehem* (posição intermediária) e *bath/baf* (posição final). No entanto, o som de th surdo (/θ/) ocorre no início das palavras no IVAA, assim como no inglês americano, como em *thing* e *think*. A terceira conclusão é que os sons /d/ e /v/ ocorrem no IVAA em posições em que o som de th sonoro (/ð/) ocorre no inglês americano: palavras que começam com th sonoro (/ð/) no inglês americano começarão com /d/ no IVAA, como em *that/dat*, e palavras que terminam com th sonoro (/ð/) no inglês americano terminarão com /v/ no IVAA, como em *smooth/smoove*.

De acordo com Green (2002, p. 119), “a distinção entre os dois sons é mantida no IVAA quando os falantes usam sons surdos em um ambiente e sons sonoros no outro. Os falantes do IVAA possuem regras que regem a ocorrência desses sons nas posições inicial, medial e final da palavra”<sup>3</sup>. Dessa forma, é possível afirmar que há, de fato, um conjunto de regras sistemáticas para as produções dos sons /t/, /f/, /d/ e /v/ no IVAA.

- **Redução de encontros consonantais finais**

No IVAA, palavras como *test*, *desk* e *hand* são produzidas sem o som da última consoante, ou seja, como *tes*, *des* e *han*, respectivamente. Linguistas usam análises de pesquisas sobre esta característica como uma clara evidência de que o IVAA, assim como outras línguas e dialetos, é definido por regras e bastante sistemático. Além disso, pesquisas sobre essa característica também são utilizadas para defender hipóteses sobre a origem do IVAA (GREEN, 2002).

De acordo com os dados sobre essa característica, existem duas possíveis explicações para este fenômeno: (1) o IVAA, assim como as línguas africanas, não possui encontros consonantais finais; (2) essas palavras perdem o som da última consoante devido a um processo chamado redução de encontros consonantais finais (GREEN, 2002).

---

<sup>3</sup> The distinction between the two th sounds is maintained in AAE when speakers use voiceless sounds in one environment and voiced sounds in the other. AAE speakers have rules that govern the occurrence of these sounds in word initial, medial and final positions. (GREEN, 2002, p. 119)

Segundo a explicação (1), que vem da abordagem africanista sobre a origem do IVAA, a palavra *test*, por exemplo, não possui a consoante final no IVAA, ou seja, a palavra é, inicialmente, *tes*. No entanto, diante de algumas situações, como nos casos em que a palavra *tes* precede outra palavra que começa com uma vogal, *tes* pode ser pronunciada como *test*, conforme o exemplo (1).

(1) *I will test out of math.* (GREEN, 2002)

A abordagem africanista defende que, no exemplo (1), o /t/ é adicionado à palavra *tes* porque *tes* precede uma palavra que se inicia com uma vogal (*out*). Esta visão reforça a hipótese de que o IVAA segue os padrões das línguas da África Ocidental.

A explicação (2) para esta característica considera que, no IVAA, palavras como *test*, *desk* e *hand* são pronunciadas como *tes*, *des* e *han*, respectivamente, devido a um fenômeno chamado redução de encontros consonantais, processo em que um grupo de duas consoantes, composto de dois sons consonantais diferentes, é reduzido a uma só consoante. No caso do IVAA, este fenômeno acontece em encontros consonantais finais, diante de certas condições (GREEN, 2002). Ao contrário da abordagem africanista, esta análise considera que existem, de fato, encontros consonantais finais no IVAA, assim como no inglês americano, e que a palavra *tes* é, na verdade, a palavra *test* após ter sofrido uma redução de encontro consonantal. Logo, o IVAA e o inglês americano são muito similares, mas o processo fonológico de redução consonantal ocorre mais frequentemente no IVAA dependendo das condições em que a palavra se encontra.

Dessa forma, para melhor entender o fenômeno de redução de encontro consonantal final no IVAA, não basta analisar as palavras isoladamente: é preciso avaliar a pronúncia das palavras em diferentes contextos e condições, ou seja, se a palavra está sendo produzida num contexto casual ou mais formal, caso em que o falante tende a não reproduzir a redução consonantal, se o encontro consonantal final precede um sufixo que começa com uma vogal ou se precede uma palavra que começa com uma vogal ou uma consoante (GREEN, 2002).

Uma das análises que tem sido utilizada para tentar explicar este fenômeno, chamada de generalização sonora, argumenta que a redução ocorre se as consoantes do encontro consonantal possuírem o mesmo valor sonoro, ou seja, se

as duas forem surdas ou sonoras. Na palavra *paint*, por exemplo, tem-se o encontro nt, formado por consoantes com valores sonoros diferentes – n é sonora, enquanto t é surda. Logo, o encontro consonantal tende a se manter. Por outro lado, a palavra *fast* possui um encontro em que as consoantes têm o mesmo valor sonoro – tanto s quanto t são surdas. Logo, o encontro consonantal tende a ser reduzido.

- **Sufixo -ing**

No IVAA, o som de ng (/ŋ/) do sufixo *-ing*, na maioria dos casos, é reproduzido como n (/n/). O Quadro 4 exemplifica alguns casos. O apóstrofo indica a omissão de g nas formas ortográficas do IVAA e uma modificação no som da vogal i, que muda de /ɪ/ para /ə/.

Quadro 4 – Sufixo *-ing* como n

inglês americano /ŋ/	IVAA /n/
walking	walkin'
running	runnin'
thinking	thinkin'
opening	openin'

Fonte: Adaptado de Green (2002)

Conforme aponta Green (2002), este padrão só acontece nos sufixos *-ing*, nunca em palavras de uma só sílaba, como *sing* e *ring*. Ainda segundo Green (2002), este padrão não é restrito ao IVAA e pode ser encontrado em outras variedades do inglês, inclusive no inglês americano popular.

- **Omissão de fonemas sílabas átonas**

De acordo com Rickford (1999), a omissão de fonemas em sílabas iniciais e medianas átonas também é uma característica do Inglês Vernacular Afro-Americano. Dessa forma, é comum a ocorrência de *'fraid* no IVAA para *afraid*, do inglês americano, e *sec'try* no IVAA para *secretary*, do inglês americano, em que o apóstrofo indica a omissão de um ou mais fonemas. Thomas (2007) apresenta mais alguns exemplos de palavras em que essa característica pode se manifestar, embora apenas cite exemplos de omissão de fonemas em sílabas átonas de posição inicial:

IVAA	ingles americano
<i>'nough</i>	<i>enough</i>
<i>'head</i>	<i>ahead</i>
<i>'come</i>	<i>become</i>
<i>'spect</i>	<i>expect</i>
<i>'cause</i>	<i>because</i>
<i>'member</i>	<i>remember</i>

Segundo Rickford (1999), esta é uma característica mais marcante em pessoas mais velhas. Vaughn-Cooke (1987 apud RICKFORD 1999) aponta que, de acordo com a amostra de um estudo realizado em Mississippi, a taxa de omissão de fonemas em sílabas átonas era de 85% para falantes com mais de 60 anos, 70% para falantes entre 40-59 anos e 52% para falantes entre 8 e 20 anos.

### 5.1.2 **Características morfossintáticas**

Uma característica comum do IVAA é a não flexão do verbo *be* para situações que indicam a ocorrência de um evento habitual. Muitos falantes do inglês americano tendem a descrever este uso do verbo *be* no Inglês Vernacular Afro-Americano como um uso incorreto do inglês padrão, de forma que os falantes do IVAA são considerados ignorantes ou incultos. Embora esteja de acordo com as regras do IVAA, este uso do verbo *be* não costuma ser bem aceito em ambientes escolares e profissionais, o que resulta na segregação de pessoas negras falantes do IVAA. Essa e outras características morfossintáticas estão presentes no IVAA de forma bastante sistemática, determinada por regras, assim como ocorre em outras línguas. Este capítulo procura descrever algumas dessas características morfossintáticas presentes no IVAA, que serão relevantes para a análise do corpus deste trabalho.

- **Ausência do auxiliary/copular verb be**

No inglês americano, o *auxiliary verb be* é um verbo que precede a estrutura *V-ing* (verbo + sufixo *-ing*), como no exemplo (2):

(2) *She is eating a sandwich.*

O *copular verb be*, por sua vez, precede adjetivos, advérbios, substantivos ou preposições, como nos exemplos (3)-(6):

(3) *She is tall.* (adjetivo)

(4) *She is very tall.* (advérbio)

(5) *She is a doctor.* (sintagma nominal – substantivo)

(6) *She is in the kitchen.* (preposição)

Como ambos se apresentam nas mesmas formas, isto é, *am, is, are, was, were*, serão apresentados em conjunto nesta seção, ou seja, como *auxiliary/copular be*.

O Quadro 5 mostra alguns exemplos do comportamento do *auxiliary/copular be* no IVAA.

Quadro 5 – *Auxiliary/copular verb be*

<b>Present progressive (auxiliary be)</b>			
Número/pessoa	Afirmativa	Afirmativa enfática	Negativa
1ª pessoa (singular)	I'm eating	I AM eating	I'm not/ I ain('t) eating
1ª pessoa (plural)	We Ø eating	We IS eating	We ain('t)/not eating
2ª pessoa (singular e plural)	You Ø eating	You IS eating	You ain('t)/not eating
3ª pessoa (singular e plural)	He/She/They Ø eating	He/She/They IS eating	He/She/They ain('t)/not eating
3ª pessoa (singular, neutro)	It's growing	It IS eating	It's not growing It ain('t) eating
<b>Simple present (copular be)</b>			
1ª pessoa (singular)	I'm tal	I AM tall	I'm not/ I ain('t) tall
1ª pessoa (plural)	We Ø tall	We IS tall	We ain('t)/not tall
2ª pessoa (singular e plural)	You Ø tall	You IS tall	You ain('t)/not tall
3ª pessoa (singular e plural)	He/She/They Ø tall	He/She/They IS tall	He/She/They ain('t)/not tall
3ª pessoa (singular, neutro)	It's tall	It IS tall	It's not tall It ain('t) tall

Fonte: Adaptado de Green (2002, p. 37)

Como pode ser observado no Quadro 5, no IVAA, o *auxiliary/copular be* pode aparecer na forma contraída ou não aparecer obrigatoriamente em todos os ambientes. Ele ocorre normalmente na primeira pessoa do singular (*I'm*) e na terceira pessoa do singular neutro (*it's*). Ocorre obrigatoriamente em contextos de afirmação enfática – embora não tenha distinção entre singular e plural nesses casos, como será discutido posteriormente no tópico “Generalização no uso de *is* e *was*”, ainda em 5.1.2. Na primeira pessoa do plural e na segunda e terceira pessoa do singular e do plural, no entanto, o *auxiliary/copular be* ocorre de forma opcional. No Quadro 5, a ausência de *be* é representada pelo símbolo  $\emptyset$ .

De acordo com Green (2002), no IVAA, *it's* é, na maioria dos casos, invariável. Raramente um falante produzirá uma oração sem o *auxiliary/copular be*, como *\*It the one I like*. No entanto, *she's* é perfeitamente variável no IVAA e pode ser reproduzido sem *be*, como em *She  $\emptyset$  tall*, exemplo do Quadro 5; portanto, as duas variantes (*she  $\emptyset$*  e *she's*) ocorrem no IVAA. O mesmo ocorre com *you*, *we*, *he* e *they*.

Uma característica dos *auxiliary verbs* no inglês americano é a inversão em *yes-no questions* (perguntas que exigem sim ou não como resposta), conforme o exemplo (7 b):

- (7) a. *Jane was here.*  
 b. *Was Jane here?*

De acordo com Green (2002), os *auxiliary/copular verbs* não ocorrem obrigatoriamente em perguntas no IVAA. Nesses casos, o falante usa a entonação para indicar que está fazendo uma pergunta. (8b) e (9b) exemplificam a ausência do *auxiliary/copular be* em perguntas no IVAA.

- (8) a. *Is Bob here?*  
 b.  $\emptyset$  *Bob here?*  
 (9) a. *Is Bob gon' leave? (Is Bob going to leave?)*  
 b.  $\emptyset$  *Bob gon' leave?*

Os exemplos (8) e (9) mostram que os *auxiliary/copular verbs* podem ou não estar presentes em perguntas. No entanto, Green (2002) ressalta que a ausência do

*auxiliary/copular be* não é possível quando o verbo estiver no passado (*was*). Dessa forma, a oração “*Bruce running*” não é usada para substituir a oração “*Bruce was running*”, nem a oração “*Was Bruce running?*”. Entretanto, *was* pode aparecer em orações interrogativas na mesma posição que aparece em posições afirmativas: após o sujeito e antes do verbo principal, como no exemplo (10).

(10) *Bruce was running?*

Nesses casos, o falante também usa a entonação para distinguir o tipo de oração.

- **Ausência da terceira pessoa do singular no *simple present***

No inglês americano, a terceira pessoa do singular no tempo verbal *simple present* é conjugada com o acréscimo de /s/ ao verbo<sup>4</sup>. Sendo assim, a conjugação do verbo *sleep* na terceira pessoa segue nas formas: *She sleeps, He sleeps, It sleeps* (CAMPOS, 2006). No inglês Vernacular Afro-Americano, no entanto, é comum o uso de uma única forma verbal para indicar tanto singular quanto plural. Conseqüentemente, uma das características do IVAA é a ausência do -s na terceira pessoa do singular no *simple present*, como em *He walkØ*, em vez de *He walks* (RICKFORD, 1999).

O Quadro 6 exemplifica a conjugação do verbo *run* no *simple present* do IVAA.

Quadro 6 – *Simple present* no IVAA

<i>Simple present</i> do verbo <i>run</i>			
Número/pessoa	Afirmativa	Afirmativa enfática	Negativa
1ª pessoa (singular e plural)	I run	I DO run	I don't run
	We run	We DO run	we don't run
2ª pessoa (singular e plural)	You run	You DO run	You don't run
	You run	You DO run	You don't run
3ª pessoa (singular e plural)	He run	He DO run	He don't run
	She run	She DO run	She don't run
	It run	It DO run	It don't run
	They run	They DO run	They don't run

Fonte: Adaptado de Green (2002, p. 36)

<sup>4</sup> Nos casos em que os verbos terminam com as letras o, ch, sh, ss, z ou x, acrescenta-se /es/ à forma escrita singular da terceira pessoa. Quando os verbos terminam em y precedido de consoante, acrescenta-se /ies/ à forma escrita singular da terceira pessoa (CAMPOS, 2006). Na oralidade, a realização do -s de plural é /s/, /z/, /ɪz/, respectivamente, em *works*, *plays* e *studies*.



De acordo com o padrão exemplificado no Quadro 6, essa característica também afeta o *auxiliary do*, que não é conjugado como *does*, forma usada no inglês americano padrão para a terceira pessoa do singular do *simple present*. Logo, *do* é usado tanto nas formas enfática e negativa do singular, como em *He DO/He don't*, quando nas formas enfática e negativa do plural, como em *They DO/They don't*.

- **Generalização no uso de *is* e *was***

Conforme discutido no item anterior, o Inglês Vernacular Afro-Americano tem como uma de suas principais características a não diferenciação entre singular e plural. Essa não diferenciação também afeta o verbo *be*, tanto no tempo presente quanto no passado. Dessa forma, no IVAA, há uma generalização no uso de *is* e *was*, que ocorrem também no plural e na segunda pessoa do singular – em vez de *are* e *were*, formas usadas no inglês americano padrão (RICKFORD, 1999).

Os exemplos (11) e (12) ilustram a ocorrência dessa característica no IVAA e suas formas correspondentes no inglês americano padrão.

(11) *They is some crazy folk (They are crazy folk, no inglês americano).*

(12) *We was there (We were there, no inglês americano).*

(RICKFORD, 1999)

Além disso, o uso de *is* para a primeira pessoa do singular também pode ocorrer nessa variedade. Embora não tenha sido exemplificado como um padrão no IVAA, Green (2002), ao discutir a presença do IVAA na mídia, apresenta o trecho de um diálogo do filme *Bamboozled (A Hora do Show, na versão brasileira)* em que a forma *I is* ocorre:

Sleep 'n' Eat: I see a lot of troubles lately.  
 Mantan: How be that?  
 Sleep 'n' Eat: I don't know who I is.  
 Audience: [...] Awwww!  
 Mantan: Well, I'll be a Alabama porch monkey's uncle.  
 (GREEN, 2002, p. 205)

Os padrões apresentados em relação ao *auxiliary/copular be* são apenas uma representação da uniformidade nos casos de ocorrência deste verbo e não representam todas as possíveis variações que podem ocorrer no IVAA. Fatores

sociais, por exemplo, podem influenciar para que um falante do IVAA produza *they were*, em vez de *they was*, ou *she's* em vez de *she Ø*, variações estas que têm sido de extrema importância para as pesquisas sobre o IVAA (GREEN, 2002).

- **Uso de *be* para marcar um hábito**

Segundo Green (2002), o verbo *be* pode ocorrer no Inglês Vernacular Afro-Americano, de forma não conjugada, para indicar um hábito. Dessa maneira, no exemplo (13), o verbo *eating* expressa uma atividade recorrente.

(13) *John be eating.*

No inglês americano padrão, essa mesma oração significaria *John is usually/always eating* ou *John usually eats*.

Diferentemente do auxiliar/copular *be*, que pode ser omitido em alguns casos, o verbo *be*, quando utilizado para marcar um hábito, deve obrigatoriamente estar presente na oração, pois, se for omitido, pode causar ambiguidade ou não ser interpretado da maneira adequada. Isso é exemplificado nas orações em (14).

(14) a. *Bruce run.*

No inglês americano padrão: *Bruce runs on occasions* ou *Bruce doesn't have a problem with running*.

b. *Bruce Ø running.*

No inglês americano padrão: *Bruce is running now* ou *Bruce is running these days*.

c. *Bruce be running.*

No inglês americano padrão: *Bruce is usually running* ou *Bruce usually runs*.

(GREEN, 2002, p. 47).

Todas as orações em (14) podem ser interpretadas como uma situação habitual, em que o verbo *run* expressa uma atividade que ocorre de maneira ocasional, mas a oração (c) só pode ter essa interpretação. Dessa maneira, se o verbo *be* for omitido, a frase (c) se torna a frase (b) e passa a ser uma oração no tempo *present progressive*, indicando uma ação em andamento ou não concluída. O

verbo *be*, quando marcador de hábito, aparece apenas na forma não flexionada, ou seja, nunca aparece nas formas *is*, *am* ou *are*. Além disso, o verbo *be* não flexionado não ocorre apenas em posições em que precede verbos nas formas *-ing*: também pode preceder adjetivos, substantivos, preposições, advérbios, verbos na forma passiva ou até mesmo no final da oração, como pode ser observado nos exemplos (15)-(22), em que (a) representa a oração no IVAA e (b) a sua tradução para o inglês americano.

- (15) a. *She be telling people she eight.*  
 b. *She is always telling people she's eight.* ou *She always tells people she's eight.*
- (16) a. *During the summer, they go off for two weeks, so her checks be big.*  
 b. *During the summer, they go away for two weeks, so her checks are usually big then.*
- (17) a. *Your phone bill be high, don't it.*  
 b. *Your phone bill is usually high, isn't it?*
- (18) a. *It be knives in here. It be ice picks in here.*  
 b. *There are usually knives in here. There are usually ice picks in here.*
- (19) a. *I be in my office by 7:30.*  
 b. *I am usually in my office by 7:30.*
- (20) a. *She gotta be there for 9.*  
 b. *She has to be there at 9.*
- (21) a. *It don't be drove hardly. It don't be dogged. I grease it and oil it.*  
 b. *It is usually the case that it is hardly driven. It isn't usually dogged. I grease it and oil it.*
- (22) a. *That's how they be.*  
 b. *That's how they usually/always are.*

(GREEN, 2002, p. 48-50)

Visto que o verbo *be*, nesses casos, indica uma situação habitual ou iterativa, não é necessário que esteja acompanhado de advérbios que também indiquem hábitos. No entanto, alguns advérbios podem acompanhar *be* – os advérbios de frequência, por exemplo. Dessa forma, é possível encontrar a ocorrência de orações como *I always/usually/often/never be looking for somewhere to waste my time*, em

que os advérbios indicam a frequência da ação. Nesses casos, os advérbios devem ocorrer, preferencialmente, na posição que precede o verbo *be*.

Como pôde ser observado, o verbo *be* pode ocorrer no Inglês Vernacular Afro-Americano com significado diferente do *auxiliary/copular be*, para indicar um hábito ou uma situação habitual. Segundo Green (2002), essa característica do IVAA também pode ocorrer em outras variedades do inglês e tem sido foco de pesquisas importantes sobre a origem histórica do IVAA e sua relação com outras variedades.

- **Done**

O marcador verbal *done* pode ser usado no Inglês Vernacular Afro-Americano para indicar que uma ação ou evento foi concluído, como nos exemplos (23)-(26), em que (a) indica o IVAA e (b) seu significado correspondente no inglês americano.

(23) a. *I told him you done changed.*

b. *I told him that you have changed.*

(24) a. *I done already finished that.*

b. *I have already finished that.*

(25) a. *I done done all you told me to do. I done visited the sick.*

b. *I have done all you told me to do. I have visited the sick.*

(26) a. - *Push your seat.*

- *I done pushed it.*

b. *I have (already) pushed it.*

(GREEN, 2002, p. 60)

Como pode ser observado nos exemplos (23)-(26), este uso de *done* do IVAA é diferente do uso de *done* particípio do verbo *do* no inglês americano padrão (*She has done her homework*) e nas variedades não padrão do inglês americano (*She done her homework*). Green (2012) enfatiza que há uma diferença fonética entre o particípio *done* (que é pronunciado como /dʌn/) e o marcador verbal *done* (pronunciado como /dɛn/) e usa a forma *dɛn* para se referir a este uso de *done* pelos falantes do IVAA. Nos exemplos 23-30, as formas de *done* sublinhadas são transcritas originalmente na forma *dɛn* em Green (2002). Green (2002) argumenta que *done* (/dɛn/) precede verbos na forma *-ed*, mas também apresenta exemplos em

que este uso de *done* precede verbos irregulares no particípio, como em (25). Ainda segundo Green (2002), /dɒn/ também pode preceder formas no presente, como antes do verbo *give*; no entanto, Green (2002) não apresenta exemplos de orações deste caso. Apesar de normalmente indicar um evento concluído, /dɒn/ também pode indicar outras situações, como um passado recente (27) ou já ter passado por uma experiência (28).

- (27) a. *I done lost my wallet!*  
 b. *I have (just) lost my wallet!*
- (28) a. *She done been to church.*  
 b. *She has been to church before.*
- (GREEN, 2002, p. 61)

Os advérbios *already* e *before* podem ocorrer em orações com /dɒn/, visto que esses advérbios são compatíveis com a conclusão de uma ação ou um evento. Os exemplos (29) e (30) ilustram esses casos.

- (29) a. *I done already finished that/I done finished that already.*  
 b. *I have already finished that/I have finished that already*
- (30) a. *I done drove that car before.*  
 b. *I have driven that car before*
- (GREEN, 2002, p. 62)

Nesses casos, *done* (/dɒn/) normalmente precede *already*, mas este advérbio também pode ocorrer no fim da oração. *Before*, por sua vez, ocorre no final da oração.

- **Múltipla negação**

No Inglês Vernacular Afro-Americano, é comum a ocorrência de múltipla negação, como o uso de *don't*, *no* e *nothing* em uma mesma oração. A negação pode ser indicada com o uso de auxiliares, como *don't* e *didn't*, e pronomes indefinidos, como *anybody*, *nobody*, *anything* ou *nothing*. Os exemplos (31)-(34) ilustram esse caso.

- (31) a. *I sure hope it don't be no leak after they finish.*  
 b. *I hope there won't be a leak after they finish.*
- (32) a. *Bruce don't want no teacher telling him nothing about no books.*  
 b. *Bruce doesn't want any teacher telling him anything about (any) books.*
- (33) a. *I don't never have no problems.*  
 b. *'I don't ever have (any) problems.*
- (34) a. *Sometimes it didn't have no chalk, no books, no teacher.*  
 b. *Sometimes there weren't any chalk, any books or any teacher.*
- (GREEN, 2002, p. 77)

O exemplo (32), por exemplo, contém quatro ocorrências de marcadores de negação. Entretanto, não existe um número máximo que possa ser usado em uma mesma oração. No inglês americano padrão, a dupla negação não é possível, pois, de acordo com a regra, acarretaria uma oração afirmativa. Essa regra não existe no IVAA. Logo, a oração do exemplo (32a) não é menos negativa do que (32b).

- **Inversão negativa**

Além da múltipla negação, é possível observar, em orações negativas, um fenômeno chamado inversão negativa (*negative inversion*), no qual um verbo auxiliar e um sintagma nominal indefinido estão na forma negativa, em posição inicial na oração. Os exemplos (35)-(37) ilustram esses casos.

- (35) a. *Don't no game last all night long.*  
 b. *No game lasts all night.*
- (36) a. *Don't nothing come to a sleeper but a dream.*  
 b. *Nothing comes to a sleeper but a dream.*
- (37) a. *Ain't nothing you can do.*  
 Também poderia ser: *It ain't nothing you can do.*  
 b. *There isn't anything that you can do.*

(GREEN, 2002, p. 78)

Em (35) e (36), um *auxiliary* negativo precede um sintagma nominal indefinido, ou seja, que não se refere a nada ou ninguém específico. Em (37), tem-se um exemplo de múltipla negação em orações existenciais, característica do IVAA tratada a seguir neste trabalho.

- **It e they existenciais**

No IVAA, é comum a ocorrência de *it* e *they* para marcar uma ideia de existência, como nos exemplos (38)-(42). Nos exemplos, extraídos de Green (2002), *they* é pronunciado como /dey/, visto que o som de th sonoro no IVAA pode ser reproduzido como /d/, conforme discutido no tópico “Padrões sonoros de th”, da seção 5.1.1.

(38) *It's some coffee in the kitchen.*

(39) *It got some coffee in the kitchen.*

(40) *It have some coffee in the kitchen.*

(41) *They /dey/ got some coffee in the kitchen.*

(42) *They /dey/ have some coffee in the kitchen.*

(GREEN, 2002, p. 80)

As cinco construções existenciais (38)-(42) podem ser utilizadas para conferir o sentido de *There is some coffee in the kitchen.* (GREEN, 2002). Além das formas que aparecem nos exemplos (38)-(42), *it* também pode ocorrer acompanhado do verbo *be* não flexionado, formando uma construção existencial que indica situação habitual, como em (43).

(41) a. *It be too many cars in that parking lot.*

b. *There are usually/always too many cars in that parking lot.*

(GREEN, 2002, p. 80)

De acordo com Green (2002, p. 81):

Essas orações existenciais só podem ser construídas com um elemento existencial (por exemplo, *it*), seguida de uma forma obrigatória de *be* (flexionada ou aspectual), *have* ou *got*, que será referida aqui como um conectivo. Esses elementos são chamados de conectivos porque eles vinculam a oração existencial ao sintagma nominal.<sup>5</sup>

Dessa forma, é possível, então, organizar a forma como essas construções existenciais geralmente se apresentam no IVAA:

Elemento existencial – conectivo – sintagma nominal

*It*                      *be*                      *too many cars*

## 5.2 Variedades do português brasileiro

O português do Brasil possui diferenças consideráveis, em níveis estruturais, em relação ao português de Portugal, o que leva sociolinguistas a questionarem quanto às condições sociais e históricas que poderiam ter influenciado tais diferenças. Existe, contudo, certo desdém no que diz respeito às possíveis influências indígenas e africanas na formação do cenário linguístico do Brasil. Segundo Lucchesi (2009, p. 27), tal menosprezo se deve a “uma visão de ‘superioridade cultural’ do colonizador europeu, ora por opções teóricas imanentistas, que circunscrevem à lógica interna do sistema linguístico as motivações para as suas mudanças”. Essa visão ideológica, somada às dificuldades em se realizar pesquisas sociolinguísticas que possam fornecer resultados práticos sobre variações linguísticas resultantes de contato entre línguas no português brasileiro, gera uma lacuna no que tange às reais contribuições dos índios e dos africanos para a língua portuguesa no Brasil (LUCCHESI et al., 2009).

Os portugueses chegaram ao Brasil no século XVI e passaram a ter contato com as tribos indígenas que habitavam a costa do país. Iniciou-se, então, o processo de escravização dos índios pelos colonizadores portugueses, bem como o de catequese dessas tribos indígenas pelos jesuítas. Os índios escravizados

---

<sup>5</sup> These existential sentences can only be constructed with an existential element (e.g., *it*) and a following obligatory form of *be* (inflected or aspectual), *have* or *got*, which will be referred to here as a linker. These elements are called linkers because they function to link the existential to the following noun phrase. (GREEN, 2002, p. 81).



conseguiam se comunicar por meio de uma língua geral, que foi, então, incorporada pelos portugueses com o intuito de ordená-los a realizar o trabalho escravo de extração do pau-brasil. Os jesuítas, com o objetivo de catequisar os índios, também adotaram a língua, chegando a codificá-la na forma escrita seguindo os modelos estruturais da língua portuguesa. Contudo, a resistência indígena ao trabalho escravo, entre outros fatores, levou os portugueses a buscarem outras fontes de trabalho forçado para suprir a nova demanda de mão de obra nos engenhos de cana de açúcar no Nordeste do país. Os portugueses, então, passaram a importar populações africanas para o Brasil para efetuar o trabalho escravo, situação que durou mais de três séculos e rendeu vários ciclos de importação de africanos (LUCCHESI et al., 2009)

Os primeiros escravos africanos trazidos pelo tráfico negreiro chegaram ainda no século XVI. Ao final do mesmo século, os africanos já ocupavam a maior parte da sociedade colonial brasileira, especialmente Pernambuco e Bahia. Dessa forma:

[...] enquanto em São Paulo, no Maranhão e no interior do país (ou seja, nas zonas periféricas da Colônia) a língua geral predominava em função da submissão e aculturação das populações indígenas, a língua portuguesa avançava a partir da Bahia e de Pernambuco, os centros mais dinâmicos e mais intimamente ligados à economia mercantilista, na qual se integrava o projeto colonial brasileiro. (LUCCHESI et al., 2009, p. 45).

Os diversos ciclos que levaram à importação de populações africanas se deram por razões econômicas, como o cultivo da cana-de-açúcar, a exploração de minas e a colheita de especiarias. Visto que no Nordeste houve uma redução de trabalho indígena, a língua geral não predominava mais naquele local. Os escravos africanos, então, estavam em constante contato com a língua portuguesa, o que resultou no crescimento dessa língua, de forma paralela ao crescimento da sociedade açucareira. O ciclo do outro, no século XVIII, resultou na vinda de mais de 300 mil portugueses ao Brasil em busca de enriquecimento, propiciando, ainda mais, a difusão da língua portuguesa no país. Nesse contexto, Lucchesi et al. (2009, p. 45) afirma:

O avanço da língua portuguesa no território brasileiro – seja em sua variedade nativa, veiculada pelos colonos brasileiros, seja na variedade defectiva, falada pelos escravos africanos e seus descendentes crioulos – dá-se primordialmente sobre uma base socioeconômica, com a expansão das lavouras de açúcar no século XVII e, sobretudo no século XVIII, com o grande ciclo das minas, cujo manancial extraordinário de riqueza teve um impacto sobre toda a economia mundial.

Diante desses fatos, fica claro, então, que a língua portuguesa sofreu diversas mudanças em sua aquisição. Primeiramente, pelos índios que aprenderam o português e, posteriormente – e de forma mais expressiva –, pelos escravos africanos. Essas alterações, no entanto, não influenciaram de forma relevante e direta o português falado de camadas mais altas da sociedade da época.

Apenas em 1888, quando houve a abolição da escravidão e se iniciou a adoção do trabalho assalariado, este cenário começa a mudar. Imigrantes europeus e asiáticos vieram em larga escala para o Brasil para ingressar no trabalho de campo. Visto que se instalaram nas camadas mais baixas da pirâmide social, esses imigrantes aprenderam o português popular, em decorrência do contato direto com ex-escravos, seus descendentes e mestiços. Todavia, devido ao histórico cultural que esses imigrantes possuíam, eles conseguiram prosperar rapidamente; como consequência, influenciaram a norma culta com o português popular que haviam aprendido inicialmente. Além disso, os afrodescendentes conseguiram, posteriormente, alcançar outras camadas sociais e constituir outras diversas atividades econômicas, embora, devido a obstáculos históricos, ainda se concentrem nos segmentos sociais que se encontram na base da pirâmide social (LUCCHESI et al., 2009).

A língua portuguesa no Brasil foi, então, claramente influenciada pelo contato dos africanos com a língua. O contato linguístico dos africanos com o português tem raízes muito semelhantes ao contato entre africanos e a língua inglesa no Caribe e no Sul dos EUA, que resultaram no nascimento de línguas crioulas. Entretanto, segundo Lucchesi et al. (2009), não é possível afirmar que houve no Brasil um processo regular de crioulização do português. O próximo item aborda o processo de crioulização e de transmissão irregular, que marcaram as mudanças linguísticas na língua portuguesa brasileira.

### **5.2.1 *Crioulização e transmissão irregular***

De acordo com Lucchesi et al. (2009), o processo de crioulização depende do nível da dificuldade de acesso à língua-alvo – no caso do Brasil, o português. Dessa forma, se a população dominante estiver em baixa proporção, os escravos africanos tendem a adquirir a língua-alvo de forma deficiente, contribuindo para que ocorra o processo de crioulização. Diferentemente do que ocorreu no Caribe, em que a

população branca sempre esteve em número inferior durante o período de colonização, no Brasil, a população de brancos – brasileiros e europeus – nunca foi menor que 30%, conforme ilustra a Tabela 1.

Tabela 1 – População do Brasil por etnia do século XVI ao século XIX

ETNIA	1583-1600	1601-1700	1701-1800	1801-1850	1851-1890
Africanos	20%	30%	20%	12%	2%
Negros brasileiros	-	20%	21%	19%	13%
Mulatos	-	10%	19%	34%	42%
Branco brasileiros	-	5%	10%	17%	24%
Europeus	30%	25%	22%	14%	17%
Índios integrados	50%	10%	8%	4%	2%

Fonte: Mussa (1991, p. 163 apud LUCCHESI et al., 2009, p. 62)

Conforme mostra a Tabela 1, a população de negros e africanos no Brasil chega a representar metade da população no final do século XVII, atingindo seu ápice.

Além do elevado número de brancos no Brasil, outros fatores desfavoreceram o processo de crioulização. Lucchesi et al (2009, p. 70) listam outros fatores relevantes:

- (ii) a ausência de vida social e familiar entre as populações de escravos, provocada pelas condições sub-humanas de sua exploração, pela alta taxa de mortalidade e pelos sucessivos deslocamentos;
- (iii) o uso de línguas francas africanas como instrumento de interação dos escravos segregados e foragidos;
- (iv) o incentivo à proficiência em português;
- (v) a maior integração social dos escravos urbanos, domésticos e das zonas mineradoras;
- (vi) a miscigenação racial.

Portanto, não houve no Brasil um processo estável de crioulização da língua portuguesa. Os escravos que chegaram ao país tiveram um acesso limitado aos modelos da língua-alvo (LA); no entanto, os filhos desses escravos, nascidos no Brasil e, muito comumente, filhos de pais que falavam línguas africanas diferentes, desenvolveram o português como língua materna, a partir do modelo defectivo de português como segunda língua de seus pais, desencadeando um processo de transmissão linguística irregular leve. Apesar de se aproximar dos conceitos de

pidginização/crioulização, a transmissão irregular não resulta obrigatoriamente nesses processos. De acordo com Lucchesi et al. (2009, p. 107):

Nas situações típicas de pidginização/crioulização, o difícil acesso dos falantes das outras línguas aos modelos da LA mantém-se, geralmente, durante todo o período de formação da nova entidade linguística, que pode se tornar a LA para os novos falantes que ingressam na comunidade. [...] Porém, se o acesso dos falantes das outras línguas (e, principalmente, dos seus descendentes) aos modelos da LA aumenta com a continuidade da situação social que originou o contato, vai-se estabelecendo uma espécie de ideal normativo, na medida em que as formas da LA gozam de um maior prestígio social. [...] O resultado, então, pode não ser a formação de um sistema linguístico muito distinto da LA, mas uma nova variedade histórica dessa língua que não deixa de apresentar certas características decorrentes do processo de transmissão linguística irregular que ocorreu com a sua socialização/nativização entre os falantes das outras línguas e seus descendentes. De qualquer forma, assim como na definição dos processos de pidginização/crioulização, a definição dos processos de transmissão linguística irregular deve conjugar os fatores linguísticos e psicolinguísticos com os fatores de natureza sócio-histórica.

Uma das características dos processos de transmissão linguística irregular é a perda de morfologia flexional no que diz respeito à língua-alvo, ou seja, é comum que as línguas resultantes desses processos apresentem uma redução de complexidade no campo morfológico, bem como uma diminuição nas irregularidades da língua (GOODMAN, 1971 apud LUCCHESI et al., 2009). Nas línguas crioulas, é comum que ocorra perda de morfologia flexional total. Nos casos de transmissões irregulares mais leves, é possível que a língua apresente variações. Lucchesi et al. (2009) complementa que uma das consequências desse processo é a grande variação na aplicação das regras de concordância verbal e nominal no português popular brasileiro, principalmente nas comunidades rurais mais isoladas.

Apesar da clara influência das línguas africanas no português brasileiro, Lucchesi et al. (2009) afirma que não há um português afro-brasileiro fundamentado em padrões étnicos, como é o caso do Inglês Vernacular Afro-Americano. Existe, de fato, o que o autor chama de português afro-brasileiro, fundamentado em padrões sócio-históricos, que é a variedade falada por descendentes diretos de escravos que vivem em áreas rurais extremamente isoladas, locais em que a transmissão irregular se estabeleceu de forma mais efetiva. No entanto, essa variedade não é utilizada pelos negros brasileiros de maneira geral. Um afro-brasileiro que tenha ensino superior, por exemplo, muito provavelmente usará a norma culta brasileira. Contudo, a maioria dos negros brasileiros é falante da norma popular urbana, visto que,

lamentavelmente, por conta de adversidades sócio-históricas, ainda se situam na base da pirâmide social.

Britto (2012) argumenta que não se pode comparar o dialeto utilizado por negros nas comunidades isoladas com o IVAA, visto que este último é falado por negros em todo o território dos EUA, de forma que se mostra amplamente presente na música popular e no cinema, enquanto o português afro-brasileiro é falado apenas por uma minoria e é desconhecido pela maioria dos falantes do português.

Dessa forma, para fins deste trabalho, interessa, principalmente, levar em consideração o português popular brasileiro, ao qual Preti (1997) se refere como dialeto social popular, caracterizado como um dialeto de menor prestígio, que foge dos padrões da norma culta e apresenta menor complexidade morfossintática.

## 6 A TRADUÇÃO DO INGLÊS VERNACULAR AFRO-AMERICANO

Embora não seja possível recriar na tradução todas as características de um texto original de maneira exata, o processo tradutório não deve ser realizado de maneira abstrata. A tradução, de fato, é uma operação pragmática e envolve um processo de leitura extremamente cauteloso. Em se tratando de tradução literária, o tradutor precisa analisar criteriosamente o texto original para identificar quais são as características que devem, ao máximo, ser reproduzidas na tradução. Segundo Britto (2012, p. 56):

O inatingível ideal do tradutor literário é recriar em seu idioma uma obra estrangeira, encontrando correspondências para cada um dos incontáveis elementos que compõem um texto: palavras, sintagmas, características morfosintáticas e fonológicas, trocadilhos etc.; na impossibilidade de realizar essa tarefa de modo perfeito, ele tenta ao menos reconstruir da melhor maneira o que lhe parece mais importante no original.

Como visto no capítulo 2, o livro *Push*, objeto deste trabalho, tem como uma de suas características mais marcantes a presença do Inglês Vernacular Afro-Americano (IVAA) ao longo da narrativa, uma vez que a personagem principal, Precious, bem como outros personagens do romance, é falante desta variedade. Dessa forma, não se trata de uma tradução do inglês americano padrão para o português, e sim do IVAA para o português. O tradutor, portanto, deve primeiramente compreender o IVAA e suas particularidades, discutidas na seção 5.1, para, então, tentar recriá-los na tradução da forma mais viável. Dado que não existe, no português, uma variedade linguística fundamentalmente étnica que se compare ao IVAA, a análise da tradução desta obra, em termos de aproximação da linguagem utilizada no texto original, fundamenta-se na comparação da tradução com formas presentes em uma variedade de menor prestígio, um dialeto social popular que se distancie ao máximo da norma culta padrão, como visto na seção 5.2.

Este capítulo tem como objetivo analisar a tradução do romance *Push*, com base nas fundamentações teóricas estabelecidas no capítulo 3, especificamente as considerações de Britto (2012) acerca da tradução literária. Assim sendo, este capítulo visa identificar se o tradutor buscou, na medida do possível e considerando os possíveis casos de intraduzibilidade, manter uma equivalência entre a linguagem utilizada na tradução e a linguagem do texto original, de forma a recriar as

particularidades do IVAA – que, no caso, seria um “marcado” da obra, conceito definido em 3.2 – na tradução para o português, distanciando-se, ao máximo, da norma culta e reproduzindo um dialeto social mais popular, caracterizado por seu baixo prestígio. Além disso, serão analisados os procedimentos técnicos de tradução, definidos por Barbosa (1990), utilizados pelo tradutor durante o processo. Na seção 6.1, serão analisadas as traduções de passagens que possuem características fonéticas e fonológicas do IVAA; na seção 6.2, serão analisadas as traduções de passagens com presença de características morfossintáticas. Ao final deste capítulo, será apresentada uma análise geral dos resultados encontrados.

### **6.1 Características fonéticas e fonológicas**

Conforme abordado na seção 4.2.1.2, transcrever os sons da fala é um grande desafio para escritores. Nos casos em que os sons conferem um efeito literário à obra, esse obstáculo pode se revelar em traduções, de forma ainda mais penosa, caso o tradutor opte por recriar tais efeitos sonoros na língua de chegada. Britto (2012) argumenta que certos efeitos literários não podem ser recriados de um idioma para outro, de maneira que o tradutor precisa encontrar uma solução muitas vezes precária. Além disso, Britto (2012, p. 117) afirma que o IVAA é um “exemplo de intraduzibilidade radical”, referindo-se, no caso, à tradução para o português. Com efeito, as características fonéticas e fonológicas desta variedade podem ser muito difíceis de serem recriadas em português.

Nesta seção, serão analisadas passagens da narrativa da obra *Push* que contêm palavras ou expressões com efeitos sonoros característicos do Inglês Vernacular Afro-Americano. Assim sendo, será investigado se o tradutor utilizou ou não recursos fonéticos e fonológicos na língua de chegada para recriar as características fonéticas e fonológicas do IVAA, além de quais procedimentos técnicos e que tipo de dialeto social o tradutor utilizou na tradução.

Nos exemplos citados neste capítulo, o original refere-se a Sapphire (1997) e a tradução refere-se a Sapphire (2014).

- **Redução de encontro consonantal**

### Exemplo 1

Original	Tradução
I <u>jus' fall</u> in Mr Wicher's class sit down. We don't have assigned seats in Mr. Wicher's class, we can sit anywhere we want. (p. 4)	Eu <u>só entro</u> na sala do Sr. Wicher e sento. A gente não tem lugar fixo na sala do Sr. Wicher, cada um pode sentar onde quiser. (p. 12)

### Exemplo 2

Original	Tradução
When I git up they snort snort hog grunt sounds. So I <u>jus' stop</u> getting up. What for? (p. 36)	Quando eu sentava os garoto fazia som de peido com a boca, que nem se eu tivesse peidando. Por isso <u>eu parei</u> de levantar. Pra quê? (p. 47)

Nos exemplos 1 e 2, os trechos sublinhados do texto original incluem a palavra *jus'*, reduzida de *just*. No exemplo 1, *I jus' fall* é traduzido como “eu só entro”, o que, a princípio, não causa nenhum estranhamento no leitor da tradução, embora a construção com “só” para *jus'* seja mais próxima do informal do que “apenas” ou “somente”, por exemplo. No entanto, na oração seguinte, o trecho original não contém nenhuma característica particular do IVAA, mas o tradutor usa “a gente não tem” para *we don't have*, em vez de “nós não temos”. Como visto em 4.2, ambas as expressões são socialmente aceitas, mas a variante “nós não temos” é considerada mais formal, enquanto “a gente não tem” é considerada mais coloquial. Dessa forma, o tradutor optou por um nível de fala, ou registro, mais coloquial na escolha de “a gente” para pronome pessoal da primeira pessoa do plural, embora essa forma seja mais aceita socialmente e tenha mais prestígio do que o uso combinado de “a gente” com a primeira pessoa do plural, como em “a gente não temos”, ou o uso de “nós” com a terceira pessoa do singular, como em “nós não tem”, variantes ainda bastante recriminadas socialmente.

No exemplo 2, *I jus' stop* é traduzido como “eu parei”. Dessa forma, diferentemente do exemplo 1, o advérbio *jus'* não foi traduzido para a língua de chegada, o que não é um problema, visto que a omissão é um procedimento comum nesses casos. Sendo assim, a tradução desta oração, em particular, não possui nenhuma marca específica de um dialeto de menor prestígio. No entanto, ao analisar a oração anterior, é possível observar a falta de concordância nominal em



“os garoto”, além do uso da expressão “que nem” com sentido comparativo, que seria uma substituição consagrada para a conjunção comparativa “como”, esta mais próxima da norma-padrão. Contudo, embora seja perfeitamente possível, não seria correto afirmar que o tradutor procurou fazer uma compensação, dado que na oração original existem elementos marcados, como o uso de *git*, em vez de *got* do inglês padrão, e *snort*, em vez da forma conjugada no tempo passado *snorted* do inglês padrão, que também precisariam ser reproduzidos na tradução.

Deste modo, embora os dois procedimentos sejam adequados, há diferença entre a tradução de *jus'* nos dois exemplos: no exemplo 1, o termo é mantido na tradução e no exemplo 2, é omitido. No entanto, não é possível verificar a presença de efeitos sonoros em nenhum dos exemplos. Há, contudo, a presença de formas de menor prestígio em ambos os exemplos. No exemplo 1, a variante coloquial “a gente não tem” é usada na tradução, mesmo não havendo nada específico na oração original que exija o uso de uma variante diferente do padrão culto na tradução, e, no exemplo 2, a falta de concordância nominal em “os garoto” e a expressão comparativa mais popular “que nem” estão presentes, embora o conjunto dessas marcas possa ser apenas uma tradução para a oração original e não exatamente uma forma de compensação para a oração seguinte, que possui o advérbio *jus'*.

Seja como for, nos dois exemplos, a intraduzibilidade do efeito sonoro é compensada por outros recursos, de forma a conferir, em maior ou menor grau, o uso de uma linguagem mais popular: no exemplo 1, pelo uso da forma coloquial “a gente não tem”, embora existam outras formas de menor prestígio que poderiam ser utilizadas para distanciar ainda mais o texto de uma linguagem padrão; no exemplo 2, pela falta de concordância nominal em “os garoto” e pelo uso de “que nem” na oração anterior.

### Exemplo 3

Original	Tradução
“Ain’ no guys in our class.” This like you know <u>she los’ her welfare check after jus’ been cash or somethin’</u> . (p. 48-49)	– Não tem homem na nossa turma. – Isso como se <u>ela tivesse perdido a grana da previdência logo depois de descontar o cheque</u> ou sei lá o quê. (p. 60-61)

No exemplo 3, o trecho sublinhado contém a palavra *los'*, reduzida de *lost*. *She los'* é traduzido como “ela tivesse perdido”, o que, em princípio, não possui

nenhuma particularidade específica de um dialeto de menor prestígio social. Além disso, o mesmo trecho também possui o advérbio *jus'*, reduzido de *just*, como nos exemplos 1 e 2. *After jus'* é traduzido como *logo depois*, o que também condiz com uma norma mais próxima do padrão e não reproduz a característica fonética analisada neste tópico. É possível, então, apontar para uma coerência do tradutor quanto às traduções deste termo: ou ele é omitido, como no exemplo 2, ou é preservado, como nos exemplos 1 e 3, mas em nenhum caso um efeito sonoro é reproduzido.

Entretanto, o sintagma nominal *welfare check*, na mesma oração, é traduzido como “grana da previdência”. O tradutor optou por usar a palavra “grana”, que seria um termo mais coloquial para a palavra “dinheiro”, na tradução da palavra *check* (“cheque”, em português). O uso da gíria é característico de dialetos sociais populares, conforme visto no capítulo 4, e torna a oração em questão mais distante da norma culta padrão, compensando, assim, a intraduzibilidade dos efeitos sonoros de *los'* e *jus'* na oração.

#### Exemplo 4

Original	Tradução
How we gonna figure anything out. Weze ignerent. We here to learn, <u>leas' I am</u> . (p. 42)	Como é que a gente vai pensar em alguma coisa. A gente somos ignorante. A gente tamos aqui pra aprender, <u>pelo menos eu tô</u> . (p. 53)

O exemplo 4 apresenta um caso de redução de encontro consonantal no trecho destacado *leas' I am*, em que *leas'* é reduzido de *least*. A tradução do trecho, “pelo menos eu tô”, apresenta a forma popular na oralidade, “tô”, característica de uma linguagem mais coloquial, em vez da forma padrão “estou”. Visto que se trata de uma característica da fala, “tô” confere um efeito sonoro no trecho destacado, o que compensa a intraduzibilidade do efeito sonoro de *leas'*.

Em relação ao restante da passagem, é possível observar o mesmo efeito em “tamos”, usado em vez da forma padrão “estamos”. Além disso, a passagem é marcada por dois casos de ausência de concordância verbal: uma em “a gente somos” e outra em “a gente tamos”. Conforme discutido em 5.2.1, a não aplicação das regras de concordância é uma característica comum de variedades não padrão. Além disso, como visto em 4.2 e discutido no exemplo 1 deste capítulo, “a gente”

conjugado com a primeira pessoa do plural, como em “a gente somos” e “a gente tamos”, caracteriza uma variante muito estigmatizada socialmente.

Desta maneira, pode-se afirmar que, na passagem do exemplo 4, o tradutor aplicou um efeito sonoro característico de uma linguagem informal, como em “tô” e “tamos”, além de recursos característicos de dialetos sociais populares de baixo prestígio, que é o caso da ausência de concordância verbal em “a gente somos” e “a gente tamos”, distanciando a passagem destacada da norma-padrão.

Como pôde ser observado, os exemplos 1-4 contêm características de variedades não padrão, com uso de linguagem coloquial e particularidades de dialetos sociais populares. No exemplo 1, tem-se a forma mais coloquial “a gente não tem”. No exemplo 2, o tradutor usou como recurso a ausência de concordância nominal em “os garoto”, além da expressão comparativa mais coloquial “que nem”. No exemplo 3, o uso da gíria “grana” confere um tom mais coloquial à passagem. Finalmente, o exemplo 4 contém o uso de marcas da oralidade, como “tô” em vez de “estou”, e “tamo” em vez de “estamos”. Além disso, no exemplo 4, é possível observar a variante estigmatizada “a gente tamos”. De forma geral, o tradutor foi capaz de distanciar o texto da norma-padrão.

- Padrões sonoros de **th**: /θ/ como /t/ ou /f/

### Exemplo 5

Original	Tradução
I got new baby boy in my arms 'n she calling me bitch hoe slut say she gonna kill me 'cause I ruin her life. <u>Gonna kill me wif her “BARE HANDS!”</u> (p. 74)	Tava com o neném no colo e ela me chamando de puta cadela vagabunda dizendo que vai me matar porque eu arruinei a vida dela. <u>Vai me matar com “AS MÃO!”</u> (p. 88)

O exemplo 5 apresenta a forma do Inglês Vernacular Afro-Americano *wif*, em relação ao inglês americano padrão *with*. Como visto em 5.1.1, trata-se de uma característica do IVAA em que o som /f/ substitui o som de **th** surdo (/θ/) no final das palavras. *Wif* se encontra no trecho destacado *gonna kill me wif her “BARE HANDS!”*, traduzido como “vai me matar com ‘AS MÃO!’”. Na tradução da palavra *wif*, não há nenhum efeito sonoro introduzido pelo tradutor que possa causar estranhamento no leitor, visto que *wif* foi traduzido adequadamente como “com”.

Contudo, o mesmo trecho contém o sintagma nominal “AS MÃO”, que apresenta clara ausência de concordância nominal, o que distancia o trecho da norma-padrão.

No restante da passagem, é possível notar a escolha de “tava”, em vez da forma padrão “estava”. Tal variante, como discutido no exemplo 4, é comum na fala, principalmente em situações coloquiais. Além disso, o tradutor optou por manter, na tradução, o valor pejorativo das palavras de baixo calão no trecho *she calling me bitch hoe slut*, traduzido como “ela me chamando de puta cadela vagabunda”, o que distancia ainda mais a passagem da norma-padrão, pois, conforme discutido em 4.2.1, a linguagem obscena caracteriza os dialetos sociais populares.

### Exemplo 6

Original	Tradução
'Give the kid back her blanket,' <u>lady wif junkie sores on her arm say.</u> 'Fuck you,' maniac say, 'I ain' giving back shit.' (p. 77)	– Devolva o cobertor da garota – <u>diz a dona com feridas de pico no braço.</u> – Foda-se – a maluca responde. – Não vou devolver merda nenhuma. (p. 91- 92)

O exemplo 6, assim como o exemplo 5, contém a palavra *wif*, do Inglês Vernacular Afro-Americano, reduzida de *with*, do inglês americano padrão, no trecho *lady wif junkie sores on her arm say*. Neste exemplo, o trecho destacado na tradução, “diz a dona com feridas de pico no braço”, não contém nenhum efeito sonoro que compense o uso de *wif* no original.

Quanto ao restante da passagem, é possível notar que o tradutor optou por utilizar palavras de baixo calão de mesma carga pejorativa que na passagem original. Sendo assim, *fuck you* foi traduzido por “foda-se”, enquanto *shit* foi traduzido adequadamente como “merda”. Esses termos usados na tradução conferem característica de uma linguagem obscena típica de variedades de baixo prestígio, compensando a intraduzibilidade do efeito sonoro de *wif*. Logo, a passagem analisada no exemplo 6 está de acordo com as particularidades de um dialeto social popular.

### Exemplo 7

Original	Tradução
I feel so stupid sometimes. So ugly, worth nuffin'. <u>I could sit here wif my muver everyday wif the shades drawn</u> , watching TV, eat, watch TV, eat. (p. 34-35)	Às vez eu me sinto burra demais. Feia demais, não valendo nada. <u>Eu podia ficar sentada aqui com a minha mãe todo dia, com as janela fechada</u> , vendo TV; comer, ver TV; comer. (p. 46)

O exemplo 7 também apresenta a forma reduzida *wif*. O trecho *I could sit here wif my muver everyday wif the shades drawn*, traduzido como “eu podia ficar sentada aqui com a minha mãe todo dia, com as janela fechada”, apresenta “com” para a tradução de *wif* nas duas vezes em que a variante aparece, da mesma forma que nos exemplos 5 e 6. A tradução de *wif*, portanto, assim como nos exemplos 5 e 6, não manifesta nenhum efeito sonoro diferenciado, que causaria estranhamento no leitor da tradução. No entanto, o mesmo trecho apresenta ausência de concordância nominal em “as janela fechada”, o que distancia o trecho destacado da norma-padrão.

Além disso, ao observar o restante da passagem, é possível notar o uso de “às vez”, forma coloquial comum na oralidade, em vez da forma padrão “às vezes”, aproximando o texto de uma dialeto social popular.

### Exemplo 8

Original	Tradução
I am walking down the hall from homeroom to <u>first period maff</u> . Why they put <u>shit like maff</u> first period I do not know. (p. 4)	Tô andando pelo corredor, indo pro <u>primeiro período de matemática</u> . Não faço ideia por que eles botam <u>uma merda tipo matemática</u> no primeiro período. (p. 12)

No exemplo 8, é possível observar duas ocorrências de *maff*, forma reduzida do inglês americano padrão *math*, nos trechos *first period maff* e *shit like maff*, traduzidas, respectivamente, como “primeiro período de matemática” e “uma merda tipo matemática”. Em ambos os trechos destacados, *maff* é traduzida adequadamente como matemática.

O primeiro trecho destacado está em conformidade com a norma-padrão, não apresentando nenhum recurso que cause estranhamento no leitor ou aproxime o trecho de um dialeto social popular ou de um registro coloquial. O segundo trecho, por outro lado, contém no original a palavra pejorativa *shit*, traduzida

adequadamente como “merda”. A presença de uma palavra pejorativa na tradução, o que caracteriza uma gíria ou linguagem obscena, aproxima o trecho em questão de um dialeto social popular. Ao observar o restante da passagem, é possível notar também a presença da variante “tô”, em vez de “estou”, sua forma padrão. Sendo assim, devido ao uso dos recursos citados, é possível alegar que a passagem em questão se aproxima de um dialeto social popular.

Nos exemplos 5-8, foi possível observar que a característica de sonoridade do th não ocorre no texto traduzido. No entanto, o tradutor foi capaz de utilizar recursos que compensem essa e outras características do IVAA presentes na passagem. No exemplo 5, é possível observar o uso de “as mão”, apresentando ausência de concordância nominal, além do uso de “tava”, marca característica da fala, principalmente em linguagem coloquial, além do uso de palavras de baixo calão. No exemplo 6, tem-se palavras como “foda-se” e “merda” no texto traduzido, aproximando a passagem de uma linguagem mais coloquial. No exemplo 7, a ausência de concordância em “as janela fechada”, além do uso de “às vez”, em vez da forma padrão “às vezes”. No exemplo 8, nota-se o uso de “tô” e do termo pejorativo “merda”. De maneira geral, o tradutor conseguiu utilizar recursos que distanciam as passagens analisadas da norma-padrão.

- **Padrões sonoros de th: /ð/ como /d/ ou /v/**

### Exemplo 9

Original	Tradução
I was left back when I was twelve <u>because I had a baby for my fahver.</u> (p. 3)	Eu levei bomba quando tava com 12 anos <u>por causa que tive um neném do meu pai.</u> (p. 11)

Conforme discutido em 5.1.1, o som de th sonoro do inglês americano padrão pode ser pronunciado como /v/ no IVAA, quando em localizado na sílaba final da palavra. O trecho sublinhado no exemplo 9 contém a palavra *fahver*, em relação ao inglês americano padrão *father*, traduzido adequadamente como “pai”. A tradução da palavra para o português não contém nenhuma marca que cause estranhamento no leitor, visto que possivelmente não há uma forma popular urbana variante de “pai” amplamente conhecida em português e que seja considerada de baixo prestígio, principalmente uma forma que apresente diferença fonética. No entanto, o mesmo

trecho apresenta a locução “por causa que” como tradução para *because*, em vez da forma “porque”. Segundo Cegalla (1999), esta locução é comum na fala popular e vai contra a norma-padrão.

Dessa forma, o tradutor consegue compensar a intraduzibilidade do efeito sonoro diferenciado causado pela palavra do IVAA no original (*favher*) ao optar por uma forma de baixo prestígio no mesmo trecho (“por causa que”), tornando a passagem do exemplo 9 mais distante da norma-padrão.

### Exemplo 10

Original	Tradução
Ready for school. School something (this nuthin'!). School gonna help me <u>get out dis house</u> . (p. 35)	Pronta pra escola. A escola é alguma coisa (isso aqui é nada!). A escola vai me ajudar a <u>cair fora dessa casa</u> . (p. 46)

Como visto em 5.1.1, o som do *th* sonoro do inglês americano, quando em posição inicial na palavra, pode apresentar o som /d/ no IVAA. O exemplo 10 apresenta a forma *dis*, em relação ao inglês americano padrão *this*, traduzido como “dessa”. Se o tradutor estivesse em busca de se aproximar da forma padrão, a tradução mais adequada para a tradução de *this*, neste caso, seria “desta”, pois, segundo Bechara (2009), o pronome demonstrativo “este” e suas flexões (“esta”, “deste”, “desta”) devem ser utilizados para fazer referência aos “seres que pertencem ou estão perto da 1ª pessoa, isto é, daquela que fala [...]”, e ainda cita como exemplo a oração “esta casa é a casa onde me encontro” (BECHARA, 2009, p. 187), que vai de encontro à situação do trecho do exemplo 10. No entanto, o mesmo autor ressalta que “nem sempre se usam [pronomes demonstrativos] com este rigor gramatical” (BECHARA, 2009, p. 167) e defende que “há bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados” (BECHARA, 2009, p. 188), deixando claro que o uso de uma forma em detrimento da outra não caracteriza uma linguagem de baixo prestígio. Ademais, é comum que não se faça tal diferenciação na oralidade, o que justifica o uso dessa forma na obra literária.

Nesse contexto, o uso de “dessa” como tradução para *dis* ainda recai em uma linguagem próxima à norma-padrão. Contudo, o mesmo trecho apresenta como tradução para *get out* a expressão “cair fora”, gíria do português brasileiro utilizada em situações mais coloquiais, afastando a passagem destacada da norma-padrão.

### Exemplo 11

Original	Tradução
<u>My grandmuver, Toosie, bring Little Mongo over on days social worker come;</u> game is Little Mongo live here, my mama take care of Little Mongo em me. (p. 55)	<u>Minha avó, Toosie, traz a Monguinha nos dia que a assistente social vem;</u> a jogada é que Monguinha mora aqui, que mamãe cuida da Monguinha e de mim. (p. 68)

No exemplo 11, é possível observar o uso da palavra *grandmuver*, em relação à palavra do inglês americano padrão *grandmother*, no trecho destacado do original. *Grandmuver* é traduzida adequadamente como avó; no entanto, tal palavra não causa nenhum estranhamento ao leitor. Ao observar o restante do trecho traduzido, porém, nota-se a ausência de concordância nominal em “nos dia”. Tal recurso utilizado pelo tradutor confere ao trecho uma característica típica de uma variedade de menor prestígio, conforme discutido em 5.2.1, e compensa a intraduzibilidade do efeito sonoro de *grandmuver*.

Quanto ao restante da passagem, o uso da expressão popular “a jogada”, com sentido de “esquema, às vezes ilegal ou desonesto, para conseguir algo [...]” (DICIONÁRIO, 2008), é outro recurso que auxilia na aproximação de uma linguagem coloquial na passagem. Sendo assim, é possível alegar que a passagem, de forma geral, contém elementos que distanciam o texto de um dialeto social culto e o aproximam de um dialeto social popular.

### Exemplo 12

Original	Tradução
<u>That's what my muver call women she don't like, cunt buckets.</u> I kinda get it and I kinda don't get it, but I like the way it sounds so I say it too) (p. 7)	<u>É assim que minha mãe chama as mulher de quem ela não gosta: balde de buceta.</u> Eu meio que saco e meio que não saco o que é isso, mas gosto do som, por isso também digo” (p. 6)

O trecho destacado no exemplo 12, *that's what my muver call women she don't like, cunt buckets*, contém a palavra *muver*, do Inglês Vernacular-Afro-Americano, em relação ao inglês americano padrão *mother*. *Muver* é traduzida adequadamente como “minha mãe”, embora tal tradução não possua nenhum elemento que a caracterize como variante estigmatizada ou pertencente a uma linguagem de menor prestígio.



No mesmo trecho, porém, é notável a ausência de concordância nominal em “as mulher”, o que caracteriza uso não padrão da língua, aproximando o trecho de um dialeto social popular. Ainda no mesmo trecho, o tradutor optou por manter o valor semântico de *cunt buckets* na tradução, traduzindo a expressão pejorativa como “balde de buceta”. Visto que a palavra “buceta” é considerada popularmente como um termo pejorativo, o trecho aproxima-se, então, de um dialeto social popular, que tem como uma de suas características o uso da linguagem obscena, conforme visto em 4.2.1.

Quanto ao restante da passagem, o uso da gíria “sacar” em “eu meio que saco e meio que não saco”, com o sentido de “captar pela inteligência, entender” (DICIONÁRIO, 2008), é outro recurso que distancia a passagem da norma-padrão. Dessa forma, pode-se dizer que a passagem, de forma geral, está em conformidade com um dialeto social popular de baixo prestígio.

Como pôde ser observado nos exemplos 9-12, o tradutor buscou utilizar alguns recursos para distanciar as passagens analisadas da norma-padrão. No exemplo 9, tem-se o uso de “por causa de”, característico da linguagem popular. No exemplo 10, nota-se o uso da expressão coloquial “cair fora”. No exemplo 11, a ausência de concordância nominal em “nos dia” e o uso da expressão “a jogada” conferem característica de dialeto social popular à passagem. No exemplo 12, é possível observar a ausência de concordância nominal em “as mulher”, além do uso da palavra de baixo calão “buceta” e da gíria “sacar”.

- **Sufixo *-ing***

### Exemplo 13

Original	Tradução
Guess 'cause I don't know how far I'm gonna go with this story, or whether it's even a story or <u>why I'm talkin'</u> . (p. 3)	Acho que é porque não sei até onde vou com essa história, nem sei se isso é uma história nem <u>por que tô falando</u> . (p. 11)

### Exemplo 14

Original	Tradução
What I gonna be, queen of babies? No, I gonna be queen of those ABCs – <u>readin' 'n writin'</u> . (p. 75)	O que eu vou ser, a rainha dos neném? Não, eu vou ser rainha daqueles <u>que lê e escreve</u> o ABC. (p. 89)

### Exemplo 15

Original	Tradução
“Claireece?” <u>She tryin’ to talk</u> all gentle now and shit. “Claireece, I’m talking to you.” (p. 7)	– Claireece? <u>Ela tá tentando falar</u> toda mansinha e coisa e tal. – Claireece, estou falando com você. (p. 15)

Os exemplos 13 e 15 apresentam formas do *present participle* e o exemplo 14 apresenta a forma verbal *gerund* no Inglês Vernacular Afro-Americano, em que o som de ng do sufixo *-ing* é produzido como n (/n/), conforme visto na seção 5.1.1. No exemplo 13, o trecho sublinhado *why I’m talkin’* é traduzido por “por que tô falando”. A forma do IVAA, *talkin’*, é traduzida para o gerúndio do português *falando*, forma apropriada de acordo com a norma-padrão. O tradutor, no entanto, usa como tradução para *I’m* a forma mais coloquial “tô”, em vez da forma padrão “estou”, característica de uma linguagem mais coloquial.

No trecho sublinhado do exemplo 14, a forma do IVAA *readin’ ‘n writin’*, reduzida de *reading and writing* do inglês americano padrão, é traduzida como “que lê e escreve”, mantendo esse trecho específico dentro da forma padrão. Contudo, a mesma passagem apresenta uma falta de concordância no sintagma nominal “rainha dos neném”, o que aproxima a passagem, de forma geral, de uma linguagem mais popular.

No exemplo 15, o trecho sublinhado apresenta, no original, a oração *she tryin’ to talk*, traduzida como “ela tá tentando falar”. Assim como no exemplo 13, manteve-se, na tradução, uma forma padrão do gerúndio (“tentando”); por outro lado, o tradutor optou pela forma coloquial “tá”, em vez da forma padrão “está”. Além disso, na mesma passagem, o tradutor utiliza a expressão “e coisa e tal”, característica de um nível de fala mais popular.

Os exemplos que apresentam o gerúndio na tradução, isto é, exemplos 13 e 15, mantiveram a forma padrão do gerúndio, ou seja, a forma final “-ndo”, como em cantando, vendendo e correndo (BECHARA, 2009). No entanto, outra alternativa poderia ser utilizada nesses casos. De acordo com Bagno (2007), é muito comum, em algumas regiões do Brasil, que o /d/ dos gerúndios seja omitido na oralidade, resultando em formas como “cantano”, “vendeno” e “correno”. Trata-se de um fenômeno chamado assimilação, que é “a aproximação ou perfeita identidade de dois fonemas, resultante da influência que um exerce sobre o outro” (COUTINHO, 1974). Bagno (2007) argumenta:

[...] a assimilação do tipo -nd- > -nn- > -n-, sobretudo nos gerúndios [...] existe amplamente documentada, mais uma vez, em todas as variedades não-padrão do português brasileiro e até mesmo na fala descontraída de muitas pessoas das camadas urbanas cultas. (BAGNO, 2007, p. 90).

Ainda segundo Bagno (2007), esta variante do gerúndio, que resulta em formas como “cantano” e “correno”, por ser característica de variedades não padrão, é bastante estigmatizada pelos falantes da norma-padrão. Sendo assim, essas formas seriam adequadas se utilizadas na tradução dos trechos apresentados nos exemplos 8 e 10, visto que aproximariam o texto de uma linguagem popular estigmatizada. Deste modo, como sugestão para esses exemplos, tem-se as sugestões (1) e (2) para os exemplos 13 e 15, respectivamente:

(1) Acho que é porque não sei até onde vou com essa história, nem sei se isso é uma história nem por que tô falano.

(2) – Claireece?

Ela tá tentano falar toda mansinha e coisa e tal.

De forma geral, o tradutor buscou utilizar, nas passagens apresentadas, elementos que aproximam o texto de variedades de baixo prestígio. O *present participle* do IVAA, quando traduzido em forma de gerúndio no português (exemplos 13 e 15), foi apresentado em sua forma padrão, em vez de formas populares como “falano” e “tentano”; contudo, alguns recursos como o uso de “tô” e “tá” nos exemplos 13 e 15, em vez das formas padrão “estou” e “está”, a falta de concordância nominal em “a rainha dos neném”, no exemplo 14, e a expressão coloquial “e coisa e tal”, do exemplo 15, resultam em um texto mais próximo de uma linguagem popular do que de uma linguagem padrão.

- **Omissão de sílabas átonas**

### Exemplo 16

Original	Tradução
Say no shame. No shame. Most time it seem like hype, <u>'cause she say it so much</u> . (p. 76)	Diz pra não ter vergonha. Não ter vergonha. Na maior parte do tempo parece exagero, <u>porque ela fala isso tanto</u> . (p. 90)

No exemplo 16, o trecho *'cause she say it so much* é traduzido como “porque ela fala isso tanto”. No original, a palavra *'cause* do IVAA, em relação ao inglês americano padrão *because* e resultante da omissão da sílaba átona inicial be, é traduzida como “porque”, conjunção explicativa em sua forma padrão.

Como visto no exemplo 9 deste capítulo, existe uma variante popular de baixo prestígio, que é comumente utilizada em lugar de “porque”: a forma “por causa que”. Na passagem do exemplo 9, o tradutor utiliza a forma “por causa que” em vez de “porque”, embora o trecho original apresente a forma padrão *because*, possivelmente com o intuito de compensar outras formas do IVAA que podem ser observadas no original da mesma passagem. Neste exemplo (16), entretanto, embora o trecho original apresente a forma estigmatizada do IVAA *'cause*, o tradutor optou por utilizar, na tradução, a forma padrão “porque”, não apresentando nenhum desvio de norma neste trecho. No restante da tradução do exemplo 16, é possível notar também que o tradutor optou por utilizar uma linguagem padrão em toda a passagem, mesmo havendo outros elementos característicos do IVAA na passagem original.

Dessa forma, pode-se dizer que a linguagem utilizada na tradução do exemplo 16 está mais próxima da norma-padrão do que de um dialeto popular, e o tradutor não optou por compensar, na tradução desta passagem, as características do IVAA observadas no original.

### Exemplo 17

Original	Tradução
This is my baby. My muver took Little Mongo but she ain' taking this one. <u>I am comp'tant</u> . (p. 64)	Esse é o meu neném. Minha mãe pegou a Monguinha mas ela não vai pegar esse. <u>Sou copetente</u> . (p. 77)

Como pode ser observado, no exemplo 17, a palavra *competent*, do inglês americano padrão, é representada como *comp'tant* na obra original analisada. Dessa forma, além da perceptível mudança do som de e pelo som de a na sílaba pós-tônica, a palavra apresenta uma característica típica do Inglês Vernacular Afro-Americano: omissão de fonema no interior do vocábulo, mais especificamente a omissão do /ə/ átono. Para a tradução desta palavra, o tradutor optou pelo termo “copetente”. Não foram encontradas referências que suportem o fenômeno aplicado neste termo – ou seja, a omissão de m resultando na desnasalização do /õ/

pretônico – como uma variante comum em dialetos ou níveis de fala de baixo prestígio. Por outro lado, o uso de “copetente” na tradução certamente distancia o texto da norma-padrão.

### Exemplo 18

Original	Tradução
He had Alhammer disease. Bitch leave him under a cactus tree wif teddy bear. <u>Don't tell me 'bout check not important.</u> (p. 64)	Ele tinha doença de Alzáme. A vaca deixou ele embaixo de um cacto com um ursinho de pano. <u>Não vem me falar que o pagamento não é importante.</u> (p. 78)

No exemplo 18, é possível observar a omissão de a na palavra *'bout*, em relação ao inglês americano *about*, no trecho *don't tell me 'bout check not important*. A tradução do trecho, “não vem me falar que o pagamento não é importante”, no entanto, não contém nenhum efeito sonoro equivalente àquele presente em *'bout*, por ser, possivelmente, um caso de intraduzibilidade. Além disso, não há, no mesmo trecho, outro elemento que compense a intraduzibilidade do efeito sonoro de *'bout*.

Em relação ao restante da passagem, é possível notar alguns elementos marcantes: ao traduzir a palavra *Alhammer*, em relação ao inglês americano *Alzheimer's*, transcrita propositalmente de maneira errônea segundo a ortografia da língua inglesa, o tradutor optou por manter o erro na língua-alvo, optando pela forma “Alzáme”. Ademais, o tradutor também usou a palavra “vaca”, termo pejorativo, como tradução para *bitch*, mantendo, assim, o peso semântico, ao mesmo tempo em que distancia a passagem da norma-padrão. Sendo assim, a passagem analisada no exemplo 18 contém recursos que aproximam o texto de uma linguagem coloquial.

De maneira geral, os exemplos 16-18 apresentam poucas características que os aproximem de um dialeto social popular, mas elas estão presentes. O exemplo 16 encontra-se mais próximo da norma-padrão, não contendo recursos que indiquem o uso de linguagem coloquial. O exemplo 17 contém a palavra “copetente”, que não existe de forma usual na língua portuguesa, como tradução para *comp'tant*, possivelmente como forma de tentar reproduzir uma omissão de fonema do original na tradução, recurso que funcionou para distanciar a passagem da norma-padrão. No exemplo 18, o tradutor usou “Alzáme” como tradução para *Alhammer*, de forma a manter o erro ortográfico proposital do texto original. Ainda no exemplo 18, o tradutor

usa o termo pejorativo “vaca”, mantendo o tom de linguagem coloquial na passagem. Sendo assim, o tradutor inseriu recursos que distanciam as passagens da norma-padrão na maioria dos exemplos.

## 6.2 Características morfossintáticas

O Inglês Vernacular Afro-Americano apresenta, em sua morfossintaxe, uma redução de complexidade em comparação com o inglês americano padrão. Como exemplo, tem-se a ausência do -s da terceira pessoa do singular no *simple present*, além do uso generalizado de *is* em todas as formas do *simple present* e *was* em todas as formas do *simple past*, tanto no singular quanto no plural, como visto na seção 5.1.2. Conforme discutido na seção 5.2.1, a perda de morfologia flexional também é uma característica do português brasileiro popular, o que, em princípio, poderia significar maior facilidade no processo tradutório.

Nesta seção, serão analisadas passagens do texto original que possuem marcas de características morfossintáticas do IVAA, com o objetivo de identificar como o tradutor procurou reproduzir essas marcas com recursos morfossintáticos na tradução. Além disso, será observado se o tradutor buscou se aproximar de um dialeto social popular de menor prestígio e também serão examinados os procedimentos técnicos utilizados pelo tradutor.

- **Ausência do *auxiliary/copular be***

### Exemplo 19

Original	Tradução
I still don't say nuffin'. <u>She staring at me</u> , from behind her big wooden desk, she got her white bitch hands folded together on top her desk. (p. 6)	Continuo sem falar nada. <u>Ela fica me olhando</u> de trás daquela mesona de madeira, tá com os braço de cadela branca cruzados em cima da mesa. (p. 15)

No trecho sublinhado do exemplo 19, é possível perceber a ausência do *auxiliary be* em *she staring at me*, em relação ao inglês americano padrão *she is staring at me*, traduzido como “ela fica me olhando”. O tradutor optou pelo uso do

verbo “ficar”, que funciona como verbo auxiliar<sup>6</sup> neste caso, e, assim como a oração original, produz o sentido de uma ação repetitiva, “ela fica me olhando”. Por se tratar da narração de uma situação, seria possível, neste caso, optar pela ausência do verbo “ficar” e produzir uma oração como “ela me olha de trás daquela mesona [...]” ou “ela me olhando de trás daquela mesona [...]”. Contudo, estas soluções, assim como aquela encontrada pelo tradutor, produzem formas que se aproximam de um dialeto padrão.

No entanto, na oração seguinte, a oração *she got her white bitch hands folded together* é traduzida como “tá com os braço de cadela branca cruzados”, apresentando falta de concordância nominal – “os braço [...] cruzados” –, embora essa característica não seja observada na oração original. Dessa forma, a presença de um verbo auxiliar (“ficar”) na tradução, em contraste com a ausência do *auxiliary/copular be* no original, é compensada no restante do trecho com outros recursos morfossintáticos que aproximam o texto traduzido de um dialeto de menor prestígio.

Sendo assim, a solução encontrada pelo tradutor para o trecho sublinhado está adequada em termos semânticos, por reproduzir o mesmo sentido que o original, mas não apresenta marcas de um dialeto de menor prestígio, talvez pela impossibilidade de fazê-lo nesse trecho em particular. No entanto, a oração seguinte apresenta falta de concordância nominal, de maneira a distanciar o texto traduzido do dialeto social padrão e compensar a perda da característica de ausência do *auxiliary/copular be* no processo de tradução.

---

<sup>6</sup> Neste caso, trata-se de um verbo auxiliar acurativo, que, ao se juntar com um verbo infinitivo ou gerúndio, indica o momento de uma ação cujo tempo (passado, presente ou futuro) não está bem definido. (BECHARA, 2009).

### Exemplo 20

Original	Tradução
Sure <u>you can do anything when you talking or writing</u> , it's not like living when <u>you can only do what you doing</u> . Some people tell a story 'n it don't makes no sense or be true. (p. 3)	Claro, <u>a gente podemos fazer o que quiser quando tá falando ou escrevendo</u> , não é que nem viver, quando <u>a gente só podemos fazer o que tá fazendo</u> . Tem gente que conta uma história que não faz nenhum sentido nem é de verdade. (p. 11)

No exemplo 20, a ausência do *auxiliary be* ocorre em duas orações: em *you can do anything when you talking or writing*, em relação ao inglês americano padrão *you can do anything when you are talking or writing*, e em *you can only do what you doing*, em relação ao inglês americano padrão *you can only do what you are doing*. Em ambos os casos, seria possível produzir uma tradução que não possua um verbo auxiliar. O primeiro caso, por exemplo, poderia ser traduzido como em (1):

- (1) a. [...] a gente podemos fazer o que quiser quando fala ou escreve.
- ou
- b. [...] a gente podemos fazer o que quiser quando falamos ou escrevemos.

Como se pode observar, as construções (1a) e (1b) não requerem o uso de um verbo auxiliar. Contudo, essas novas construções (1a) e (1b) produziram alterações que aproximam os trechos sublinhados de uma linguagem padrão.

O tradutor, no entanto, optou por usar um verbo auxiliar na tradução e o fez de maneira a reproduzir características de uma linguagem mais coloquial do português, com o uso de “tá” em vez da forma padrão “está”. Além disso, o tradutor não aplicou a regra de concordância verbal em ambos os casos, optando pela forma “a gente podemos”, variante bastante recriminada, como visto na seção 4.2, e característica de uma variedade popular de menor prestígio, nos dois exemplos.

Dessa forma, nas passagens do exemplo 20, é possível afirmar que o tradutor buscou utilizar marcas de um dialeto social de baixo prestígio, principalmente na utilização da forma estigmatizada “a gente podemos”, fazendo uso do procedimento de compensação e buscando distanciar o texto traduzido do dialeto social padrão.



### Exemplo 21

Original	Tradução
He slam his han' down on the book and say, "Try to have some discipline." <u>He a skinny little white man</u> about five feets four inches. (p. 4)	Bateu a mão com força no livro e disse: – Tente ter um pouco de disciplina. <u>Ele é um branco nanico e magricela</u> , deve ter tipo 1,60m. (p. 13)

No exemplo 21, é possível observar a ausência do *copular verb be* no trecho *he a skinny little white man*, em relação ao inglês americano *he is a skinny little white man*, traduzido como “ele é um branco nanico e magricela”. O verbo “é” da tradução faz parte de uma classe de verbos conhecidos popularmente como copulativos ou de ligação, tratados por Garcia (2001) como verbos designativos. De acordo com Garcia (2001):

[...] a *função* de um *verbo designativo* é a de apor a uma relação *substantivo/outro elemento* (substantivo, adjetivo ou advérbio e pronomes equivalentes) os traços gramaticais de *aspecto* (representado primariamente pelo caráter aspectual do verbo e secundariamente pelo “*tempo*” verbal), *modo, número e pessoa*. (GARCIA, 2001, p. 116).

Dessa forma, em termos de equivalência, esse tipo de verbo seria comparável ao *copular verb be* do inglês e poderia ser utilizado na tradução, fosse o caso de o original apresentar a forma padrão. No entanto, visto que o trecho original está marcado pela ausência do *copular verb be*, característica típica do IVAA, a tradução está marcada pela explicitação do verbo designativo “é”, uma vez que a ausência do verbo designativo neste trecho, ou seja, a alternativa “ele  $\emptyset$  um branco nanico magricela”, soaria agramatical no português, mesmo se tratando do uso de uma variedade de baixo prestígio.

Quanto ao restante da passagem, é importante ressaltar que a oração *try to have some discipline*, traduzida como “tente ter um pouco de disciplina”, faz parte da fala de um professor que não é falante do IVAA. No entanto, os outros trechos da passagem, incluindo o trecho destacado, fazem parte da fala da personagem principal e, por isso, contêm marcas do IVAA. Embora apresente a forma mais coloquial “tipo”, em vez de uma forma padrão como “aproximadamente”, a tradução da passagem do exemplo 21 está, de modo geral, mais de acordo com um dialeto culto do que com um dialeto popular.

**Exemplo 22**

Original	Tradução
I get up to go, Mrs Linchenstein ax me to please sit down, <u>she not through with me yet.</u> (p. 7)	Me levanto pra sair, a Sra. Lichenstein me pede pra sentar por favor <u>ainda não acabou comigo.</u> (p. 16)

No exemplo 22, é possível observar, na passagem original, a ausência do *copular verb be* em *she not through with me yet*, em relação ao inglês americano *she is not through with me yet*, traduzido como “ainda não acabou comigo”. Conforme discutido no exemplo 21, os *copular verbs be* podem ser comparáveis aos verbos designativos do português. Como pode ser observado, a tradução do trecho destacado não apresenta um verbo designativo no português, visto que a construção escolhida pelo tradutor não requer o uso de tal verbo. Contudo, o mesmo trecho, se analisado de maneira isolada, não apresenta nenhuma forma considerada de baixo prestígio e está de acordo com a norma-padrão. Por outro lado, a tradução está marcada pela falta de pontuação e conectivos, tornando a passagem como um todo mais próxima da linguagem coloquial.

Como pode ser observado nos exemplos 19-22, o tradutor utilizou recursos que distanciam a passagem da norma-padrão na maioria dos exemplos. No exemplo 19, nota-se a ausência de concordância em “os braço [...] cruzados”. No exemplo 20, a variante estigmatizada “a gente podemos” se faz presente, o que aproxima a passagem de um dialeto social popular de baixo prestígio, além da marca de oralidade “tá”. O exemplo 21 mantém-se em conformidade com a norma-padrão. No exemplo 22, nota-se a ausência de conectivos e pontuação adequada, aproximando a passagem de uma linguagem coloquial marcada pela oralidade. Dessa forma, a maioria dos exemplos apresentaram pelo menos um recurso que distancie o texto da norma-padrão.

- Ausência da terceira pessoa do singular no *simple present*

### Exemplo 23

Original	Tradução
Indian summer, Mr Wicher say. <u>I don't know why he call it that. What he mean is, it's hot 90 degrees, like summer days.</u> (p. 4)	O Sr. Wicher diz que é canícula. <u>Não sei por que ele chama assim. Ele quer dizer é que tá quente,</u> 32 graus, tipo dia de verão. (p. 12)

Conforme discutido em 5.1.2, a ausência da terceira pessoa do singular no *simple present* é uma característica popular do IVAA. A passagem do exemplo 23 apresenta, no trecho destacado, duas formas que contêm essa característica: *he call*, em relação ao inglês americano *he calls*, e *he mean*, em relação ao inglês americano *he means*. Comparando-se o IVAA ao inglês americano, do ponto de vista do inglês americano padrão, esta característica marcaria uma ausência de concordância verbal.

Em português, a ausência de concordância verbal é uma característica comum de dialetos populares, como visto em 5.2.1. No entanto, essa variação não costuma acontecer na terceira pessoa do singular. Dessa maneira, no trecho destacado, uma alteração na concordância verbal não estaria de acordo com a forma usual em que a esta variação acontece. Logo, a escolha do tradutor em manter as formas padrão “ele chama” e “ele quer dizer”, preservando a concordância verbal, está adequada.

Em termos de compensação, é possível observar três escolhas do tradutor que aproximam a passagem de uma variedade de menor prestígio. No sintagma “tipo dia de verão”, nota-se o uso do coloquial “tipo”; na oração “ele quer dizer é que tá quente”, em oposição ao português brasileiro padrão “ele quer dizer que está quente”, nota-se o uso da partícula de realce “é que” e o uso da forma “tá”. Dessa forma, pode-se afirmar que o tradutor buscou, na medida possível, aproximar esta passagem de uma linguagem coloquial.

### Exemplo 24

Original	Tradução
<u>My hand slip down in the dishwater, grab the butcher knife.</u> She bedda not hit me, I ain' lyin'! (p. 13)	<u>Minha mão escorrega pra dentro da água da pia, pega a faca de cortar a carne.</u> É melhor ela não me bater, não tô mentindo. (p.23)

No exemplo 24, é possível notar a ausência da terceira pessoa do singular do *simple present* no trecho *my hand slip down in the dishwater, grab the butcher knife*, em relação ao inglês americano padrão *my hand slips down in the dishwater, grabs the butcher knife*, traduzido como “minha mão escorrega pra dentro da água da pia, pega a faca de cortar a carne”. Assim como no exemplo 23, a passagem não apresenta ausência de concordância verbal na tradução, visto que, da mesma forma, não soaria natural em português. Em termos de aproximação de uma linguagem de baixo prestígio, a tradução da passagem encontra-se mais próxima de um dialeto padrão do que de um dialeto popular, visto que apresenta apenas a forma popular “tô” no sintagma “não tô mentindo”, como característica de uma linguagem que foge ao rigor da norma culta.

### Exemplo 25

Original	Tradução
<u>'Nother nurse pass me, look at me say she remember me from '83.</u> She skinny, black, I don't remember her. (p. 75)	<u>Outra enfermeira passa por mim, olha pra mim diz que se lembra de mim de 83.</u> É magricela, preta, não lembro dela. (p. 89)

O exemplo 25 contém várias formas de ausência da terceira pessoa do singular. O trecho destacado, *'nother nurse pass me, look at me say she remember*, contém quatro verbos que não apresentam a terceira pessoa do singular: *pass me*, *look at me* e *say*, que devem concordar verbalmente com *'nother nurse*, e *remember me*, que deve concordar com *she*.

A tradução do trecho, “outra enfermeira passa por mim, olha pra mim e diz que se lembra de mim”, apresenta a tradução desses verbos de maneira a concordar com a terceira pessoa do singular, visto que, como discutido no exemplo 23, a ausência de concordância nesses casos não produziria uma característica usual na língua portuguesa, mesmo em variedades não padrão.

Dessa forma, nem o trecho destacado nem o restante da passagem contêm elementos que caracterizem uma variedade de baixo prestígio, ou seja, a passagem do exemplo 25 aproxima-se do dialeto culto.

Os exemplos 23-25, conforme observado, contêm poucos elementos que os distanciem da norma-padrão. O exemplo 23 contém a uso coloquial do termo “tipo”, além do uso da partícula de realce “é que” na oração “ele quer dizer é que tá quente” e da forma “tá”, em vez da padrão “está”. O exemplo 25, no entanto, não contém elementos que o caracterizem como um dialeto de baixo prestígio, ou mesmo de uma linguagem coloquial. De forma geral, os exemplos 23-25 analisados se aproximam da norma-padrão.

- **Generalização no uso de is e was**

### Exemplo 26

Original	Tradução
" <u>You was school?</u> " Mama mimic me how I talk. I hate that! She know what I mean. "You lying whore!" "Not!" " <u>You is!</u> The welfare done called here, <u>saying they is removing you from my budget</u> 'cause you not in regular attendance at school." (p. 56)	– <u>Você tava na escola?</u> – Mamãe imita o jeito de falar. Odeio isso! Ela sabe o que eu quis dizer. – Sua puta mentirosa! – Não sô! – <u>É sim!</u> A assistente social ligou pra cá, <u>dizendo que tão te tirando do meu orçamento</u> porque você num tá indo à escola. (p.68-69)

O exemplo 26 apresenta formas que contêm generalização no uso de *is* e *was* no IVAA, como visto em 5.1.2: a forma *you was*, em relação ao inglês americano padrão *you were*, traduzida como “você tava”, a forma *you is*, em relação ao inglês americano padrão *you are*, traduzida como “é sim”, e a forma *they is*, na oração *saying they is removing you from my budget*, em relação ao inglês americano padrão *they are removing you from my budget*, traduzida como “dizendo que tão te tirando do meu orçamento”. Diferentemente do IVAA, quando comparado ao inglês americano padrão, a tradução apresenta verbos que concordam conforme a forma padrão do português brasileiro, não havendo tentativa, por parte do tradutor, de reproduzir esta característica do IVAA presente no original na tradução, escolha perfeitamente adequada para os casos destacados.

A tradução da passagem apresenta a forma “sô” para “sou”, a forma “num” para “não” e as formas “tava”, “tão” e “tá” para “estava”, “estão” e “está”,

respectivamente, que são marcas da oralidade, comuns, principalmente, em níveis de fala coloquiais. Nesta mesma passagem, é possível notar também que ‘*cause*’ foi traduzido como “porque”, mantendo a forma padrão em vez de uma das formas populares de baixo prestígio “por causa que”, utilizada pelo tradutor na passagem do exemplo 9. Apesar disso, pode-se alegar que a presença da palavra de baixo calão “puta” na tradução e o fato de a tradução apresentar um conjunto de elementos da oralidade do português brasileiro numa mesma passagem torna a tradução mais próxima de um nível de fala popular.

### Exemplo 27

Original	Tradução
The first thing I see when I step through door is the windows, <u>where we is is high up</u> , no other buildings in the way. (p. 39)	A primeira coisa que eu vejo quando entro pela porta é as janela: <u>onde a gente tá é bem alto</u> , não tem nenhum outro prédio no caminho. (p.51)

No exemplo 27, o trecho destacado *where we is is high* contém a forma *we is*, em relação ao inglês americano padrão *we are*, traduzida como “a gente tá”. Como visto em 4.2, embora a variante “a gente tá” esteja mais próxima de um nível de fala ou registro mais coloquial que a variante mais formal “nós estamos”, principalmente com a presença da forma “tá” em vez de “está”, não se trata necessariamente de uma forma estigmatizada, pois é uma forma aceita socialmente.

Contudo, assim como a maioria das características do IVAA, *we is* é bastante estigmatizada, e poderia ser traduzida para uma forma mais estigmatizada em português, como “nós é” ou “a gente somos”, distanciando o texto da norma-padrão. Por outro lado, na mesma passagem, o tradutor não aplica a regra de concordância nominal em “as janela”. Tal escolha torna a passagem mais próxima de um dialeto social popular de baixo prestígio.

### Exemplo 28

Original	Tradução
But that's OK, Miz Rain say <u>we is a nation of raped children</u> , that the black man in America today is the product of rape. (p. 68)	Mas tudo bem, a Srta. Rain diz que <u>a gente é uma nação de crianças estuprada</u> , que o negro dos Estados Unido de hoje é produto do estupro. (p. 82)

O exemplo 28 apresenta a forma do Inglês Vernacular Afro-Americano *we is* na oração *we is a nation of raped children*, em relação ao inglês americano padrão *we are a nation of raped children*, traduzida como “a gente é uma nação de crianças estuprada”.

Como visto no exemplo 27 e em outros exemplos, “a gente tem” é considerada mais coloquial que a forma “nós temos”; tendo em vista que a forma *we is* é bastante estigmatizada, poderia ser traduzida por outras formas mais estigmatizadas nesta oração, como “a gente somos” ou “nós é”.

No mesmo trecho, porém, é possível observar a ausência de concordância nominal em “crianças estuprada” e, no restante da passagem, em “dos Estados Unido”. Tal recurso distancia a passagem da norma-padrão, tornando o texto mais de acordo com um dialeto social popular.

### Exemplo 29

Original	Tradução
"Are you Claireece P. Jones?" "Thas' me." <u>So they was really on the lookout for me?</u> Thas' kinda nice. (p. 27)	– Você é Claireece P. Jones? – Isso mesmo – <u>Então eles tava mesmo me esperando?</u> Isso é até legal. (p. 38)

O trecho *so they was really on the lookout for me*, em relação ao inglês americano padrão *they were really on the lookout for me?* contém a forma *they was*, comum no Inglês Vernacular Afro-Americano. *They was* foi traduzido como “eles tava” no trecho destacado “então eles tava mesmo me esperando?”, apresentando um caso evidente de ausência de concordância verbal, forma bastante estigmatizada em português, como visto em 5.2.1.

Dessa forma, o tradutor conseguiu traduzir a forma estigmatizada do IVAA, reproduzindo, no trecho traduzido, uma variante do português equivalente à variante do IVAA.

Os exemplos 26-29 apresentam diversas características que os distanciam da norma-padrão. No exemplo 26, nota-se o uso de formas como “tá”, “tava” e “tão”, além do palavrão “puta”, que conferem uma linguagem coloquial à passagem. O exemplo 27, por sua vez, contém a forma considerada mais coloquial “a gente tá”, além da ausência de concordância nominal em “as janela”. No exemplo 28, pode-se observar a ausência de concordância nominal em “crianças estuprada” e em “dos Estados Unido”. O exemplo 29 apresenta a ausência de concordância verbal em “eles tava”, variante estigmatizada, de baixo prestígio social. Logo, de maneira geral, pode-se dizer que o tradutor foi capaz de utilizar inúmeros recursos nas passagens analisadas, que funcionaram de maneira a aproximar o texto de um dialeto social popular.

- **Uso de *be* para marcar um hábito**

### Exemplo 30

Original	Tradução
I sit in the same seat everyday, in the back, last row, next to the door. Even though I know that <u>back door be locked</u> . (p. 4)	Eu sento na mesma carteira todo dia, no fundo, na última fila, perto da porta. Mesmo sabendo que <u>a porta de trás fica trancada</u> . (p. 12)

Como visto em 5.1.2, o verbo *be* pode ser utilizado para indicar um hábito ou uma situação habitual, podendo, inclusive, formar a voz passiva. No exemplo 30, o trecho destacado, *back door be locked*, em relação ao inglês americano *back door is usually locked*, indica uma situação corrente ou estado. O trecho foi traduzido como a “porta de trás fica trancada”, o que é adequado, pois, segundo Bechara (2009), o verbo ficar pode se combinar com o particípio para formar a voz passiva, indicando um estado.

No entanto, tanto o trecho destacado quanto o restante da passagem se aproximam da norma-padrão, ou seja, não foi possível notar, no exemplo 30, recursos utilizados pelo tradutor para compensar a característica do IVAA do trecho destacado em outros trechos da passagem, o que não quer dizer que tal marca do IVAA não tenha sido compensada em outras passagens do texto. Dessa forma, pode-se afirmar que a passagem traduzida do exemplo 30 está mais próxima de uma linguagem padrão.



**Exemplo 31**

Original	Tradução
I fall back on bed, he fall right on top of me. Then I change stations, change <i>bodies</i> . <u>I be dancing in videos! In movies! I be breaking, fly, jus' a dancing!</u> " (p. 24)	Caio de costas na cama, ele cai em cima de mim. Então mudo de estação, mudo de <i>corpo</i> , <u>tô dançando nos videoclipe! Nos filme! Danço break, voo, só dançando.</u> (p. 34)

O trecho destacado no exemplo 31 apresenta as formas *I be dancing* e *I be breaking*. De acordo com o contexto, a personagem está narrando um momento em que ela sofre abuso do pai e, nessas situações, que são recorrentes na vida de Precious, conforme exposto no capítulo 2, ela costuma fantasiar que é uma artista famosa e está dançando para escapar da dor daquela situação, e assim faz naquele momento. As escolhas do tradutor, “tô dançando” e “danço break”, são adequadas para o contexto, pois fica claro que a personagem está narrando sua fantasia.

Em termos de aproximação de uma variedade de menor prestígio, é possível perceber que o tradutor optou pela ausência de concordância nominal em “nos videoclipe” e “nos filme”. Tal recurso funcionou de forma apropriada para distanciar a passagem da norma-padrão. É interessante observar, porém, que a forma “tô dançando”, como discutido no exemplo 15, poderia ser representada na forma “tô dançano”, visto que essa variação é bastante comum em níveis de fala mais coloquiais, o que tornaria a passagem mais próxima de uma linguagem de baixo prestígio.

**Exemplo 32**

Original	Tradução
I have never really had nothing tested. Glasses is what I really want so my eyes not get so tired at night <u>when I be reading.</u> (p. 124)	Na verdade eu nunca fiz exame de nada. O que eu quero mesmo é óculos. Pra meus olho não ficar tão cansado de noite <u>quando eu tô lendo.</u> (p. 141)

O exemplo 32 apresenta o trecho *when I be reading*, em relação ao inglês americano padrão *when I am reading*, que contém a forma *be* indicando uma situação habitual. O trecho foi traduzido adequadamente como “quando eu tô lendo”, mantendo o sentido de situação habitual. O tradutor usou “tô”, em vez da forma padrão “estou”, como tradução para *be*, conferindo uma marca da oralidade na passagem, mas que não se trata necessariamente de uma forma estigmatizada. No

restante da passagem, porém, é possível observar a ausência de concordância nominal em “meus olho”, o que aproxima o trecho destacado de uma variedade de baixo prestígio.

Nos exemplos 30-32, foram observados elementos que distanciam o texto da norma-padrão na maioria das passagens. O exemplo 30 não apresenta tais elementos, aproximando-se da norma-padrão. No entanto, o exemplo 31 apresenta a ausência de concordância nominal em “nos videoclipe” e em “nos filme”. O exemplo 32, por sua vez, apresenta ausência de concordância nominal em “meus olho”. De maneira geral, os exemplos apresentados, com exceção do exemplo 30, estão em conformidade com variedades de baixo prestígio.

- **Done**

### Exemplo 33

Original	Tradução
Fat cunt bucket slut! Nigger pig bitch! <u>He done quit me!</u> <u>He done left</u> me 'cause of you. What you tell them mutherfuckers at the damn hospital? (p. 19)	Sua puta gorda vagabunda! Piranha preta porca. <u>Ele me abandonou!</u> <u>Ele me deixou</u> por sua causa. (p. 29)

Como visto em 5.1.2, o Inglês Vernacular Afro-Americano tem como uma das características o uso de *done* para enfatizar que uma ação ou acontecimento foi concluído. Este *done* é diferente do *done* usado no inglês americano padrão como participio do verbo *do*. O exemplo 33 contém dois usos de *done* conforme essa característica do IVAA no trecho destacado: *he done quit me* e *he done left me*, traduzidas, respectivamente, como “ele me abandonou” e “ele me deixou”. As traduções estão apropriadas, visto que conferem sentido de ações que se concluíram, embora não apresentem nenhum elemento que atribua o sentido mais enfático que *done* proporciona no IVAA. A tradução do texto destacado não possui características específicas de uma variedade popular; entretanto, nota-se que o tradutor optou por traduzir as palavras de baixo calão do texto original de forma a utilizar palavras de mesma carga pejorativa no texto traduzido. O uso de palavras como “puta”, “vagabunda” e “piranha” no trecho traduzido certamente aproxima o texto de uma linguagem coloquial e distancia a passagem da norma-padrão.

**Exemplo 34**

Original	Tradução
Do it say how pages the same for me, how much I weigh, <u>fighths I done had</u> ? (p. 28)	Diz que as página são todas igual pra mim, quanto eu peso, <u>as briga que eu tive</u> ? (p. 38)

O *done* do IVAA está presente no exemplo 34 na oração *fighths I done had*, traduzida como “as briga que eu tive”. Dessa forma, o sentido de ação concluída presente no trecho original manteve-se na tradução, embora a tradução para *done had* (“que eu tive”) não contenha nenhum elemento característico de um dialeto social ou mesmo de um nível de fala popular. No entanto, como pode ser visto, o tradutor conseguiu compensar o *done* do trecho original na tradução ao introduzir uma ausência de concordância nominal em “as briga”. Além disso, há outros exemplos de ausência de concordância nominal na mesma passagem, em “as página” e “todas igual”. Esses recursos utilizados pelo tradutor compensaram a diferença sintática marcada por *done* no trecho destacado, de forma a distanciar a passagem da norma-padrão.

**Exemplo 35**

Original	Tradução
Rita, Spanish girl, looking at Miz Rain <u>like she done see god</u> . Rhonda sitting straight up in her seat. Jermaine looking out the side of her eyes at Consuelo. (p. 49)	Rita, a chicana, tá olhando a Srta. Rain <u>como se tivesse vendo Deus</u> . Rhonda tá sentada bem reta na cadeira. Jermaine tá olhando pelo canto do olho pra Consuelo. (p. 62)

O exemplo 35 apresenta o *done* do IVAA na oração *like she done see god*, traduzida para “como se tivesse vendo Deus”. Em termos de sentido, a tradução está adequada e consegue transmitir a mesma mensagem que o original. No trecho destacado, é possível notar o uso de “tivesse” no lugar de “estivesse”, esta última mais correta de acordo com a norma-padrão. No entanto, é comum que ocorra a supressão da sílaba es- em níveis coloquiais de fala neste caso, assim como acontece com “está/tá” “estou/tô” “estão/tão”, presentes nesta passagem em “tá olhando” e em outras passagens da obra traduzida, como visto nos exemplos 4, 5, 8, entre outros.

A passagem também apresenta o termo “chicana”, tradução para *Spanish girl*. Este termo, feminino de “chicano”, é considerado pejorativo em inglês, e se trata de

um “nome dado nos EUA inicialmente aos mexicanos e a seguir a todos os latino-americanos ou pessoas com essa ascendência”. (DICIONÁRIO, 2008). Embora o termo original, *Spanish girl*, indique que Rita Romero, personagem a que se faz referência, é espanhola, a obra revela que ela é latino-americana, mais especificamente porto-riquenha, o que torna apropriado o uso do termo. Por se tratar de um termo coloquial, funciona como recurso para tornar a passagem mais distante da norma-padrão.

Sendo assim, embora o uso de “tá” e “tivesse” esteja mais de acordo com uma marca comum da oralidade do que uma característica de um dialeto popular, a combinação deste recurso com o uso de uma gíria, “chicana”, aproxima o texto de um nível de fala coloquial, distanciando a obra traduzida de uma linguagem padrão.

### Exemplo 36

Original	Tradução
I break out from them, cross 125 <sup>th</sup> Street, and head for Hotel Theresa. <u>I done passed it a hunnert times</u> but never been in it. (p. 25)	Eu me afasto deles, atravesso a rua 125 e vou pro Hotel Theresa. <u>Já passei na frente uma porrada de vez</u> mas nunca entrei. (p. 36)

Na oração *I done passed it a hunnert times*, *done* é utilizado no trecho original com o sentido de ação concluída, e *a hunnert times*, em relação ao inglês americano padrão *a hundred times*, indica a frequência da ação. O trecho foi traduzido como “já passei na frente uma porrada de vez”. Como pode ser observado, o tradutor optou pelo uso do advérbio de tempo “já”, que enfatiza a conclusão da ação; no entanto, esse elemento não confere ao trecho o uso de um dialeto popular.

Ainda no mesmo trecho, porém, a expressão popular “uma porrada de vez” é utilizada como adjunto adverbial para a tradução de *a hunnert times*. Esta expressão tem sentido de “várias vezes” ou “um monte de vezes” e é utilizada apenas em situações extremamente informais. Além disso, em termos de concordância nominal, de acordo com a norma-padrão “vez”, por ser contável, deve estar no plural quando associado a um nome de grupo, que é o caso de “uma porrada”; isto é, a forma padrão seria “uma porrada de vezes”, em vez de “uma porrada de vez” (BECHARA, 2009). Sendo assim, “uma porrada de vez” se opõe às regras de concordância nominal, aproximando o texto de um dialeto popular de baixo prestígio.

De forma geral, os exemplos 33-36 apresentam vários elementos que os distanciam da norma-padrão. O exemplo 33 apresenta palavras de baixo calão,

como “puta”, “vagabunda” e “piranha”, característicos de linguagem obscena. O exemplo 34 apresenta casos de ausência de concordância nominal em “as briga”, “as página” e “todas igual”. O exemplo 35 usa marcas da oralidade em “tivesse” e “tá”, além da gíria “chicana”. Finalmente, o exemplo 36 apresenta a expressão coloquial “uma porrada de vez”. Sendo assim, pode-se afirmar que o tradutor procurou utilizar recursos compensatórios que aproximam o texto de um dialeto social popular.

- **Múltipla negação**

### Exemplo 37

Original	Tradução
That kind of shit is that! <u>I didn't make no mistake unless it being born</u> , 'n Muz Rain say I was born for a purpose, 'n Mr Wicher had said I had aptitude for maff. (p. 75)	Que tipo de merda é essa? <u>Eu não fiz nenhum erro a não ser nascer</u> , e a Srta. Rain diz que eu nasci com um propósito e o Sr. Wicher tinha dito que eu tinha aptidão pra matemática. (p. 89)

Como visto em 5.1.2, diferentemente do inglês americano padrão, é comum que ocorra a múltipla negação no Inglês Vernacular Afro-Americano sem que um elemento negativo anule o outro. Assim como no IVAA, no português ocorrem as duplas negativas sem que a oração perca o valor de negação. Dessa forma, o “não” pode ser reforçado por outra expressão negativa, como o advérbio de negação “nada” ou o pronome indefinido “nenhum”, que, em casos de ênfase de negação, ocorre posposto ao substantivo (BECHARA, 2009).

No exemplo 37, a múltipla negação do IVAA ocorre no trecho destacado *I didn't make no mistake unless it being born*, tendo *didn't* e *no* como elementos de negação. A tradução do mesmo trecho, “eu não fiz nenhum erro a não ser nascer”, contém “não” e “nenhum” como elementos de negação. Visto que a dupla negação está de acordo com o rigor da norma culta, o trecho destacado na tradução, em termos de uso correto da negação em português, está em conformidade com a norma-padrão. No entanto, o tradutor optou pela construção “fazer um erro”, combinação mais coloquial que possivelmente é uma influência do inglês, em vez de “cometer um erro”, combinação mais adequada de acordo com a norma-padrão. Além disso, o uso da palavra pejorativa “merda” na oração anterior ao trecho destacado aproxima a passagem de uma linguagem coloquial. Sendo assim, o

tradutor, intencionalmente ou não, conseguiu aproximar essa passagem de uma linguagem popular.

### Exemplo 38

Original	Tradução
I don't say nuffin' to him. He don't say nuffin' to me, now. First day, he say, 'Class turn the book pages to page 122 please. (p. 4)	Não falo nada de nada. Ele não fala nada comigo, agora. No primeiro dia ele falou: – Turma, abram o livro na página 122, por favor. (p. 12)

No exemplo 38, há duas orações que contêm dupla negação no trecho destacado do original: *I don't say nuffin' to him*, traduzida como “não falo nada de nada”, e *he don't say nuffin' to me*, traduzida como “ele não fala nada comigo”. No trecho original, tem-se *don't* e *nuffin'* como elementos de negação, em ambas as orações; no trecho traduzido, tem-se “não” e “nada de nada” como elementos de negação na primeira oração, e “não” e “nada” como elementos de negação na segunda oração. Apesar do uso da expressão “nada de nada”, possivelmente utilizada como recurso para enfatizar a negação na primeira oração do trecho, essas construções em português estão de acordo com a norma-padrão, conforme discutido na introdução do exemplo 37. Visto que o restante da passagem contém a fala de um professor, que não é falante do IVAA, é adequado que a tradução desta fala esteja de acordo com a norma-padrão.

Sendo assim, de forma geral, a tradução da passagem está adequada em termos de sentido, mas não apresenta elementos que a aproximem de um dialeto social popular; contudo, deve-se levar em conta que metade da passagem é composta pela fala de um professor falante do inglês americano padrão e não do IVAA, o que torna coerente o uso da norma-padrão na fala deste personagem.

### Exemplo 39

Original	Tradução
Some people tell a story 'n it don't makes no sense or be true. But I'm gonna try to make sense and tell the truth, else what's the fucking use? (p. 3-4)	Tem gente que conta uma história que não faz nenhum sentido nem é de verdade. Mas eu vou tentar fazer sentido e contar a verdade, se não de que porra adianta? (p. 11-12)

O exemplo 39 contém dupla negação com o uso de *don't* e *no* no trecho original *some people tell a story 'n it don't makes no sense or be true*. Na tradução, “tem gente que conta uma história que não faz sentido nenhum nem é de verdade”, a dupla negação apresenta-se com o uso de “não” e “nenhum”. Além disso, o trecho em português contém a conjunção aditiva “nem”, utilizada para marcar uma relação de adição em unidades negativas (BECHARA, 2009). Visto que a dupla negação e a conjunção aditiva “nem” estão de acordo com a norma-padrão, o uso desses recursos não confere característica de um dialeto social popular de baixo prestígio.

Contudo, ao observar o restante da passagem, pode-se notar que o tradutor optou por manter o sentido pejorativo ao usar “de que porra adianta” como tradução para *what's the fucking use*. Dessa forma, o tradutor conseguiu aproximar a passagem da linguagem popular, distanciando-a do dialeto social culto.

### Exemplo 40

Original	Tradução
I shake my head, <u>can't think of nuffin'</u> . I'm staring at my shoes. “One thing,” Ms Rain. “I can cook,” I say. I keep my eyes on shoes. (p. 46)	Balanço a cabeça, <u>não consigo pensar em nada</u> . Tô olhando meus sapato. – Uma coisa – a Srta. Rain. – Eu sei cozinhar – continuo com os olho no sapato. (p. 58)

O trecho destacado no exemplo 40, *can't think of nuffin'* possui dupla negação marcada por *can't* e *nuffin'*. A tradução do trecho, “não consigo pensar em nada”, contém dois elementos que expressam negação: “não” e “nada”. Como pode ser observado, a dupla negação do trecho destacado na tradução está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa. No entanto, ao observar o restante da passagem, é possível encontrar outros recursos utilizados pelo tradutor que distanciam o texto traduzido da norma-padrão.

Existe ausência de concordância nominal em duas orações da passagem: em “tô olhando meus sapato”, em que “meus” e “sapato” não concordam, e em “continuo

com os olho no sapato”, em que “os” e “olho” não concordam. Esse recurso utilizado pelo tradutor aproxima o texto de um dialeto social popular, de forma a compensar a ausência de coloquialismo no trecho destacado no exemplo 40.

Como pôde ser observado, a maioria das passagens nos exemplos 37-40, apresenta recursos que as distanciam da norma-padrão. O exemplo 37 apresenta a expressão “fazer um erro”, em vez da padrão “cometer um erro”, além do uso do termo pejorativo “merda”. O exemplo 38 não contém elementos que o distanciem da norma-padrão. Contudo, o exemplo 39 apresenta a expressão estigmatizada “de que porra adianta”, característica da linguagem coloquial. O exemplo 40, por sua vez, apresenta ausência de concordância nominal em “meus sapato” e em “os olho”. Sendo assim, pode-se afirmar que as passagens analisadas, com exceção do exemplo 38, contêm recursos característicos de variedades não padrão.

- **Inversão negativa**

#### Exemplo 41

Original	Tradução
My head is big 'lympic size pool, all the years, all the me's floating around glued shamed to desks while pee puddles get big near their feet. <u>Man don't nobody know it but it ain' no joke for me to be here in this school.</u> (p. 40)	Minha cabeça é uma piscina olímpica gigante, todos os anos, todos os eu flutuando grudada cheia de vergonha nas carteiras enquanto o mijo faz uma poça enorme perto dos pés. <u>Cara, ninguém faz ideia mas pra mim não é brincadeira estar aqui nessa escola.</u> (p. 51-52)

Conforme discutido em 5.1.2, o Inglês Vernacular Afro-Americano apresenta, além da múltipla negação, o fenômeno de inversão negativa, no qual um *auxiliary verb* na forma negativa se combina com um sintagma nominal indefinido, também negativo, no início da oração.

No exemplo 41, o trecho destacado contém duas orações que apresentam dupla negação com inversão negativa: *man don't nobody know it*, cujos elementos de negação são *don't* (*auxiliary verb*) e *nobody* (sintagma nominal indefinido) e *it ain' no joke for me to be here in this school*, que tem *ain'* (*auxiliary verb*) e *no joke* (sintagma nominal indefinido) como elementos de negação. As orações são traduzidas como “cara, ninguém faz ideia” e “pra mim não é brincadeira estar aqui nessa escola”, respectivamente; logo, nenhuma das orações traduzidas contém



inversão negativa, nem dupla negação, e ambas estão de acordo com a norma-padrão em termos do uso adequado de recursos de negação.

No mesmo trecho, a palavra “cara” é usada em seu uso coloquial, como interjeição. No restante da passagem, é possível notar a ausência de concordância nominal em “todos os eu flutuando grudada cheia de vergonha”, em que “eu” não concorda com “todos os”, e “todos os eu” não concorda com “flutuando grudada cheia de vergonha”, o que distancia significativamente a passagem da norma-padrão. Além disso, a escolha de traduzir *pee* como “mijo”, termo popular para urina, mantendo o sentido coloquial da palavra original, aproxima a passagem de um nível de fala popular.

### Exemplo 42

Original	Tradução
What it take for my muver to see me? Sometimes I wish I was not alive. But I don't know how to die. <i>Ain' no plug to pull out.</i> (p. 32)	O que é preciso pra minha mãe me ver? Às vez eu queria não tá viva. Mas não sei como morrer. <i>Não tenho tomada pra desligar.</i> (p. 43)

O exemplo 42 apresenta um caso de inversão negativa em *ain' no plug to pull out*, marcada por *ain'* (*auxiliary verb*) e *no plug* (sintagma nominal indefinido). A tradução do trecho, “não tenho tomada para desligar”, apresenta apenas um elemento de negação, e não contém sinais de inversão sintática ou qualquer outro recurso sintático que fuja à norma-padrão.

No entanto, é possível observar na passagem em questão o uso de “às vez”, variante de baixo prestígio usada na oralidade, em vez da forma padrão “às vezes”, utilizada como locução adverbial de tempo, como tradução para *sometimes*. Pode-se alegar que o tradutor usou este recurso como compensação para a inversão negativa e/ou outras características do IVAA presentes na mesma passagem, como o uso de *muver* para *mother* e a ausência do *auxiliary does* na oração *what it take for my muver to see me?* Além disso, as formas da oralidade “tá” e “pra” conferem o uso de uma linguagem mais informal, sem o cuidado com o rigor gramatical da norma-padrão. Logo, de forma geral, a passagem apresenta características de uma linguagem utilizada em um nível de fala coloquial.

**Exemplo 43**

Original	Tradução
<u>Don't nobody ring our bell</u> 'less it's crack addicts trying to get in the building. I hate crack addicts. They give the race a bad name. (p. 14)	<u>Ninguém toca nossa campainha</u> , a não ser os viciado em crack, tentando entrar no prédio. Odeio os viciado em crack. (p. 23)

O exemplo 43 apresenta inversão negativa, com dupla negação, em *don't nobody ring our bell*, em que os elementos negativos são *don't* (*auxiliary verb*) e *nobody* (sintagma nominal indefinido), trecho traduzido como “ninguém toca nossa campainha”. Como pode ser observado, não há inversão ou dupla negação na tradução, e o trecho destacado está plenamente de acordo com a norma-padrão.

O restante da passagem, porém, apresenta casos de ausência de concordância nominal em “os viciado”, nas orações “a não ser os viciado em crack” e “odeio os viciado em crack”. Como já foi discutido ainda neste capítulo e em 5.2.1, a não aplicação das regras de concordância é característica de variedades populares de baixo prestígio. Dessa forma, o tradutor consegue trazer para o texto recursos que aproximam a obra traduzida de um dialeto social popular nesta passagem.

Faz-se relevante observar, conforme discutido na análise dos exemplos 13-15 deste mesmo capítulo, seção 6.1, que a palavra “tentando”, da oração “tentando entrar no prédio”, poderia ser utilizada em sua forma popular “tentano”, variante estigmatizada e característica de variedades não padrão, o que distanciaria ainda mais o texto da norma-padrão.

De forma geral, tendo em vista que o tradutor acrescentou o recurso de ausência de concordância nominal em dois sintagmas nominais, a passagem do exemplo 43 torna-se distante da norma-padrão e mais próxima de um dialeto social popular de baixo prestígio.

### Exemplo 44

Original	Tradução
<p><u>Don't nobody want me. Don't nobody need me. I know who I am. I know who they say I am – vampire sucking the system's blood. (p. 31)</u></p>	<p><u>Ninguém me quer. Ninguém precisa de mim. Eu sei quem eu sô. Sei quem eles diz que eu sô: uma vampira chupando o sangue do sistema. (p. 42)</u></p>

A passagem original do exemplo 44 apresenta dois casos de inversão negativa, formados por *don't* (*auxiliary verb*) e *nobody* (sintagma nominal indefinido) como elementos de negação, nas orações *don't nobody want me* e *don't nobody need me*, traduzidas como “ninguém me quer” e “ninguém precisa de mim”, respectivamente. A tradução usa, em ambos os casos, o pronome indefinido “ninguém” para expressar sentido negativo ao trecho.

As duas orações do trecho traduzido estão em conformidade com a norma-padrão, não apresentando nenhum elemento que as aproxime de uma variedade de baixo prestígio. No entanto, é possível observar o uso de “sô”, em vez de “sou”, por se tratar uma forma comum na oralidade, o que mostra que o tradutor procurou inserir um tom mais coloquial no texto. Além disso, na oração “sei quem eles diz que eu sô”, há um caso de ausência de concordância verbal em “eles diz”, característica comum em variedades não padrão de baixo prestígio.

Sendo assim, nota-se que o tradutor buscou utilizar recursos para caracterizar o texto com marcas da oralidade e com particularidades comuns em dialetos sociais populares.

Os exemplos 41-44, como pôde ser observado, contêm elementos que distanciam as passagens da norma-padrão. No exemplo 41, pode-se notar a ausência de concordância nominal em “todos os eu flutuando grudada cheia de vergonha”. O exemplo 41 também apresenta o uso de “cara” como interjeição, característico de linguagem coloquial, além do termo de baixo prestígio “mijo”. O exemplo 42, por sua vez, apresenta a forma “às vez”, em vez da padrão “às vezes”, além de outras marcas da oralidade como “tá” e “pra”. No exemplo 43, nota-se a ausência de concordância nominal em “os viciado”. Finalmente, no exemplo 44, é possível observar a ausência de concordância em “eles diz”, variante estigmatizada, como discutido no mesmo exemplo.

- *It e they existenciais*

### Exemplo 45

Original	Tradução
<u>It's all kinda girls here!</u> They sitting in circle faces like clocks, no bombs. Bombs with hair and titties and dresses. (p. 129)	<u>Aqui é tudo garotas.</u> Elas sentam em círculos, com as caras que nem relógios, não, bombas. Bombas com cabelo, peitos e vestidos. (p. 147)

De acordo com o que foi discutido em 5.1.2, o Inglês Vernacular-Afro-Americano tem como característica o uso de *it* e *they* (/dey/) combinados a um conectivo e um sintagma nominal para formar uma oração existencial, assim como ocorre no inglês americano padrão com *there is* e *there are*.

No exemplo 45, o trecho destacado, *it's all kinda girls here*, em relação ao inglês americano padrão *there are all kinds of girls here*, é marcado por essa característica. Em português culto, o sentido de existência dá-se por meio de verbos existenciais, como “haver” e “existir”. Na tradução do trecho, “aqui é tudo garotas”, porém, não se observa a ocorrência desses verbos; no entanto, pode-se atribuir o sentido de existência ao se considerar que a oração tem o mesmo valor semântico de “aqui só tem garotas”.

Quanto à conformidade em relação à norma-padrão, o trecho traduzido apresenta o pronome indefinido “tudo”. Esta opção do tradutor concede uma caracterização de variedade não padrão ao trecho em questão. Além disso, ao observar o restante da passagem, verifica-se o uso de “que nem” como expressão comparativa em “as caras que nem relógio”, em vez de formas mais próximas da norma-padrão, como “parecidas com” ou “semelhantes a”, o que distancia a passagem do dialeto culto.

### Exemplo 46

Original	Tradução
Then she pick up cast-iron skillet, <u>thank god it was no hot grease in it</u> , and she hit me so hard on back I fall on floor. Then she kick me in ribs. (p. 19)	Depois pegou uma frigideira de ferro, <u>graças a Deus não tinha gordura quente dentro</u> , e me bateu com tanta força nas costa que eu caí no chão. (p. 42)

No exemplo 46, o *it* existencial está presente no trecho destacado *thank god it was no hot grease in it*, em relação ao inglês americano padrão *thank god there*

*wasn't any grease in it*, traduzido como “graças a Deus não tinha gordura quente dentro”. Como pode ser observado, o tradutor utilizou o verbo “ter” para conferir sentido de existência à oração. A oração, no entanto, encontra-se em conformidade com o rigor gramatical da norma-padrão, não contendo nenhum elemento que a caracterize como variedade de baixo prestígio.

Em relação ao restante da passagem, pode-se observar a ausência de concordância nominal em “nas costa”, na oração “me bateu com tanta força nas costa que eu caí no chão”. Este recurso, conforme discutido nos exemplos anteriores, aproximam o texto de uma variedade não padrão. Dessa forma, pode-se dizer que a passagem possui ao menos um elemento que a caracteriza como um dialeto social popular de baixo prestígio.

#### Exemplo 47

Original	Tradução
Hmmm, <i>they got special kinda AIDS for yellow bitches?</i> Mama! Thought jus' now hit me, don't know why, it the most obvious – do Mama got it? (p. 86)	Hmmm, <i>será que existe algum tipo de AIDS especial pras vaca amarela?</i> Mamãe! O pensamento me bate agora, não sei por quê, é o mais óbvio. Será que mamãe pegou?

O exemplo 47 apresenta o *they* existencial no trecho *they got special kinda AIDS for yellow bitches?* em relação ao inglês americano *is there a special kind of AIDS for yellow bitches?* traduzido como “será que existe algum tipo de AIDS especial pras vaca amarela?”. O sentido existencial se mantém na tradução, mas, em termos de linguagem padrão, não é esta característica que confere o baixo prestígio da linguagem utilizada no trecho, e sim a ausência de concordância nominal em “pras vaca amarela”, em que “pras” não concorda com “vaca amarela”. Em relação ao restante da passagem, nota-se que os outros trechos estão em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa.

**Exemplo 48**

Original	Tradução
I look at the page, <u>it's some people at the beach</u> . Some is white, some is orange and gray (I guess thas spozed to be colored). (p. 54)	Olho a página, <u>são umas pessoa na praia</u> . Umas são branca, umas são laranja e cinza (acho que era pra ser de cor). (p. 67)

O trecho *it's some people at the beach* pode ter significado existencial e ser traduzido para o inglês americano padrão como *there are some people at the beach*. A tradução do trecho destacado, “são umas pessoa na praia”, porém, não contém sentido existencial, apenas descritivo. No entanto, o sentido geral da mensagem não é prejudicado, e a tradução contém, ainda, elementos que contribuem para a aproximação de um dialeto social popular no trecho, devido à ausência de concordância nominal em “umas pessoa”, o que distancia o trecho destacado da norma-padrão.

Quando ao restante da passagem, é possível observar mais casos de ausência de concordância verbal em “umas são branca, umas são laranja e cinza”, de forma que a passagem, de maneira geral, aproxima-se de uma variante de baixo prestígio.

**Exemplo 49**

Original	Tradução
I look around the circle, <u>it's six people, not counting me</u> . A big redbone girl, loud bug-out girl who find my notebook at chicken place, Spanish girl with light skin, then this brown-skin Spanish girl, and a girl my color in boy suit, look like some kinda butch. (p. 43)	Olho o círculo em volta, seis pessoas, sem me <u>contar</u> . Uma sarará clara e grandona, a garota esporrenta que achou meu caderno na lanchonete, uma garota chicana de pele clara, depois uma chicana de pele marrom e uma garota da minha cor com roupa de garoto, que parece meio sapata. (p. 55)

No exemplo 49, é possível observar o *it* existencial, característico do IVAA, no trecho destacado *it's six people*, em relação ao inglês americano padrão *there are six people*. A tradução do trecho, “seis pessoas”, não contém um verbo em português que indique sentido de existência. No entanto, pelo contexto, é possível entender este sentido na oração, ficando claro que há seis pessoas no círculo. O trecho destacado, porém, apresenta-se em conformidade com a norma-padrão.

É possível notar, no entanto, que o restante da passagem contém elementos característicos de uma linguagem coloquial, utilizando termos como “esporrenta”,

“chicana” e “sapata”. Dessa forma, a passagem, como um todo, apresenta recursos que a distanciam da norma-padrão, aproximando-a de uma linguagem mais coloquial.

De forma geral, os exemplos 45-49 contêm elementos que distanciam as passagens da norma-padrão. No exemplo 45, nota-se o uso da expressão “que nem”, conferindo um tom mais coloquial à oração, além da ausência de concordância em “tudo garotas”. No exemplo 46, é possível observar ausência de concordância em “nas costa”. O exemplo 47, por sua vez, também apresenta ausência de concordância em “pras vaca amarela”. O exemplo 48 apresenta, também, ausência de concordância em “umas pessoa” e em “umas são branca, umas são laranja e cinza”. Finalmente, nota-se, no exemplo 49, o uso de termos coloquiais, como “esporrenta” e “sapata”.

## 7 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo analisar a tradução do livro *Push* para a edição brasileira, *Preciosa*. Em termos de dificuldades, foi possível observar que o tradutor precisou enfrentar vários desafios, visto que não existe uma variedade fundamentada em padrões étnicos equivalente ao IVAA no português brasileiro, conforme discutido em 5.2.1. Dessa forma, este trabalho procurou comparar o IVAA a variedades não padrão do português brasileiro, levando em consideração elementos que caracterizam um dialeto social popular e uma linguagem informal, típicos de níveis de fala coloquiais, conforme postulado por Preti (1997) e apresentado em 4.2.1.

Dado que existem muitas diferenças entre o IVAA e o português brasileiro, mesmo no tocante a variedades de baixo prestígio, foi observado que o tradutor precisou utilizar a compensação como principal procedimento tradutório, em quase todas as passagens. Para tanto, o tradutor utilizou características típicas da oralidade no português, como o uso das formas “tá”, “tivesse”, “tava”, em vez das formas padrão “está”, “estivesse” e “estava”, dentre outras soluções.

Foi observado, também, que o tradutor procurou manter o valor pejorativo das palavras de baixo calão presentes no trecho original ao traduzir tais termos por palavras populares de mesma carga semântica no português, como “puta”, “vagabunda” e “vaca”. O tradutor também procurou utilizar gírias no texto da língua-alvo em várias das passagens analisadas, possivelmente com o objetivo de distanciar a obra traduzida da linguagem culta. Notou-se também que o tradutor inseriu como recurso de distanciamento da norma-padrão o uso de expressões coloquiais como “uma porrada de vez”, “que nem”, “cair fora” e “coisa e tal”.

Além disso, a ausência de concordância nominal e concordância verbal, como em “umas pessoa”, “os viciado”, “as página”, “a gente podemos” e “eles tava” mostrou-se presente na maioria das passagens analisadas. O Quadro 7 apresenta a ocorrência desses recursos na tradução, de acordo com as características analisadas.



Quadro 7 – Uso de características de variedades não padrão

Característica do IVAA	Recursos utilizados na tradução				
	Marcas da oralidade	Gírias	Linguagem obscena	Ausência de concordância	Expressões coloquiais
Redução de encontro consonantal	X	X		X	X
Padrão sonoro de /θ/	X	X	X	X	X
Padrão sonoro de /ð/	X	X	X	X	X
Sufixo <i>-ing</i>	X			X	X
Omissão de sílabas átonas			X		
Ausência do <i>verb be</i>	X			X	
Ausência da 3ª pessoa do singular	X				
Generalização no uso de <i>is</i> e <i>was</i>	X		X	X	
<i>Be</i> habitual				X	
<i>Done</i>	X	X	X	X	X
Múltipla negação		X	X	X	X
Inversão negativa	X	X		X	X
<i>It</i> e <i>they</i> existenciais	X	X	X	X	X

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme mostra o Quadro 7, o tradutor utilizou, na maior parte dos exemplos analisados, vários recursos que distanciam a obra traduzida da norma-padrão e caracterizam uma variedade de baixo prestígio.

Visto que não existe no português brasileiro uma variedade similar ao IVAA, fundamentada em padrões étnicos, a tradução está adequada não só em termos de sentido do original, uma vez que não ocorrem perdas de mensagem no processo

tradutório, mas também de acordo com os parâmetros analisados neste trabalho, em que se levou em consideração a aproximação da tradução a variedades de baixo prestígio, como o uso de linguagem informal em níveis de fala coloquiais e de características de um dialeto social popular pelo tradutor, que conseguiu preservar, na tradução, o estranhamento causado no leitor ao ler a obra original. Vale lembrar que somente alguns trechos da tradução foram analisados, não o livro todo.

Faz-se importante ressaltar a relevância do tema discutido neste trabalho, tendo em vista os avanços nos campos da Sociolinguística e de estudos de tradução literária. Dado que este é um trabalho acadêmico de graduação, não foi possível explorar o tema de forma satisfatória. Espera-se que novas pesquisas sejam feitas e outros trabalhos investiguem e desenvolvam o tema de maneira aprofundada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2007.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). **Introdução à linguística**. v. 1 e 2. São Paulo: Contexto, 2003.
- BRITTO, Paulo Henrique. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CAMPOS, Geir. **O que é Tradução**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CAMPOS, Giovana Teixeira. **Gramática da língua inglesa: teoria e prática**. São Paulo: Riddel, 2006.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário de dificuldades da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- COHEN, David. How author created film character Precious through her own sexual abuse. **London Evening Standard**. Londres, Jan. 2010. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20100404020719/http://www.thisislondon.co.uk/lifestyle/article-23794410-how-author-created-film-character-precious-through-her-own-sexual-abuse.do>>. Acesso em: 2 fev. 2018.
- COLE, Laura J. An Interview with Sapphire at Rollins College. **Rollins 360**. Flórida, 2015. Disponível em: <<https://360.rollins.edu/arts-and-culture/qa-with-sapphire>>. Acesso em: 2 fev. 2018.
- COSTA et al. Linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1974.

DELISLE, Jean. História da tradução: sua importância para a tradutologia, seu ensino através de software multimídia e multilíngue. **Gragoatá**, v. 7, n. 13, 2016. Disponível em: <<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/809>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

DICIONÁRIO Caudas Aulete Digital. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

FIORIN, José Luiz. (Org.). **Introdução à linguística**. v. 1 e 2. São Paulo: Contexto, 2003.

GARCIA, Afrânio da Silva. Verbos designativos no português. **Soletras**. São Gonçalo, ano I, n.1, jan-jun 2001. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/4405/3205>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREEN, Lisa J. **African American English: a linguistic introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

ILIOVITZ, Erica Reviglio. **Uma análise prosódica dos lapsos da língua**. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

IMBD. **Internet Movie Database**. Base de dados sobre cinema, TV e música. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0929632/>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

LUCCHESI et al. (Org.). **Português afro-brasileiro**. Salvador, BA: EDUFBA, 2009.

LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**. São Paulo: LTC, 1987.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARVEL, Mark. **Sapphire's Big Push – Sapphire's novel, 'Push' – Interview**. jun. 1996. Disponível em: <[https://web.archive.org/web/20080310212513/http://findarticles.com/p/articles/mi\\_m1285/is\\_n6\\_v26/ai\\_18450196](https://web.archive.org/web/20080310212513/http://findarticles.com/p/articles/mi_m1285/is_n6_v26/ai_18450196)>. Acesso em: 1 nov. 2017.

PAKKINEN, Tomi. **A study of African American Vernacular English in three novels and colloquial Finnish in their translations** – The Dark Tower II: The Drawing of the Three, A Time to Kill and Push. 2013. Dissertação (Mestrado). Instituto de Línguas e Estudos de Tradução. University of Turku. Turku, Finlândia. Disponível em: <<http://www.utupub.fi/bitstream/handle/10024/93449/paakkinen2013.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

PAGANINE, Carolina; FONSECA, Ester. Algumas considerações sobre variação linguística e tradução literária. **Revista Non Plus**, n. 7, p. 67-77, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/nonplus/article/view/106913>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

PRETI, Dino. (Org.). **Sociolinguística: os níveis de fala**. 8. ed. São Paulo: EdUSP, 1997.

RICKFORD, John. **African-American Vernacular English**. Massachusetts: Blackwell, 1999.

\_\_\_\_\_. What is Ebonics (African American Vernacular English)? **Linguistic Society of America**, 2003. Disponível em: <[http://www.johnrickford.com/portals/45/documents/papers/Rickford-2003c-What-is-Ebonics-\(African-American-Vernacular-English\)-LSA-FAQ.pdf](http://www.johnrickford.com/portals/45/documents/papers/Rickford-2003c-What-is-Ebonics-(African-American-Vernacular-English)-LSA-FAQ.pdf)>. Acesso em: 28 out. 2017.

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

SAPPHIRE. **Push**. Nova York: Vintage Books, 1997.

\_\_\_\_\_. **Preciosa**. Tradução Alves Calado. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

SILVA, Carlos Alberto Gonçalves da. **Da cor da cultura à cultura da cor: o Black English em The Color Purple**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.cbc.ufms.br:8080/jspui/handle/123456789/1107>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SUMMERS, Claude J. **Sapphire (Ramona Lofton)**. 2009. Disponível em: <[http://www.glbqtarchive.com/literature/sapphire\\_L.pdf](http://www.glbqtarchive.com/literature/sapphire_L.pdf)>. Acesso em: 1 nov. 2017.

THOMAS, Erik R. Phonological and Phonetic Characteristics of African American Vernacular English. **Language and Linguistics Compass**. v. 1, 2007. p. 450-475. Disponível em: <<https://repository.lib.ncsu.edu/bitstream/handle/1840.2/2062/Thomasj.1749-818X.2007.00029.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 1 out. 2017.

VELOSO, Waldir de Pinho. **Metodologia do trabalho científico**: normas técnicas para redação de trabalho científico. São Paulo: Juruá, 2011.

XAVIER, Adelmo. **Língua e políticas de exclusão**: o caso do inglês vernacular afro-americano (EBONICS). VIII Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, 2007. Disponível em: <[http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/Vozes\\_Olhares\\_Silencios\\_Anais/Linguistica/Adelmo%20pronto.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/Vozes_Olhares_Silencios_Anais/Linguistica/Adelmo%20pronto.pdf)>. Acesso em: 28 out. 2017.